

# O COMPLÔ

*F*  
EDITORA  
FAITH

O ocultismo e todas as  
variantes se lançam contra  
uma pequena congregação,  
numa trama perfeita  
para destruí-la!

Do mesmo autor de *Ratos de Igreja*

**João A. de Souza Filho**

# O Complô: Infiltração do Satanismo na Igreja!

João A. de Souza Filho

O ocultismo e todas as variantes se lançam contra uma pequena congregação, numa trama perfeita para destruí-la!

*Tramam astutamente contra o teu povo e conspiram contra os teus protegidos (Sl 83.3).*

Editora Faith  
Porto Alegre – RS

Título: O Complô: Infiltração do Satanismo na Igreja!  
Autor: João A. de Souza Filho  
Capa: Nilson Zalewski  
Diagramação: Nilson Zalewski  
Local: Porto Alegre, RS  
1ª. Edição 2004 - ISBN: 85-98131-02-4  
2a. Edição em E-book, 2011. ISBN: 978-85-98131-26-9

Os textos aqui usados são da Nova Versão Internacional (NVI) e da Edição Revista e Atualizada (ERA) da Sociedade Bíblica do Brasil, a menos que outro texto esteja explicitado em parêntesis.

Os nomes de pessoas mencionados nesse livro são todos fictícios. Quaisquer semelhanças é pura casualidade.

É proibida a reprodução total ou parcial deste livro, sejam quais forem os meios empregados: eletrônicos, mecânicos, fotográficos, gravação ou quaisquer outros, sem permissão por escrito dos editores, a não ser para resenhas ou notas em jornais.

## Sumário

<b>Apresentação.....</b>	<b>5</b>
<b>Capítulo 1 - O Borracheiro .....</b>	<b>6</b>
<b>Capítulo 2 - Manoel .....</b>	<b>16</b>
<b>Capítulo 3 - Mortes Misteriosas! .....</b>	<b>29</b>
<b>Capítulo 4 - A Policial que Atravessou meu Caminho..</b>	<b>33</b>
<b>Capítulo 5 - O Misterioso Paulo .....</b>	<b>40</b>
<b>Capítulo 6 - “Nenhum Mal Chegará à Tua Casa”.....</b>	<b>50</b>
<b>Capítulo 7 - Casa Misteriosa .....</b>	<b>58</b>
<b>Capítulo 8 - O Novo Bairro .....</b>	<b>68</b>
<b>Capítulo 9 - Misteriosos Homens da Noite .....</b>	<b>72</b>
<b>Capítulo 10 - O Casaco de Visom .....</b>	<b>82</b>
<b>Capítulo 11 - Constantina .....</b>	<b>93</b>
<b>Capítulo 12 - Ocupados demais! .....</b>	<b>106</b>
<b>Capítulo 13 - A Vareta Quebrada .....</b>	<b>112</b>
<b>Final.....</b>	<b>116</b>

## Apresentação

Complô: Infiltração do Satanismo na Igreja é a dramática história de um pastor e sua congregação que estão na mira do Diabo. Ninguém percebe o laço armado, a cilada bem urdida, até que uma investigadora policial atravessa no caminho do pastor. Ela investiga um crime acontecido nas matas próximas às praias da Zona Sul da cidade, e a linha de investigação passa pelo pastor da igreja!

A pequena congregação leva uma vida normal e nem se dá conta da trama, mas coisas desagradáveis começam a ocorrer entre os membros da igreja. O pastor é o único que percebe!

João A. de Souza Filho relata como Deus interfere nos planos do Diabo sem que nos demos conta do perigo iminente diante de nós. É um conto que mescla realidade com ficção, de experiências pastorais ao longo dos anos, em que o leitor não percebe a linha divisória entre uma e outra. O mundo espiritual é visto sob nova perspectiva e se abre diante de nós nas páginas desse livro.

Deleite-se!

Editora Faith

## Capítulo 1

### O Borracheiro

Para entender bem essa história, você tem de saber o que faço. Sou pastor e vivo envolvido com pessoas, participando da alegria e das tristezas delas. Quero dizer: sou um pastor à moda antiga, que cuida de pessoas, ouve seus dramas, chora e ri com elas, participa de aniversários, casamentos, funerais, batizados, enfim, um pastor. Por isso essa história começa de maneira casual, corriqueira. Não existe uma trama preparada arditamente como fazem os escritores quando querem relatar um conto, um romance, ou uma história qualquer. Não estou para Edgard Allan Poe que maquinava seus mistérios, nem para Machado de Assis ou Érico Veríssimo, relatando dramas e sagas de família; nem ainda pretendo ser como os escritores modernos que planejam arditamente seus contos. Escrevo apenas o que aconteceu, e como disse, de maneira casual!

E foi dentro dessa rotina diária de atender e ouvir as pessoas que Celma, estava ali, sentada diante de mim, falando de seu marido. Conforme seu relato, ele precisava ser salvo e curado. Enquanto falava percebi que ela desconhecia completamente o sentido do que é ser salvo – para ela era uma questão de freqüentar a igreja. Desconhecia também o que se passava no mundo espiritual. Com as mãos entrelaçadas, apertava os dedos uns nos outros, e vez que outra esfregava uma unha na outra; imagino que todo seu nervosismo se concentrasse na palma das mãos, visto que não parou de mexer os dedos um só momento enquanto contava seu dilema. Para ela, o que estava me relatando acontecia com tanta gente, mas no seu caso, era diferente.

Seu marido vivia com constantes dores nas costas que o impediam de trabalhar, enquanto precisava de saúde e de boa forma física para abaixar e se levantar, erguer peso e movimentar pneus. Ela logo me deu o endereço onde ele trabalhava. Trinta e oito anos com a borracharia no mesmo prédio! Trabalho duro; o indivíduo se abaixa e se levanta o dia todo! Põe macaco, tira macaco! Afrouxa os parafusos, aperta os parafusos. Calibra o pneu. Vê se está tudo certo. E um novo cliente espera a vez de ser atendido. Sua mulher me diz que o borracheiro tem um problema de saúde: as constantes dores nas costas não lhe permitem traba-

lhar direito; está pensando em largar tudo. E chega em casa nervoso, agitado. Quando não briga com todo mundo, acomoda-se no seu silêncio interior diante da tevê.

Dias depois, como andava nas proximidades, resolvi visitar seu marido no local de trabalho e ver o que se passava com o homem. Queria observá-lo trabalhando, desparafusando rodas, consertando... Gosto de ver as pessoas lidando em suas profissões. A habilidade do marceneiro em transformar um pedaço de madeira, do ferreiro, do pintor, do advogado ao telefone...

O carro levantado, meio ladeado sobre o macaco hidráulico, dizia tudo. Ali era a borracharia. Fiquei na calçada, apenas observando. Enquanto estou ali, pronto para entrar na oficina e conversar com o borracheiro, um velho aparece ao meu lado e entabula uma conversa. Nem vi de onde apareceu. Desconfiei dele, pois dona Celma, mulher do borracheiro, quando conversou comigo levantou suspeitas sobre o morador da casa ao lado da borracharia. Seria esse homem? Decido averiguar, e pergunto:

- É você que mora na casa ao lado, aquela do portão de ferro?
- Não, responde o cidadão.

Bisbilhoteiro, dou alguns passos e resolvo espiar pela fechadura do portão. Precisava ver a casa ao lado, pois Celma disse umas coisas sobre o morador dali, levantou suspeitas e a gente fica tomado de curiosidade. O que ela me disse fez minha mente imaginar a existência de um mundo tenebroso e sinistro, com personagens invisíveis, usando o antigo casarão como território. Imagino que dali partem ordens a seres misteriosos para que executem os pedidos que noite e dia chegam pelo ar; modernamente, por telefone. Ali não se ouvem tambores nem velas são acesas, mas, imaginei, o sujeito que consegui enxergar - colocando um olho só pela fechadura do portão e que aparecia minúsculo no fundo do pátio - assumia ares de bruxo, sem aquela capa e chapéu preto tradicional. Estava todo de branco. Agora não era imaginação: era real. Havia um homem de branco no pátio.

O velho que seguira comigo sem eu perceber, deu sua opinião:

- Ele nunca usa roupa escura. É uma dessas pessoas que estão sempre alegres e sorridentes, mas que nunca está em casa quando coisas ruins acontecem nas casas ao lado. Aparece todos os anos de carro novo.

Dizem que rouba um carro, utiliza-o o ano todo e, quando expira o licenciamento, retira os bancos, as rodas e o motor, vende tudo e joga a carcaça no rio. Estou apenas repetindo o que se ouviu por aí.

Franzi o cenho, dando a entender que não estava entendendo o que ele queria dizer com seu comentário, continuei a olhar para dentro do portão, e sem me virar para ele, perguntei:

- Como anda a vida nesse bairro?

Ele também sem olhar para mim, olhos fixos no chão, respondeu:

- A maioria da população daqui mudou para os novos bairros da cidade. Esse bairro está se deteriorando e a população que aqui permanece está morrendo com ele. É só gente velha, concluiu.

A antiga casa em cuja garagem funcionava a borracharia, construída em estilo açoriano, com a pintura desbotada, tem nos pequenos detalhes da fachada a pompa da década de 1930. Logo acima das janelas aquele rendado entrelaçado de flores e fitas, feitos em cimento que os portugueses pintavam de outra cor para realçar. Mas havia também decorações que nada têm a ver com a arquitetura portuguesa. Nos cantos da casa pequenas esculturas de mini Atlas segurando o globo nas costas - neste caso, imaginativamente o peso do telhado. Junto ao telhado vestígios dos gárgulas de boca aberta, olhando para cima, por onde entrava a água da chuva que escorria pelos telhados. Não eram feios; eram figuras com asas abertas, como as do colibri que se mantém no ar; as bocas escancaradas, o que me levou a duvidar da presença portuguesa na arquitetura. Só que a calha de água havia muito desaparecido. Agora só o vestígio de uma época dourada. Quem construiu a casa tinha bom gosto.

- Mas por que a propriedade nunca mais foi habitada por seus donos?, pergunto curioso.

- Maldição! Maldição de português é pior que de judeu praticante da cabala, atravessa gerações; é assim que se dizia nos Açores, respondeu o homem.

Percebi que me examinava da cabeça aos pés; fiz de conta que não notei e por algum momento não lhe dirigi a palavra. Fiquei ali imaginando os portugueses embarcando em galés sujas, sendo despejados pela Coroa ao longo da costa brasileira. Eles chegaram aqui, rejeitados pela



Coroa Real. Lançados nos porões fétidos dos veleiros cujas velas estufavam ao sabor do vento tropical, esses portugueses açorianos foram plantados aqui, como se planta um pé de milho no fundo do quintal. Planta-se, colhe-se o fruto e depois o pé de milho é arrancado, queimado, ou deixado para adubo sobre a terra. O governo português precisava ocupar o Novo Mundo, e abriu nas praias brasileiras as portas das prisões, lançando sua gente na terra desconhecida. Aqui os plantou, usou e os abandonou! Mas os portugueses foram valentes, pensei.

Parei minha reflexão, e dando-me conta de que o velho estava ainda ao meu lado, perguntei:

- Mas o que houve com a família que morava nessa casa? Você falou em maldição? Dessa vez me encarando nos olhos, rosto enrugado, respondeu:

- Ninguém sabe direito. Era uma família boa, não muito rica, pois para morar nesse ponto da cidade, próximo ao porto, deveria ser algum comerciante. E continuou: - Nós os portugueses - e falava com aquele jeito peculiar com chiado e tudo - desbravamos essa terra, detivemos as águas do rio erguendo o porto, criamos indústrias, cultivamos a terra e hoje tudo o que resta são as carcaças dos edifícios que edificamos.

E ia desabafando, dizendo que pelo porto que ergueram chegaram italianos, alemães e polacos invadindo o comércio local... Fez uma pausa com a voz. Aproveitei para interrompê-lo, e antes que começasse a falar mal dessa gente, indaguei se chegara a conhecer os antigos moradores da casa.

Diante da interrupção, seus olhos brilharam. Era como se uma fâsca fosse acesa em sua memória; como se sua alma vislumbrasse naquele momento a manhã da ressurreição. Eu achava que ele era velho, mas não parecia tão velho assim quando se olhava nos olhos dele, quem sabe a vida lhe havia sido ingrata. Seu rosto de açoriano gasto pelo tempo, cheio de rugas, esboçou um sorriso nada tímido e me disse:

- Os Souza!

Mas depois de pigarrear, acrescentou:

- Nessa casa morou primeiro a família do Felisbino de Souza; depois a família se misturou com os Silva e vieram os Garcia e os Santos...

Interrompeu o que dizia, abaixando a cabeça como num ato solene de profundo respeito, e continuou: - mas aí a maldição pegou. Imagine - falou em voz baixa inclinando a cabeça para me falar baixinho como quem conta um segredo - os Souza dos Açores, os Silva da Madeira, os Santos do Alentejo e os Garcia da fronteira com a Espanha fizeram essa casa estremecer.

Volto a olhar para a casa e, sinto no ar que o morador que dizem ser um invasor ali há cinco anos, que nunca pôde ser tirado da casa, descobriu no antigo sobrado o ambiente perfeito para suas práticas espirituais. Vestido de branco - fui informado - recebe visitas só à noite e, durante o dia pouco aparece, e quando o faz, some como a neblina ao calor do sol. Por uma fresta vejo um homem no pátio, encoberto pelo portão de grade - estilo português também - em que alguém colocou umas chapas de ferro sobre os ferros artisticamente trabalhados, levando privacidade ao local. É um desses portões cobiçados por arquitetos à cata de prédios antigos demolidos. Serve para decorar os modernos jardins de hoje! Diante de meu silêncio, o português toca em meu ombro e diz:

- É interessante observar que quando sai de casa, o morador dela está sempre de terno e gravata; e os vidros escuros do carro o escondem atrás do volante. Dizem que têm três mulheres morando com ele aí dentro!

Com um ouvido escutei o que o homem dizia, enquanto olhava novamente pela fresta. O morador da casa desaparecera por trás dos arbustos plantados no pátio. Um enorme coqueiro erguia-se imponente como guardião do quintal.

- Eu só conheci os moradores daqui a partir dos anos 50 ou 60, depois da grande enchente, falou o velho.

Referia-se à grande cheia de 1941 que alagou a cidade. E continuou com suas considerações:

- Já havia gente nesse bairro desde 1890. Meus pais falavam dos moradores que aqui chegaram. Eles já diziam que a maldição alcançou todo mundo.

E desandou a falar de crimes, traições e mentiras entre essas famílias.

- É como nos grandes teatros - avisou, - abrem-se as cortinas, e

depois outras, e outras, mas ainda ficam cortinas mais atrás que haverão de ser abertas. Ninguém sabe o que há por trás delas. Assim é o desdobramento das maldições! Aparecem no próximo cenário da vida. Em algum descendente!

Ansioso por falar, não se conteve: - Não sei muita coisa meu filho, mas quando a maldição veio sobre esses conterrâneos, até o bairro envelheceu. Esse bairro era próspero nos anos 30 a 60. O bonde gaiola passava aqui em frente, sacolejando passageiros e despejando os trabalhadores para as grandes empresas. A faísca que saía do cabo que prendia o bonde ao fio elétrico iluminava as noites e madrugadas. As grandes fábricas instalaram-se aqui. A Renner, a Wallig, a Casa Genta, os Moinhos Riograndense, a Neuguebauer...

Fez uma pausa e mudou de assunto:

- Pelo que fiquei sabendo os Souza casaram-se com os Silva do outro quarteirão. Estes, com os Santos do quarteirão mais ao sul; e cada uma dessas famílias misturou-se com os Garcia.

- Português com português gera português, brinquei!

Ele sorriu e acrescentou: - Também para cá vieram russos, poloneses e alemães.

Insisti que me respondesse como começou a maldição, e ele com muita desenvoltura, falou:

- Pela traição. Maldição sem traição não é maldição. Toda maldição traz consigo enfermidades, pobreza, moléstias e tem que ter uma dose de traição! E houve casos de traição entre eles. Foram tantos os casos em que tios e sobrinhos engalfinharam-se em brigas; os primos traíam uns aos outros nos negócios; concunhados tinham o maior prazer de dormir com a esposa do outro, sem levantar suspeitas. Até os irmãos brigavam e se matavam. Quando tudo veio à tona, a casa estremeceu. Os velhos morreram de desgosto. Três crimes passionais acabaram por terminar a família. Os portugueses amam de verdade, mas quando entra a perfídia, com ela vem o ódio e as mortes.

Ouvindo tudo isso, dei-me conta de que estava ali tentando encontrar o marido de dona Celma. Queria conversar com ele, investigar as razões das dores de sua coluna, orar por ele, e acabei por entrar numa conversa sobre maldições. Achei interessante a conversa com o portu-  
guês.

ês, que esqueci que viera para falar com o homem que trabalhava na borracharia.

O português não desgrudou e me perguntou: - O senhor crê em maldição?

A pergunta dele tinha algum sentido. Assenti positivamente com a cabeça.

O homem com quem eu conversava tinha informações que me poderiam ser úteis, pensei. Conversar sobre genealogias, famílias, maldições, etc. é bem interessante. O pior é quando se descobre na árvore genealógica, não um príncipe, mas um bandido, um assassino! Mas eu tinha de falar com o borracheiro, afinal, sua esposa andava preocupada com ele. O homem fez menção de seguir adiante e nos despedimos. Ele colocou no bolso da minha camisa um pedacinho de papel rabiscado com seu primeiro nome e telefone.

- Se precisar, é só ligar, disse. – Estranho, pensei. Nem falei para ele quem sou. O tráfego fluía sereno em direção à ponte. Parados ali, conversando, nem me dei conta do avançado da hora.

Um Monza estava meio ladeado suspenso pelo macaco hidráulico; agachado ao seu lado, um senhor, não muito idoso, arfava tentando desaparafusar a roda do carro. Minha atenção foi atraída pelo barulho de uma peça de metal que tiniu ao cair no chão. Era a chave estrela que usava. Ainda não tinha um parafusador elétrico! Era no muque mesmo! Ali estava o homem com quem devia conversar. Mas como me apresentar?

O borracheiro tinha uns sessenta anos, mas parecia ter mais idade, vestido com o macacão de trabalho, sujo com a poeira preta que solta dos pneus. O cliente do Monza pagou o conserto, e saiu. Antes que se assustasse com alguém entrando em sua oficina a pé, apresentei-me:

- Sua esposa pediu que eu viesse aqui conversar com você. Ela está preocupada com suas dores nas costas e com seu estado geral de saúde. Vim aqui para orar por você.

- Você é médico?, perguntou o borracheiro.

Ele me olhou de forma estranha quando lhe falei que era pastor. Orar por uma pessoa é um bom começo de diálogo; afinal, raramente alguém rejeita uma oração!

As mãos sujas de tanto manusear pneus apertaram com vigor as minhas. Desculpou-se pela sujeira, puxou a cadeira de praia com algumas tiras rotas e se sentou. Quem sabe na cadeira em que sentava estava o mal de suas costas? Na entrada, ao lado, dois bancos dianteiros de fusca, também rasgados, serviam de sala de espera. Sobre o balcão, em meio às ferramentas, uma cuia de chimarrão e uma garrafa térmica que já perdera a cor de tão suja; o homem gostava de um bom mate. Hoje a maioria das borracharias é limpa e raramente deixam vestígios ou sujeira. Mas essa era como as de antigamente; não se renovara.

- Ando mal da coluna, resmungou entre os dentes.

Apontou-me um banquinho de madeira onde me sentei. Ele passou a contar das dores nas costas, do cansaço e da clientela que não aparecia:

- Antes os pneus tinham câmara de ar; hoje a maioria dos carros roda com pneus sem câmara e isso traz menos freguês. Mas ainda aparecem por aqui carros com pneus de câmara de ar, especialmente carros mais antigos. Há sempre um prego rasgando os pneus, mesmo os sem câmara. Não sei o que mais me preocupa: a falta de clientes ou as dores na coluna. Vivo tomando remédios para as dores e antiinflamatórios.

Tentei desviar do assunto. Se lhe dissesse que também tive sérios problemas na coluna a ponto de me arrastar pelo chão durante a noite, ele iria contar seu rosário de enfermidades. Existem pessoas que se deleitam em desfilarem seu rosário de dores e mal-estar. Basta dar cordas à conversa; um assunto puxa o outro. Eu queria ir direto ao motivo de minha presença ali.

- Você crê que Deus pode lhe curar?, arrisquei, fazendo uma pergunta tola, porque, sempre imagino que as pessoas creiam no poder de Deus! Ele assentiu. Falei sobre Deus, Jesus, sua morte na cruz, Isaías 53, as dores levadas sobre Jesus na cruz, o perdão de nossos pecados e, logo orei por ele. Às vezes nós os pastores adaptamo-nos à rotina de um médico do SUS: não gastamos nem cinco minutos com o paciente! Mas acho que demorei meia hora falando da vida abundante que há em Jesus.

Quando estava terminando de orar, observei pelo canto do olho o homem da casa ao lado nos observando junto à porta. Senti arrepios

pelo corpo. Isso me intrigou, afinal, só sinto arrepios com demônios por perto. A presença dele causou-me estranheza. Não era o mesmo homem que eu vira pela fresta da fechadura. Estava bem trajado, jeans e paletó branco; uma corrente de ouro grossa aparecia sob o colarinho aberto da camisa mostrando um peito cabeludo. Duas pulseiras de ouro ornavam-lhe as mãos. Um anel grosso cingia seu dedo ao lado de uma aliança. Fomos apresentados.

- Este é o pastor - falou o borracheiro. Veio orar por mim.

- Meu nome é Paulo. Muito prazer. Moro na casa ao lado.

E da mesma forma como apareceu, sem qualquer explicação virou as costas, saiu e entrou pelo portão da casa dele.

Puxei assunto com o borracheiro. - Sujeito estranho, parecia um fantasma surgido do nada.

O borracheiro foi até à porta certificar-se de que Paulo não estivesse nos ouvindo e falou:

- Faz cinco anos que ele mora na casa ao lado. Dizem que é um invasor. Parece que ninguém reclamou na justiça o direito de propriedade dessa velha casa. Ali morou uma família de portugueses - que desgraça caiu sobre a família, suspirou. Conheci a família em processo de degradação. Depois que se mataram uns aos outros, a casa ficou fechada durante alguns anos, até que um sujeito usou-a como bordel. Para ter idéia - disse-me - estou neste ponto desde que o último bonde passou por aqui, e lá se vão os anos! Aí veio esse sujeito misterioso morar na casa. Durante o dia tudo é calmo. Não há vizinhos por perto, a não ser bares e casas de prostituição; mas, já fui informado de que a noite acontecem coisas estranhas nessa casa. Chegam carrões, mulheres e até a polícia. Às vezes a polícia dá umas batidas como se estivesse à cata de alguma coisa. Mas acho que é só para mostrar serviço. Desconfio que o sujeito mexa com coisa da pesada! Alguém me informou que ele usa carros roubados e quando está na hora de fazer o licenciamento, joga o carro no rio e aparece com outro, devidamente licenciado.

Era a segunda pessoa que me dizia a mesma coisa, pensei. Fofoca de vizinho.

Era fim de tarde. Terça-feira. Noite do culto de oração. O vento primaveril soprava do Norte anunciando chuva. O ruído da cidade dizia

que era hora do pique. Despedi-me do borracheiro, dei-lhe meu cartão com o número do telefone e voltei para casa.

## Capítulo 2

### Manoel

A semana foi de muito trabalho. O que mais cansa no ministério pastoral não são os cultos; esses são um deleite à alma, pois nos cultos cantamos, oramos, falamos com Deus, pregamos e abraçamo-nos uns aos outros. Nem tão pouco as pessoas. Somos chamados para cuidar delas, ajudá-las. O que mais cansa é o telefone. Pois o telefone é impessoal, deixa a gente sem saber o que a pessoa está fazendo do outro lado. Ela pode fingir que está tudo bem, ou que está tudo mal, que está rindo ou chorando. E algumas pessoas só sabem dizer o que pensam por telefone. É difícil para elas olhar nos seus olhos, por isso usam só o telefone. E quase sempre ligam na hora do noticiário ou do almoço! Quando se sentam diante da gente, ficam mudas, nervosas, mas ao telefone, falam pelos cotovelos! Por isso, no ministério pastoral o que cansa mesmo é o telefone!

O pastor tem que cuidar dos conflitos de relacionamentos; apaziguar os ânimos, ouvir, ouvir e ouvir. O que ele mais faz é ouvir; e as pessoas querem ser ouvidas. Elas sentam na poltrona do gabinete, conversam e conversam sem parar. E vão embora. Precisam desabafar. Seu trabalho é escutar. Quando vê, seu dia está chegando ao fim, mas à noite se ocupa com os programas da igreja, e, aí sim, precisa falar. Ao chegar em casa, quer ficar só, mas as crianças e a esposa querem falar!

Hesitei se devia ou não ligar para o homem que se aproximou de mim na borracharia, mas ali estava seu nome no pedacinho de papel: Manoel. Um forte impulso levou-me a tomar coragem e liguei. Marcamos encontro exatamente uma semana depois daquela terça em que nos encontramos da primeira vez. Acho que o homem tem coisas importantes a dizer, imaginei.

Marcamos nosso encontro numa praça bem arborizada a quatro quadras da borracharia. Sentado, enquanto o esperava, observei que ele trazia uma sacola plástica - dentro, alguns cadernos e livros. Eu conhecia bem aquele local. Já havia pregado ali em cultos ao ar livre. Não sei porque se interessou tanto em falar comigo sobre maldições. Sentou-se ao meu lado num banco de praça debaixo dos jacarandás floridos. De-



pois que nos cumprimentamos, Manoel falou:

- Sou descendente de português, e quero conversar com você, pastor, sobre maldições. Tenho certeza de que este assunto lhe interessa.

Assenti com a cabeça.

Ele continuou:

- As pessoas imaginam que as piores maldições vêm dos celtas, dos ingleses, dos judeus e dos ciganos, mas esquecem dos portugueses. Eles têm a boca maldita! Foram eles a ponte que levou as maldições para o Novo Mundo e para o Oriente. O papel que os fenícios ocupavam na navegação mundial do período antes de Cristo foi mais tarde realizado por Portugal. Enquanto os colonizadores ingleses levaram o protestantismo para o Norte, os portugueses e espanhóis trouxeram o catolicismo para a América latina. E o Brasil ocupa posição estratégica mundial. Os portugueses tinham intenções malignas com a colonização do Brasil. Você sabia?

Estranhei. Admirado, perguntei:

- O que você quer dizer com isso? Não foram apenas questões político-econômicas que fizeram os ingleses irem para a América do Norte e os portugueses e espanhóis para a América Latina? Historicamente nada há que comprove esse argumento, não é mesmo? A não ser o fato de nossa história do Brasil ser tão cheia de erros e contradições...

O português ergueu a mão, como a me pedir atenção e disse: - Estamos falando da história no nível espiritual, e os jesuítas que escreveram a história do Brasil apenas registraram fatos pela ótica jesuítica. A história do Brasil foi escrita sob a ótica dos padres que só anotavam o que a igreja permitia. O único que escreveu a verdade foi Rocha Pombo, mas depois a Igreja pegou seus livros e alterou a história! Antigamente só os nobres e os padres sabiam escrever, por isso o navio de Pedro Álvares Cabral trazia alguns deles que registravam os acontecimentos. - E você sabe pastor, prosseguiu ele, que essa história de que Cabral descobriu o Brasil não é verdade? O Brasil já havia sido descoberto, os portugueses apenas vieram colonizá-lo. Fernando Magalhães já havia passado por aqui antes de 1500! Cristóvão Colombo também!

Ponderei comigo mesmo que essa é uma verdade que está voltando às páginas de nossos livros didáticos de história, por isso, interessado em

tirar do homem mais informações, dei atenção ao que dizia. O homem entendia muito bem do que falava. Ele continuou:

- O mundo espiritual passa despercebido dos homens e dos historiadores; está acima da compreensão deles. Nenhum historiador trata dos acontecimentos do mundo espiritual, até porque não tem como fazer isso, mas existe um outro mundo que acompanha simultaneamente o que acontece no mundo natural. Você sabe - está na Bíblia. Enquanto alguns lêem a Bíblia e só vêem letras ou história, outros vêem nela um outro mundo. Quando lemos a Bíblia um olho vê a história natural e o outro acompanha o mundo espiritual.

Meu interlocutor parou para tomar fôlego, olhou para algum ponto distante da praça e disse:

- Nem todo historiador ou antropólogo se interessa pelos acontecimentos paralelos. Eles apenas registram o que vêem. Mas e o que não vêem?

Concordei. - É assim do Gênesis ao Apocalipse.

Ele me interpelou: - Há sempre dois mundos e os reis e imperadores sabiam disso; um dos poucos que ignorou essa realidade ficou pastando sete anos como animal no campo.

Ele se referia a Nabucodonosor, rei dos Caldeus, que ficou sete anos pastando como animal até que reconheceu que o Altíssimo reina.

- Poucos conhecem o mundo dos espíritos, disse-me o velho. - Alguns tentam alcançá-lo e se dão mal. Outros se utilizam da cabala judaica, do esoterismo, de retiros espirituais, dos graus da maçonaria, e mesmo assim conhecem em parte. Digamos que alguns apenas conseguem olhar a periferia, como se visitassem o Rio de Janeiro e ficassem na Zona Norte olhando lá da Penha o Cristo Redentor, sem nunca poder ir à Zona Sul - dando a entender que conhecia bem o Rio de Janeiro.

E continuou:

- Assim também no mundo espiritual. Há um mundo espiritual habitando a periferia. Ali residem espíritos de pouca grandeza....sabe essas casas... Fez uma pausa, engoliu a saliva e descansou um pouco. Depois, acrescentou: - Poucos são os pastores que conseguem circular pelos dois mundos, quando muito pela periferia, mas não nas “profundezas de Satanás”, ou no deleitoso reino do Empíreo. Aliás, rara-

mente algum evangélico dispõe-se corajosamente a entrar no mundo dos espíritos.

Empíreo. Quem mais usou esse termo - pensei - foi John Milton. Concordei com algumas colocações dele e, enquanto falava minha mente deu um rápido giro pelas Escrituras. De fato, pensei, nada na Bíblia é natural. Ali tudo é espiritual. Imagine uma serpente falante, uma mula conversando com seu dono, um galo cantando na hora certa, vespas, pedras que caem do céu.... meu Deus, a Bíblia é realmente a senda que indica a existência de um mundo superior. Não só a Bíblia fala desse mundo superior, os filósofos gregos falavam dele com muita propriedade! Os doze trabalhos de Hércules refletem bem o que o português queria dizer. Pensei em Cérbero o cão que ficava à porta do inferno, vigilante, com várias cabeças, enroscado em serpentes. Vigiava para que ninguém fugisse do Hades! Foi derrotado por Hércules. Falei disso para o velho que arrematou: - A literatura grega é o retrato da história paralela do mundo espiritual! E aí me lembrei dos episódios bíblicos, todos com seu paralelo espiritual...

O descendente de portugueses percebeu onde eu queria chegar. Dei uma sacudidela com a cabeça, pois meus pensamentos corriam pelo mundo espiritual que a Bíblia tão bem descreve.

- Mas você tem em mente o quê? O que tem a ver a casa ao lado da borracharia com os portugueses e a degeneração do bairro? - perguntei, tentando sair dessas questões históricos-espirituais e colocar a conversa num nível mais atual.

- Maldição, respondeu. Os celtas e ingleses associaram-se aos judeus e ciganos e fizeram dos portugueses o depositário de imprecizações. Os ciganos são povo peregrino porque foram amaldiçoados.

Decidi não conversar com ele sobre temas específicos, mas ele continuou:

- Os magos europeus, cuja origem é caldaica e egípcia previram que o equilíbrio da civilização viria para o oeste; que o berço da civilização iria parar no tempo e que novos mundos seriam descobertos. Eles precisavam conservar e espalhar seu misticismo pelo mundo que ainda viria a ser conquistado. Tranqüilo, continuou: - Os magos também previram que com o renascentismo, com o iluminismo e o intelectualismo emer-

gente por toda a Europa as novas gerações passariam a desacreditar em sua religião, se bem que não consideraram magia religião - enfatizou, e o novo mundo era a esperança deles, a solução para preservar sua fé. Pessoas de visão espiritual sempre se antecipam aos acontecimentos, às vezes mil anos antes!

Olhando para ele, pensei comigo mesmo: - Esse velho tem muito a me dizer. Eu sabia que muitos, no passado, viram onde o mundo floresceria economicamente e para lá se mudaram, como a família Rothschild, banqueiro alemão, que em 1798 enviou um de seus filhos para se instalar em Londres, entendendo que o futuro financeiro do mundo estaria na City. Engoli a saliva, e perguntei:

- O que você quer dizer?

- Imagine, continuou ele, está na Bíblia. Deus tirou Abraão da Caldéia e o trouxe mais para o Ocidente. Você nunca imaginou por que?

E ele mesmo tratou de se responder:

- Porque o centro dos acontecimentos mundiais seria a Palestina. Ali seria, anos depois, o maior entroncamento rodoviário das rotas mercantis do mundo. As caravanas poderiam sair da longínqua Espanha, atravessar a Europa, chegar ao norte, Turquia, Grécia descer por Damasco e chegar ao norte da África passando por Israel! Paulo saiu de Israel e chegou à Espanha como pregador. Ele pensava em ir para o sul da atual Rússia e recebeu uma divina revelação de que deveria continuar para o Oeste.

Lembrei-me de que falava de Atos 16. Não havia dúvidas, esse homem conhecia a Bíblia.

- O deus de Paulo sabia que a Fé teria que alcançar o Ocidente e não o deixou ir para a Bitínia e Ásia. Os místicos também se anteciparam aos acontecimentos e planejaram um meio de não deixar sua fé morrer. Vieram para o Ocidente, acrescentou.

E o português parecia ter um discurso sobre futurologia. Ia mencionar os acontecimentos mais recentes – de cem anos para cá - como a vinda para o Ocidente de povos que imigraram da Rússia, Escandinávia, China, Mongólia. Pentecostais, evangélicos, religiões orientais, seitas, todo mundo vindo para Ocidente...

Eu o ouvia atentamente, mas retruquei: - Mas aqui a religião Afro é a mais visível, e eles não vieram espontaneamente, mas trazidos como escravos.

- Em parte, respondeu. Primeiro porque os chefes de suas tribos na África os vendiam como escravos com dois objetivos: enriquecerem-se e exportar a religião. Segundo, porque a religião vinda da África, a feitiçaria dos celtas, o orientalismo com seus deuses, a cabala judaica, o esoterismo e a maçonaria com todos os seus graus e lendas formam uma grande teia.

Ele abriu seu guarda-chuva - apesar do dia ensolarado - e me mostrou como era feita sua armação.

- Vê, - apontou para o centro do guarda-chuva, todas as varetas convergem para o centro. Tinha um guarda-chuva antigo, não desses feitos em Taiwan, portáteis e descartáveis. Um guarda-chuva dos bons! E continuou: - Imagine cada uma dessas varetas sendo uma linha de ocultismo. Todas convergem para um mesmo ponto!

- Hummm...! Pensei. Deve-se levar em conta essa argumentação!

Ainda assim queria ver como encaixar a casa ao lado da borracharia nesse quadro espiritual que se abria diante de mim.

- Espere, argumentei. Vamos por partes. Existe hoje um grande despertar do ocultismo nesses países europeus, especialmente na Inglaterra.

O homem pigarreou, apoiou-se sobre o cabo do guarda-chuva e este se encravou na grama do jardim. Estávamos em fins de outubro, e alguns jacarandás floridos espalhavam pétalas cor de violeta pelo céspede. Notei que mais adiante um enorme Guapuruvú abria sua copa amarela acima das demais árvores e decorou o gramado, misturando suas flores amarelas com o violeta dos jacarandás. Alguns lírios silvestres brancos como o leite traziam um ar de paz e saudade - estava próximo o dia dos mortos - sobre a praça. Os sabiás passeavam pelo gramado à cata de insetos, indiferentes à nossa presença. Os pássaros urbanos não são tão ariscos. Na quadra de esportes um grupo de meninos retardava a volta da escola para casa jogando futebol. Não era um cenário próprio de maldição, pensei comigo. Era cenário para se escrever poesia! Entre árvores tão lindas falávamos de maldição... Coisa doutro mundo!

Chamei a atenção do velho para alguns sabiás que catavam insetos, tranqüilos e saltitantes, e comentei com ele a beleza do cenário. Uma lufada de ar despejou novas pétalas violáceas e amarelas sobre nós. Ele não perdeu o fio da meada e falou:

- As grandes maldições não foram proferidas no meio das trevas, sob o som de trovões ou clarão de relâmpagos como supõe a fé mitológica. Nem tão pouco em noites de lua minguante, com o vento açoitando as ondas da maré alta no casco de barcos ancorados em portos ou no meio de temporais. Essa cena, por si mesma transpira a maldições. As grandes imprecações foram proferidas em jardins floridos, em campos explodindo em cores na primavera, à beira de lagos que pareciam dormir em meio à calmaria. As grandes maldições foram proferidas em ambientes de amor; nas festas, nascimentos, casamentos e em momentos de felicidade. É nessa hora que o ciúme toma conta do indivíduo e o ódio se acende contra seus parentes mais próximos!

O velho tinha razão. Enquanto ele falava fiquei observando aquela sacola de plástico com a marca de um supermercado onde estavam os papéis que ele trouxera de casa. Nem tivera tempo de mostrá-los!

- Veja bem, retomou a conversa. A maldição de Deus sobre a humanidade... como era o ambiente do Jardim do Éden? Paz, tranqüilidade, harmonia entre os seres, rios e lagos de águas cristalinas, flores multicoloridas, bromélias exuberantes espreguiçando-se sobre as árvores, frutas... E as maldições sobre Israel? Foram proferidas do alto de um monte, diante do mais lindo cenário da história. Do Monte Nebo avistava-se toda a terra de Moabe descendo para o vale do Jordão, o mar Morto, as montanhas de Jerusalém e, quem sabe, o Grande Mar. Pois foi nesse cenário lindíssimo que palavras de maldições foram imprecadas contra os descendentes de Abraão.

- Um momento, interpelei. Não está querendo dizer que Deus é a fonte de maldição! Ele é puro e Santo! E você ainda não me respondeu sobre esse avivamento místico na Europa.

O homem escorou-se ainda mais sobre o guarda-chuva - pensei até que ia desabar no chão - e depois de limpar o rosto com seu lenço amarelado e gasto, comentou:

- Nós nos desviamos do assunto. Se Deus é ou não a fonte da mal-

dição, deixemos para os teólogos. Eles que decidam. O cenário dessa praça levou-nos por caminhos que não gostaria de opinar. Mas, de qualquer maneira as maldições estão ali na Bíblia, proferidas pela boca do próprio Deus. Depois de fazer uma pausa - interrompidos que fomos pelo barulho de um caminhão que passava pela rua ao lado, o misterioso Manoel continuou:

- O protestantismo invadiu a Europa com o conhecimento. O renascentismo floresceu sobre a Europa tirando-a da escuridão intelectual. Você já notou que os grandes nomes da história universal começam a aparecer lá pelo ano 1500? Grande parte dos acontecimentos e descobertas científicas ou foram invenções de protestantes ou por eles apoiados. Enquanto a igreja de Roma vociferava contra Galileu, novos conhecimentos surgiam nos países que aderiram ao protestantismo. Há uma íntima relação do aumento do conhecimento espiritual com as invenções. Você não acha?

Pelo que eu sabia até o momento o homem com quem eu conversava era católico, ou quem sabe judeu? Mas apoiar os protestantes e reconhecê-los como canal das novas invenções, interessou-me ainda mais. Percebendo meu interesse, continuou:

- Veja bem. A igreja de Roma perseguiu a ciência. Perseguiu a Guttemberg que, antes de Lutero já se manifestava um protestante nato. E o primeiro livro impresso foi a Bíblia, colocando o livro milenar na linguagem do povo alemão. Roma tentou o quanto pôde impedir que a ciência iluminasse a mente das pessoas. O conhecimento cresceu entre os ingleses, franceses, suíços, belgas, mas não nos redutos católicos. Roma sempre dominou os povos com mão-de-ferro, isso desde a época dos imperadores. A reforma protestante liberou as artes, a ciência e a fé. Faz pouco que o Brasil se libertou do jugo do pároco local. Ele dava as ordens! No entanto, é interessante observar que os ilustrados escritores e pensadores brasileiros corriam para a França em busca de conhecimento. Monteiro Lobato era um protestante disfarçado. Rui Barbosa também. Por isso escreveu o prefácio e traduziu para o português o Papa e o Concílio. Morreu professando o cristianismo, sem contudo aderir à fé evangélica! Concluiu. O próprio Dom Pedro II conheceu a fé protestante através de um médico europeu, o Doutor Kalley...

Comecei a desconfiar de meu interlocutor. Afinal, um descendente de português não iria falar mal da igreja de Roma, mas logo abandonei esse pensamento, pois o próprio Rui Barbosa foi quem mais alfinetou o clero romano na introdução ao livro de June, *O Papa e o Concílio*. Os portugueses costumam ser católicos até debaixo da d'água, pensei, mas esse é um iluminado português.

O barulho ao redor da praça aumentava à medida que o sol declinava, carros e ônibus circulavam pela avenida, mas o português não deu tréguas:

- Com a descoberta do novo mundo houve grande movimentação no mundo paralelo, o mundo espiritual. O conhecimento da magia, da feitiçaria e de tudo o que se achava oculto precisava ser guardado numa cultura mais primitiva, e os magos europeus sabiam que os protestantes recém haviam descoberto o conhecimento espiritual pela Bíblia e não iriam aceitar serem depositários de magias e etc. e tal. Precisavam de um povo rude, simples, ignorante das coisas espirituais que guardassem seus mistérios. E Portugal foi a nação escolhida. Você já notou que onde há portugueses há imagens de santos?

Ele parece que leu os meus pensamentos e adiantou:

- Claro, os europeus conseguiram introduzir a festa dos mortos nos Estados Unidos como se fosse uma cultura, o Halloween, e hoje o país é centro de religiões satanistas, mas isso demorou para acontecer. Você já visitou as igrejas católicas dos Estados Unidos, perguntou? Assenti com a cabeça. - São desprovidas de imagens e dessa queimação de velas. Mas e aqui? Faltam altares para tantas imagens!

Passou a mão à testa tentando afugentar algum inseto intruso e prosseguiu:

- Os portugueses foram, então, escolhidos. Povo místico, dado à religiosidade, católico e de pouca cultura na ocasião, tornaram-se os depositários das artes ocultas e especialistas em proferir maldições. Eles não foram apenas colonizadores; foram visionários da fé!

- Mas isso não tem apoio histórico, contestei firmemente.

O velho me olhou e contestou:

- Como já lhe disse, uma é a história universal, outra bem diferente é a história espiritual. Você já foi ao Porto ou a Coimbra ou Cascaes? -



perguntou.

Quase saltei do banco da praça. Será que o homem sabia que andei por lá e que saboreei cultura portuguesa de Setúbal ao Porto? Não respondi à indagação dele, e nem precisava, tal a voracidade com que falava.

- Imagine-se numa reunião no início do século dezesseis, ali por 1500. Prevendo o futuro da humanidade e a conservação de seus mistérios; o que decidiram os guardadores do conhecimento caldaico? Mudar o centro de sua cultura e atividade para Cascaes, nas proximidades de Lisboa. Os magos já haviam feito isso no passado. Eles dominavam a Babilônia com sua magia quando a Caldéia foi conquistada por Xerxes. Os monges caldeus fugiram com seus documentos e conhecimentos dos mistérios ocultos, isto em 487 antes de Cristo. E para onde foram? Para o centro cultural do mundo, a Grécia! O comando espiritual, a estratégia ocultista mudava de mãos, saía da Caldéia para a Grécia. Os magos instalaram-se em Pérgamo, cidade famosa da Mísia, no vale do Caíco. Mais tarde para Roma...

O homem falava com convicção.

Enquanto ele falava fiquei acreditando cada vez mais no texto de Apocalipse em que Pérgamo é citada como sendo “trono de Satanás”. Historicamente sabia que foi a partir de Pérgamo que a igreja desviou-se da verdade e que de lá surgiu a hierarquia católica, na realidade, uma cópia da ordem sacerdotal babilônica. As informações que eu tinha fechavam com as dele. Júlio César foi o primeiro imperador romano a receber a autoridade de pontífice, termo usado pelos babilônios. Isso me levava a crer que a “grande prostituta” de Apocalipse 18 tem sua origem na Babilônia e depois, Pérgamo. Mais tarde o Papa recebeu o título de pontífice; a igreja católica é uma réplica da Babilônia antiga, pensei.

O velho pareceu ler meus pensamentos e continuou:

- A partir da Grécia os místicos descendentes dos caldeus influenciaram o império romano e, mais tarde a própria igreja. Você sabia que as palavras “pontífice” e “mitra” têm procedência na Babilônia? Está no Apocalipse, disse. Toda essa adoração de santos e imagens que há na igreja teve seu início na Caldéia, foi levada para a Grécia e mais tarde influenciou Roma e, conseqüentemente o catolicismo no mundo todo.

É aqui que entra Portugal. As artes ocultas têm sua vitrine na igreja dominante. E por que o Brasil? Porque hoje o Brasil é o grande depositário do ocultismo mundial e daqui é levado para todo o mundo. Os magos previram isso em suas cartas e adivinhações - falou o homem com um ar de cansaço.

Então o Brasil é o grande exportador do misticismo, pensei! Tem até místico na Academia Brasileira de Letras!

Inteligente, voltou ao assunto que deixara para trás e recomeçou:

- Sim, o avivamento místico, ia esquecendo. O mundo todo está em ebulição cultural, científica e religiosa. Todas as religiões do mundo estão em pleno reavivar de idéias. Os islâmicos, cada vez mais defendem sua fé; a prática hindu antes limitada a alguns países invadiu as nações do Ocidente, inclusive o Brasil. O budismo expandiu-se e já tem sede internacional aqui no Estado. O judaísmo ampliou sua área de atuação, e veja - ressaltou - a própria igreja evangélica vem se tornando cada vez mais judaizante! E os católicos e protestantes, evangélicos, pentecostais todos em pleno avivamento. Sempre foi assim, creio. A cultura, a ciência e as religiões desenvolvem-se simultaneamente.

Continuou:

- Veja bem o que aconteceu naquele período entre 1400-1600! A ciência evoluiu, mas a fé também. Se por um lado havia um Lutero, com idéias opostas às de Roma, por outro um Loyola. De um lado Calvino, do outro Teresa de Ávila. E quem surgiu na mesma época fazendo-lhes oposição espiritual? Nostradamus que influenciou o mundo com suas previsões. As coisas do mundo espiritual – tanto as do lado bom como do lado ruim – acontecem ao mesmo tempo, por isso a cultura, a ciência e a Fé fervilharam por toda Europa. É o que está ocorrendo hoje! Mas, deixa pra lá – remendou o açoriano – o avivamento ocultista na Europa só foi possível porque a fé mística foi mantida aqui pelos portugueses...

Ia concordar com ele quando se referiu a um quesito histórico que me chamou atenção:

- Como disse anteriormente, a Grécia não era só cultura - matemática e filosofia - com o conhecimento veio também a crença em deuses, e por isso surgiu o Partenon, o Olimpo, etc. Bem...- pigarreou - o tema

é vastíssimo!

Eu estava gostando de conversar com ele, por isso falei:

- Então devemos continuar, adiantei, tocando o ombro dele levemente com a mão.

- Outro dia, respondeu. Outro dia, disse com voz cansada.

O velho olhou o relógio, demonstrando estar preocupado com o adiantado da hora.

- Tenho de ir, falou. Leve esses papéis com você. Serão úteis. Telefone-me e marcaremos novo encontro.

Dando uma olhada no que tinha em mãos, retruquei:

- Não costumo levar para casa coisas do ocultismo!

Ele manteve a cabeça abaixada, olhando o chão debaixo de seus pés. Seus olhos semicerrados pareciam penetrar as profundezas da terra. Hoje imagino o que se passava na cabeça dele. Desencravou a ponta do guarda-chuva e se levantou. Demorou a recompor o corpo depois de tanto tempo sentado, e já ia sair quando lhe perguntei o nome:

- Manoel Serafim Garcia D. Espíndola. Apertou suas mãos sobre as minhas, disse um até logo e se foi.

- Espere, gritei. Este nome me é familiar.

- Nome português, respondeu. Todo mundo tem igual. Virou as costas e saiu em direção ao rio, para os lados da borracharia.

E era verdade. Tive um tio Serafim na família. Voltei para o carro e o segui à distância, mas a rua por onde ele andava virou contra mão para o tráfego de carros e o perdi de vista. Fiz a volta pelo quarteirão, mas não o encontrei. Passei em frente a borracharia e chamou-me atenção um pequeno cartaz afixado sobre a cortina de ferro abaixada.

- Fechado. Motivo: doença.

Nesse momento um carro entrou na casa onde mora o Paulo. Não era o carro dele; era diferente. Queria voltar logo para o escritório e ler aqueles papéis que o Manoel Espíndola me entregou. Meus pensamentos varreram a cidade. O bairro antes tão próspero nas décadas de 40-60 definhava, arcado sob o peso das prostitutas, drogas, botecos com mesa de bilhar e hotéis de baixa categoria. Aqui e ali apareciam no asfalto corroído pelo tempo, vestígios dos trilhos de bonde. O que houve com este bairro?, pensei! A rua conhecida como a que mais tinha lojas de

acessórios e peças de carros da cidade, dava seus últimos suspiros de morte. Avistei ao longe a torre da igreja e ouvi que os sinos badalaram seis horas. Até as igrejas evangélicas do bairro definhavam; os paroquianos mudaram-se para bairros mais prósperos e os templos ficaram ali, com suas torres apontando para o céu, indicando que lá de cima vem a salvação. As manhãs de Domingo ficaram mais tristes; já não se viam crentes com Bíblias, bem trajados, com seus filhos indo para a igreja. As escolas evangélicas deram lugar a escritórios, cursos de preparação universitária, uma escola de polícia. O velho tem razão, pensei. Há algo de sinistro no ar.

O clima de fins de outubro era úmido e estava impregnado de odores, perfume de flores, cheiro de esgoto e aquele odor forte que parece dominar ambientes decadentes. Os papeleiros passavam puxando carroças cheias de material reciclável. Já não se ouvia o apito das seis horas das antigas fábricas; essas faliram ou mudaram-se para as cidades industriais que circundam a metrópole. Lembrei-me das fábricas do bairro, da Casa Genta, centro de referência em vidros, plásticos, pára-brisas, etc. Da Wallig com seus fogões reluzentes expostos na loja em frente à fábrica; do cheiro da torrefação de café, do chocolate Neuguebauer, da fábrica de tecidos Renner...

### Capítulo 3

#### Mortes Misteriosas!

Ao regressar para o escritório tratei de telefonar para a esposa do borracheiro, afinal, foi ela que me pediu que visitasse seu marido e conversasse com ele. E o cartaz na porta dizia que ele estava doente! Depois de quatro toques a secretária eletrônica falou. Não deixei recado. Ainda não me adaptei às secretárias que não ouvem nem vêem. Às 10 da noite, depois do culto de oração, liguei de novo. Um rapaz atendeu.

- Sim, era da casa de Celma, mas ela não estava em casa e sim no hospital cuidando do marido que teve um infarto.

Como não conhecia o rapaz, avisei-o de que voltaria a ligar na manhã seguinte e desliguei.

- Meu Deus! Pensei, o homem deve estar mal!

Nessa mesma noite tive que atender uma senhora que queria falar sobre sua filha Marina. Ela e Roberto passavam por uma crise conjugal. A mãe de Marina me contou que sua filha fora vítima de um assalto relâmpago, largada no meio da noite num bairro distante do seu e que andava envolvida com seitas ocultas. Combinamos que no momento certo eu faria uma visita ao casal. Sua mãe me deu o endereço. O casal acabara de se mudar para um novo bairro da cidade.

No dia seguinte às 9 da manhã tocou o telefone. Era o filho de dona Celma avisando com a voz embargada que seu pai morrera durante a madrugada. Queriam que eu fizesse o funeral naquele mesmo dia. Fiquei no escritório refletindo sobre a última semana e a intensa atividade que não me deixou falar com o marido dela com mais profundidade sobre o plano de salvação. O homem sofria da coluna e morreu do coração. Apesar de Celma ser apenas visitante da igreja e de haver me procurado pedindo ajuda espiritual, fui à capela mortuária e realizei o ofício fúnebre. Um padre entrou na sala mortuária e logo afastou-se ao ver que um pastor fazia o ofício.

- É um padre de plantão, disse-me alguém. Já não sabem quem é católico e ficam rondando as capelas mortuárias para ver se alguém precisa de ajuda.

Concordei. Naquele cemitério havia 8 capelas e todas estavam ocu-

padas. Sempre há espaço para padres em velório. Do contrário, o que estariam fazendo?

O homem com o qual conversei rapidamente dois dias antes, estava agora dentro de um caixão.

Chamei a viúva para junto do corpo, reuni os filhos e netos, e disse algumas palavras sobre o destino do homem na terra, sua ânsia de viver, de seus sonhos e da iminente morte que a todos acomete. Foi quando pelo canto do olho vi Manoel, em pé, junto à porta, espremido entre amigos e parentes do morto. Manoel esperou que os filhos e amigos carregassem o caixão até o carro, passou ao lado da viúva que era consolada por algumas amigas, aproximou-se de mim que estava no fim do cortejo, e cochichou em meu ouvido:

- Maldição. Obra de feitiçaria. E pôs-se ao meu lado, caminhando cabisbaixo enquanto o corpo era conduzido até a sepultura. Diante de meu silêncio, Manoel falou de novo: - foi feitiçaria. Não dou uma semana e o prédio da borracharia será ocupado, senão pelo homem que mora ao lado, por outra pessoa.

A viúva soluçava intensamente e seus três filhos e netos acompanhavam-na até o destino final do corpo. Todos falavam baixinho, alguns esboçando um leve sorriso pela oportunidade de encontrar amigos que não viam há anos, mas contendo-se diante do ato fúnebre. Depois do sepultamento essas pessoas voltam para seus carros e amigos como se a morte fosse apenas uma página de livro que o vento virou. É nos funerais que as pessoas encontram os amigos e parentes que o tempo e o infortúnio separou.

Enquanto eu proferia a expressão “pó ao pó, terra à terra, do pó saístes e ao pó tornareis”, um homem vestido elegantemente com um paletó branco – coisa rara num funeral - apareceu entre os familiares. Era o Paulo, aquele sujeito, morador vizinho à borracharia que me fora apresentado dias antes pelo borracheiro.

O som do caixão raspando a parede do túmulo, e as primeiras pás de terra indicavam o fim do funeral. Algumas viúvas resistem e ficam ali, até o fim, e só saem quando o cemitério é fechado. Outras, saem logo; não querem ficar ali nem um segundo mais! Terminado o ofício, as pessoas começaram a se dispersar, e Paulo desapareceu entre elas. Eu

queria conversar um pouco mais com o Manoel, mas ele também evaporou-se entre as pessoas. Celma relutava em voltar para o carro. Ficou ali até o fim, amparada por um dos filhos.

No caminho da casa pensei em passar pelas imediações da borracharia. Um senso de investigação apoderava-se de mim. Buscava qualquer coisa; um carro suspeito, uma outra pessoa, um dado qualquer que confirmasse a suspeita de feitiçaria contra o borracheiro. Mas não o fiz.

Querida conversar mais com Manoel. O funeral terminara às cinco e eu teria algum tempo até o próximo compromisso à noite. Pensei em telefonar para a casa dele, mas imaginei que ele não teria chegado em casa. Às sete da noite liguei. Ninguém atendeu. Fiquei imaginando se esse negócio de maldição não estava se tornando uma obsessão, a ponto de atrapalhar meu desempenho pastoral. Não desconhecia o tema; ao contrário, tantas foram as vezes que preguei sobre o poder da maldição sobre as pessoas e de como a maldição de pais, avós e tios pegam, que tinha uma pasta só para sermões sobre o assunto! Além disso, as pessoas costumavam contar em meu gabinete casos familiares que mais pareciam maldição. Esse trabalho de ouvir as pessoas é gratificante. Maldições costumam atravessar gerações em forma de vícios e doenças genéticas. Há casos em que alguém da família é alcoólatra e morre de cirrose hepática na meia idade. Quando investigamos o passado descobrimos que o avô, tio, pai e algum irmão é alcoólatra e morrerá como consequência do álcool. Há maldições de morte por acidente; de doenças malignas, de assassinios entre a família, etc.

Não consegui contato algum com Manoel nos dias seguintes. Eu não tinha o endereço dele, e o número de telefone chamava e ninguém atendia. Examinei os papéis que havia me dado aquele dia na praça. Uma folha com os números da cabala judaica, livros sobre esoterismo, informações sobre ocultismo... nada que não fosse encontrado em qualquer livraria, especialmente nas de livros usados. Havia também um livro sobre levitação, outro que ensinava a arte de sair do corpo e um código de magia. Alguns exemplares de Planeta, revista de conteúdo místico, e livros sobre pontos de umbanda, exus, e satanismo. Folheei o livro de Satanás. A figura do diabo ressaltando os chifres, a cabeça de

bode, o pênis ereto, a estrela de cinco pontas na testa e os seios de mulher. Eu já havia visto essa figura em algum lugar. Tinha duas asas, parecia um cachorro da divindade egípcia, o touro deus Mitrás e o bode, símbolo do bode expiatório que os judeus usavam no dia da expiação.

Meus olhos caíram sobre o mais misterioso deles: o código de magia, acompanhado de um manual da morte. Interessante! Um manual ensinando a matar pela magia. No livro da Cabala um círculo desenhado mostrava a magia negra, religião e filosofia envolvendo a Cabala. Havia também algumas regras do satanismo e uma delas era que o verdadeiro adorador tem de estar disposto a ofertar-se a si mesmo em lugar do sacrifício. “Quando não há mais ninguém que se ofereça em sacrifício, o próprio sacerdote dá a sua vida a favor de seu deus...”. Um dos exemplares da revista ensinava os indivíduos a saírem do corpo, a viajarem pelo universo presos ao seu fio de prata. A foto de um pentagrama cheio de velas e de uma pessoa prostrada diante dele. Um desenho mostrava o que seria o espírito saindo do corpo. Como não dispunha de tempo para ler tanta coisa, e com tantas pessoas precisando de ajuda, coloquei tudo sobre alguns livros de minha estante, como se faz com livros e mapas que não se tem tempo para estudar e nem lugar para guardar. Ficam ali amontoados. Na próxima faxina muita dessa coisa vai para o arquivo geral: o lixo!

Mas o código de magia, não me saía da cabeça. Como pode uma pessoa aprender a fazer aquelas coisas com o único objetivo de matar alguém? Foi então que soaram aos meus ouvidos as palavras do Mestre: “O ladrão vem para matar, roubar e destruir”. Está em João 10.10. “O Mundo inteiro jaz no maligno”, dizia o apóstolo. - Um dia, pensei, as crianças irão aprender a feitiçaria como se aprende a ler! A tendência do mundo é ficar cada vez pior, afogada nas trevas do Diabo!



## Capítulo 4

### A Policial que Atravessou meu Caminho

Dias depois o telefone tocou. Do outro lado da linha estava uma voz que eu nunca ouvira antes.

- É o pastor?

- Sim, é o pastor, respondi.

- Posso me encontrar com o senhor?, perguntou a pessoa do outro lado da linha.

E assim marquei encontro com uma mulher que queria falar sobre o Manoel. Dessa vez em meu escritório. Achei que era algum familiar dele, imaginei ser irmã ou esposa dele. Sei lá, nem imaginei coisa ruim!

Era uma mulher miúda, corpo esbelto. Não passava de 1.60 de altura pesando uns 50 quilos. Equilibrava-se sobre sapatos de salto alto. Admiro as mulheres que conseguem desenvolver essa capacidade de andar sobre saltos altos. E não tropeçam nem caem. Depois que se acostumam não querem mais usar tênis; se existissem, comprariam tênis de salto alto... Antes de tomar assento, notei que passou os olhos sobre a biblioteca e os papéis que estavam sobre a mesa. Imagino que em poucos segundos fotografou com os olhos todos os detalhes do gabinete. Fiz de conta que nada percebi, mas ela tinha um faro policial aguçado.

- Bem, em que posso ser útil?, perguntei, tentando iniciar a conversa.

Ela cruzou as pernas mostrando o belo par de botas que usava. Meu senso de investigador que começara a aflorar nesses dias imaginou uma cena de James Bond em que a mulher tira de dentro da bota a arma mortífera. Mas a pequena senhora que se sentara diante de mim não tinha corpo para mulher de filme policial. Apresentou-se. Disse seu nome. Katleen. Desconfiei. Não existem tantas Katleen por aí.

- Nome estrangeiro para uma brasileira, opinei.

- Meus pais me contaram que tentaram misturar dois nomes e deu nisso. Kat de Katrine – Catarina – e o sufixo de Helena. Aí ficou Katleen, um nome diferente, e eu gosto. Sempre fui a única com esse nome.

- Não sei como conseguiu meu endereço, - fui logo atalhando - pois não me lembro de havê-lo dado ao Manoel. Só me lembro de ele

me haver dado o número de telefone dele. Manoel, para mim, foi um sujeito que surgiu encoberto por um véu de mistérios.

- Bem, disse-me ela. Sou policial do 4º distrito da capital. Este envelope estava na casa do Manoel. Tem o seu nome e endereço. Estava aberto, conferimos o conteúdo e, ao que parece não encontramos nele pista alguma que nos interessasse. Achei seu telefone pelo Guia de telefones.

Fiquei curioso. Ela falava em pistas...

- Pista de quê?, atalhei.

- Pistas que nos levem ao assassino, respondeu.

Arregalei os olhos, assustado, e comentei:

- Por isso o telefone dele não toca desde o dia do enterro do borracheiro! Liguei várias vezes para ele e nunca mais o encontrei. Você quer dizer que o Manoel foi...?

- Assassinado, cortou.

A jovem policial descruzou as pernas, inclinou-se um pouco para frente, entregou-me o envelope e perguntou:

- O senhor o conhecia?

Relatei-lhe como surgira repentinamente ao meu lado e começara a falar de maldições, feitiçaria, etc. Também contei-lhe de nosso encontro na praça onde falamos sobre o mesmo tema. Comentei com ela sobre os papéis, mapas, artigos e livros de ocultismo que ele me passara às mãos na praça, de tê-lo visto por breves momentos no funeral. - Não o encontrei mais a partir daquele dia, resumi.

- Este envelope estava sobre a mesa pronto para ser postado nos Correios, disse a investigadora. Há uma carta dentro, escrita do próprio punho para o senhor.

- Não precisa me chamar de senhor, pode tratar-me de você.

- Está bem. Você poderia ler o que ele escreveu?

- Antes quero saber o que aconteceu ao Manoel, argumentei.

- A polícia não tem pistas do que aconteceu. Estamos no início das investigações.

- Mas como morreu?, perguntei.

- Vamos por partes, falou a policial. Sabemos que ele morava sozinho naquela casa.

- Onde? Perguntei. Quando me falou onde morava, agitei-me no sofá. A policial viu meu nervosismo e perguntou:

- Você nunca esteve lá?

- Claro, mas só na parte da frente onde funcionava a borracharia. Agora você me diz que ele morava na casa contígua, que dava para a rua lateral e tinha limites com os fundos para a borracharia. Ele nunca me disse onde residia, comentei.

- Também suspeitamos da morte do borracheiro, disse a policial.

- Mas e o óbito?

- Óbitos são fáceis de serem adquiridos, respondeu.

- E onde o encontraram?, ousei perguntar.

A policial, sabendo que eu era pastor, pediu-me para manter em sigilo o que ia me dizer:

- Deve ter sido uma morte terrível, comentou. O corpo foi encontrado esartejado sobre um altar de pedras na Zona Sul da cidade junto ao rio. Os órgãos genitais cortados e deixados ao lado do corpo. Há suspeitas de que Manoel foi vítima de algum ritual satânico.

- Em pleno novembro? Indaguei. Sempre imaginei os rituais satânicos sendo feitos na Páscoa, como afronta ao sacrifício de Cristo, mas nunca em novembro, cometei com ela.

- Não, não foi em novembro. O corpo foi achado em Novembro, mas acreditamos que foi morto na noite de 31 de outubro.

- A noite das bruxas, exclamei saltando da cadeira!

As informações fechavam. Sepultei o borracheiro no dia 30 de outubro. Comentei com ela que, naquela mesma noite, após o funeral, telefonei para a casa do Manoel e não o encontrei.

- Será que ele era o feiticeiro ou foi morto por saber demais?, indaguei sem saber o que dizer!

A policial me informou que eu poderia ser chamado a qualquer momento para ser ouvido sobre o caso.

- Mas nada tenho a acrescentar, comentei. Nem o conhecia direito. Encontrei-o três vezes: uma vez na porta da borracharia; da segunda vez na praça e rapidamente durante o funeral.

- Mas parece que ele lhe conhecia muito bem, disse a policial, pois encontramos uma outra carta com todos os seus dados sobre uma mesa

com resíduos de cera de vela sobre ela. Resíduos amarelo, vermelho e preto.

- Posso ver essa outra carta?

A policial franziu o cenho e me perguntou:

- A carta que estava debaixo das velas?

Continuou:

- Não. Não foi escrita para você, mas sobre você. A que estava supostamente debaixo de velas foi enviada para o laboratório para que se faça uma investigação mais precisa de seu conteúdo, já que muitas palavras ficaram manchadas e queimadas.

E a policial, agora parecia assustada, quando me disse:

- Pode-se aventurar, pelo teor do que consegui ler, que você poderá ser o próximo. Dentro desse envelope, além de recortes, tem uma carta pessoal dele para você. Não entendi nada do que tem aí. Na realidade, minha vinda aqui serve mais como alerta a você do que como investigação.

Levantou-se. Deixou comigo o envelope que Manoel me endereçara, deu-me um cartão com seu nome e telefone, e saiu.

- Telefone se achar necessário, falou.

Eu só tinha visto esse tipo de coisa em filme de Hollywood. Imagino que os investigadores brasileiros não são assim tão cordiais.

Fiquei sentado no gabinete, meio zozzo. Meus pensamentos se misturavam aos acontecimentos. Era muita coisa para assimilar. Manoel morava numa casa que dava fundos para a borracharia; esta era quase contígua à casa do Paulo, o misterioso homem do paletó branco. Mas como o homem conhecia tanto a meu respeito?

Comecei a suspeitar de Celma, a mulher do borracheiro que aparecia às vezes nos cultos da igreja. Depois concluí que Manoel sabia de mim há muito tempo! Será que ela conhecia o Manoel e apenas simulou a necessidade de uma visita ao seu marido para que eu caísse numa trama? E se minha ida para visitar o borracheiro fosse parte de um laço para me matar? E se ela e o marido estavam também envolvidos? E por que Manoel interessou-se tanto em falar comigo sobre maldições?

Meus pensamentos deixaram-me atordoado. Deixei-me afundar no espaçoso sofá de meu gabinete, fechei os olhos e pus-me a refletir sobre

os últimos acontecimentos. Nada fechava com coisa alguma. O barulho insistente do ventilador embalou-me os pensamentos e acho que adormeci. Acordei-me aos sobressaltos com um pesadelo. Um homem vestido de branco com uma tiara de tecido azul e preto estava diante de mim. Ele começou a mexer em meus livros - podia ouvir o barulho de dois deles caindo da prateleira. Quando olhei de novo era uma mulher. Mas já não era uma mulher. Era um animal com corpo de cabra, tinha cauda de dragão e na ponta do rabo uma cabeça de serpente. Tinha três cabeças. Não consegui ver bem, parecia um animal saído da mitologia grega. Mais parecia Quimera, figura mitológica...

Depois de me refazer do susto e preparar uma xícara de café, decidi que era hora de examinar o conteúdo do envelope. Fui envolvido numa trama do mundo espiritual que tinha duas mortes no mundo terreal: o borracheiro e o Manoel. Olhei para o envelope sobre a mesa. Realmente foi endereçado para mim. Arrumei espaço entre os muitos papéis e despejei o conteúdo sobre a mesa. Peguei a carta para ler. A linguagem era do Manoel, não tinha dúvidas. Dizia assim:

Caro pastor.

Não lhe contei toda a verdade em nosso encontro na praça. Hoje, logo após o funeral do borracheiro decidi que deveria contar um pouco mais... Dizer a verdade antes que seja tarde demais. Não sou apenas um descendente de português obcecado por maldições. Fui amaldiçoado e, na tentativa de me ver livre das maldições centenárias, busquei a solução no ocultismo. Como vítima de uma maldição muito forte, achei que forças mais fortes poderiam me livrar das maldições.

Andei investigando a origem das maldições em Açores, na Madeira e em Portugal, e achei que poderia encontrar o antídoto contra o veneno, no próprio veneno. Mas quanto mais me aprofundei no ocultismo, mais preso fiquei. Por fim tornei-me também um deles. Sabe como é: pactos! Nessa lide encontramos todo tipo de pessoas. Apesar de haver progredido nas artes mágicas e de ser tido como uma pessoa de sucesso nessa área, meu grande teste para subir de grau era fazer um trabalho para matar o pastor. Mas fracasei. Antes de conhecê-lo na borracharia,

já sabia tudo sobre sua vida. Depois que o conheci e que conversamos, achei que você não merecia tal destino. .

Há cerca de três meses atrás acendi três velas, uma de cada cor, amarela, vermelha e preta, mas sempre soprava um vento sobre elas que as apagava. Não sei de onde soprava o vento; a casa estava toda fechada. Durante três horas tentei manter a vela acesa e não consegui. Parece que forças ocultas sopravam e apagavam as velas. – Era parte do ritual. Elas ainda estão aqui em casa, sobre uma carta em que a Fraternidade pede sua morte.

Levado pelo insucesso - e sabendo que o pastor continuava pregando, orando e lutando contra forças espirituais ocultas - partimos para uma espécie de... digamos, voodoo, mas também não funcionou. Fracassei no meu intento. A regra entre “nós” é, vida por vida. O sacerdote que não tem vítima, passa a ser a vítima! Lembra-se de Abraão? Como sacerdote ele tinha que oferecer uma vida, a de seu próprio filho; o menino foi salvo pelo cordeiro...

Foi assim que a pessoa que eu devia matar com os trabalhos apareceu em frente à borracharia. Vivo. Querendo orar pelo borracheiro. O borracheiro havia me dito que a esposa dele freqüentava uma igreja e, para surpresa minha, era a sua igreja. Eu mesmo falei com ela que o chamasse para orar pelo borracheiro. Era a minha chance. Quando a gente fracassa, nossos superiores agem rapidamente. Vê-lo fazendo o funeral foi um atestado de minha incompetência espiritual.

Nesse envelope deixo uma série de recortes de jornais. Foi por eles que lhe conheci. Você tem sido um obstáculo ferrenho no mundo espiritual, lutando contra nós - sem saber, suponho, e estivemos em suas pegadas o tempo todo. Cuide-se. Manoel Garcia D. Espíndola.

Achei muito confusa a carta dele. E o que significa o “D.” no nome? Ele não explicou por que estava ali no exato momento de minha visita ao borracheiro, mesmo que tivesse falado com a mulher para orar pelo borracheiro. Ela nem sabia que eu iria lá! Nem tão pouco esclareceu a morte do borracheiro. A carta tinha uma data: 30 de outubro. Mesmo dia em que o borracheiro foi sepultado. Não resta dúvidas de que antes de me entregar o conteúdo do envelope todo o material foi fotocopiado pela polícia. Se isso aconteceu, a polícia continuará na busca dos assassi-

nos e quererá saber como consegui sair ileso dessa trama da Fraternidade.

Será que Manoel colecionava reportagens de jornais? Veja o título de algumas delas. “Magos e orixás denunciam sabotagem do seu festival”. Pequena reportagem do jornal de Sta. Catarina. Outra: “Sabotadores tentam tumultuar o Festival”. Isso foi em 1992, pensei. Olhei para a agenda daquele dia no Festival da Magia: 17h: A importância dos padrões do pensamento na transmutação do ser; 18 h: Cabala: O referencial para a vida; 19h: Astrologia do relacionamento; 21h: Ufologia. Fiquei com a pergunta: Por que o Manoel guardou esses recortes de jornais? Será que pretendia experimentar o cristianismo autêntico e por isso lia sobre esses fatos? Os sabotadores que o jornal se refere eram pastores e líderes que estavam no Festival orando, dominando as trevas. Dentro do envelope um folder do Festival Nacional da Magia. Dezenas de recortes falavam também do Congresso de Nova Era em Sta. Maria. Notícias do jornal *A Razão* daquela cidade.

Um pedaço de papel, escrito à lápis, dizia: “ele participou de todos os eventos criando condições contrária...” A polícia iria querer saber sobre meu envolvimento nesses dois grandes projetos de bruxaria. Um pastor em encontros de bruxos, só para fazer oposição? Mas como explicar isso à polícia?

Minha suspeita agora se confirmou. Não demorou um mês e o prédio da borracharia começou a passar por uma reforma. Os familiares do borracheiro não se interessaram em continuar com o ponto, venderam o material de trabalho e entregaram o prédio. Os filhos tinham curso superior e seguiam sua própria carreira. Minha maior surpresa foi saber, pela policial, que o Manoel morava no prédio contíguo à borracharia.

## Capítulo 5

### O Misterioso Paulo

Livre da trama de quem me queria morto, achei que deveria conversar com o Paulo. Agora tinha certeza de que ele também conhecia o Manoel. O homem era vizinho dele e do borracheiro! E o encontrei comandando a reforma da borracharia. Como sempre, bem trajado, com a corrente de ouro reluzente sobre o peito cabeludo, as mãos cheias de pulseiras e anéis, os cabelos lisos penteados para trás escondiam a calvície iminente. Até parecia que havia feito implante de cabelos na parte frontal da cabeça.

- Paulo, eu o vi no sepultamento do borracheiro. Você era muito amigo dele?

- Desde que vim morar aqui ao lado, respondeu. Mas conversávamos apenas durante o dia, pois ele usava esse ponto como lugar de trabalho. E tropeçando no português, acrescentou: - Nos conhecíamos assim - de bom dia a boa tarde; até amanhã; felicidades. Nunca fomos amigos de sair juntos.

- E você conhecia o Manoel?, aventurei.

- Muitos aqui o conheciam. Era um dos mais antigos moradores do bairro, respondeu. Ele, sim, costumava vir à noite em nossa casa, jantava conosco e éramos bons amigos.

Respirei fundo, criei coragem e fiz mais uma pergunta. Acho que até fechei os olhos na hora de perguntar:

- E você já falou que era amigo dele para a polícia?

Não houve mudança no rosto de Paulo. A pergunta em nada modificou seu comportamento.

- A polícia sabe que não tenho nada a ver com a morte dele...

E antes que terminasse, atalhei:

- Você sabe como ele morreu?

Sem pigarrear Paulo respondeu: - Vítima de seqüestro. O homem tinha aparência de pobre, mas devia ser muito rico. Levaram o dinheiro dele e o apagaram!

Dei a entender que não sabia de nada, dos boatos de seu envolvimento em invasões de propriedades ou com os mistérios da vida



noturna. Desviando-se delicadamente do assunto, passou a me mostrar seu novo projeto.

- Aqui vou instalar uma casa de lanches. Mais ao fundo vai ficar a mesa de sinuca. Estou abrindo uma porta que me dará acesso à casa lateral pelos fundos. A vida é assim mesmo, continuou: a gente precisa dar duro, trabalhar bastante.

- Você vai ficar com a casa que dá para a outra rua? a casa do Manoel ?

- Sim. Consegui o direito de posse provisória, até que um parente dele reclame a propriedade na justiça. Pelo que sei o homem não deixou filhos e, neste caso, o município será o dono do imóvel, acrescentou.

Paulo era bem informado, pensei. Mas havia um quê nessa história toda: o mobiliário e os pertences do Manoel.

- E com quem ficou os pertences dele?, ousei perguntar.

- Bem, fizemos um acordo com a justiça e reservamos um cômodo da casa para guardar tudo o que era dele.

Depois resolvi falar do motivo de minha ida até ali:

- Você sabe – falei engolindo saliva - vim aqui uma única vez orar pelo borracheiro. Dias depois o homem morreu. Fiz amizade com o Manoel, nem imaginei que morasse aqui ao lado e, o sujeito apareceu morto. Espero que você não seja o próximo - disse com ar de sorriso - pois parece que minha presença anda incomodando as pessoas!

- Nada disso, retrucou. - Padre é que traz má sorte, não sei de pastor...

Paulo não se deixou abalar com o que eu disse e, entre uma ordem para os pedreiros, uma vistoriada no trabalho, comentou:

- Acho que minha presença é que está matando essa gente.

Fiz de conta que era brincadeira e respondi:

- Então você e eu juntos podemos matar o bairro todo!

Bem, esse comentário deixou o Paulo mais livre para conversar comigo. Um pastor e um invasor misterioso tabulando conversas sobre morte levantaria suspeitas de qualquer pessoa que estivesse ouvindo por perto. E havia pessoas trabalhando ali. Eu estava curioso para conhecer o lugar em que Manoel morava e joguei com a sorte:

- Você poderia mostrar-me a casa dele? O homem não objetou.

A casa era contígua à borracharia. Entramos pela porta da frente. Ele abriu a fechadura moderna instalada numa porta antiga, típica das construções do passado, alta e larga, feita de madeira resistente. Vi que o batente - pintado de cinza - não tinha indícios de estar sendo comido pelos cupins. O assoalho antigo, indicava que havia tempo não era encerado; a tinta descascava por todo piso. O pé direito da casa era alto, uns três metros e meio; a janela da frente era decorada com uma moldura feita de vidros *antique*, amarelos, verdes e vermelhos, cheios de pequenas bolhas e ranhuras, próprio dos vidros antigos. Os vidros centrais da janela eram grandes, com ramos de flores feitos com jato de areia - obra de arte - pensei. Era a especialidade da Casa Genta que existira nas proximidades. Um varão de madeira sem cortina estava sobre a janela. Era uma daquelas janelas antigas em que a veneziana de madeira fica no lado de dentro e os vidros do lado de fora. As paredes da sala com a pintura descascando indicavam que várias camadas de cores estavam por baixo, coisa comum em casas desse tipo. Dois sofás de dois lugares cada, com estofado de napa e apoio de madeira para os braços, envelhecidos no tempo, mas bem conservados. Uma mesa de centro, antiga, com os pés torneados; não chegava a ser um Luiz XV e uma cristaleira; essa sim, muito linda, com vidros de cristais de bordas facetadas também decorados com desenhos feitos a jato de areia. Há uma diferença nos desenhos trabalhados com ácido e nos de jato de areia. Este último é mais rude e pode deixar o desenho poroso, no entanto, basta polir e a borda facetada reluz, deixando o vidro ou o espelho com ar de nobreza!

Havia coisas pessoais do Manoel decorando a parede, como o quadro oval em que aparecia um casal - imagino serem os pais dele. Nada de gnomos, bruxas, duendes, coisas próprias da casa de místicos. Nem uma imagem de santo qualquer que pudesse ligá-lo ao ocultismo. Apenas um nicho no canto da parede, mas sem nada dentro. Ao invés da imagem de um santo, uma vela decorativa que nunca fora acesa postada num belíssimo castiçal de bronze. A cozinha tinha dois armários de paredes antigos, feitos de fórmica azul clara, e havia até um paineleiro, daqueles que as painéis ficavam umas sobre as outras dispostas em ordem de tamanho, agora, repleto de pequenas plantas artificiais. O quarto estava bem arrumado. Um antigo roupeiro de cinco portas, com molduras

pelas portas e cantos, torneadas à mão e uma cômoda acompanhando o mesmo estilo. A cabeceira da cama era toda decorada com desenhos de flores e folhas torneados; obra de artista. Móveis assim, pensei, podem render um bom dinheiro.

Paulo me mostrou o quarto onde deixaria armazenado as coisas do Manoel. Uma porta na lateral, nos fundos, estava sendo aberta ligando a casa ao prédio da borracharia. Uma janela e uma outra porta permitiram que eu avistasse o fundo da casa do Paulo, através de um terreno desocupado. No pátio um grande abacateiro reinava sobre as demais árvores, deixando minguidas as demais plantas. Alguém maior domina e se opõe ao menor. O abacateiro era o senhor daquele terreno vazio. Calculei que Paulo ficaria com uma enorme área - seu plano de invasão estava dando certo. No fundo do terreno do Paulo avistei dois enormes cachorros de guarda. Uma outra construção, mais moderna, no fundo da casa antiga, levantava suspeitas de que algo ocorria ali. Olhei tudo de relance, pois Paulo já estava no outro cômodo me chamando.

- Nem sei o que o Estado irá fazer com esses móveis todos, argumentou Paulo. Vou amontoá-los no quarto e esperar; se o Estado nada fizer, terei que dar um jeito em tudo.

- E você já examinou o guarda-roupa?

- Nada de importante, disse. A polícia já esteve aqui e fez um inventário de tudo. Coisas pessoais dele, na maior parte, roupas, e cobertas de cama.

Abriu uma das portas. Cheirava a naftalina. Pelo menos era cuidadoso. Não pretendia ficar investigando, curioso, por isso tratei de sair dali e voltar para casa. Se Paulo sabia de qualquer plano contra a minha vida, e se ele mesmo estivesse envolvido na trama, nada mencionou. Não notei nada que levantasse suspeita, como aparelhos de escuta, rádios transmissores, nada. Era a típica casa de um solteirão.

Ao chegar em casa telefonei para o celular de Katleen. Ela me atendeu. Havia algumas coisas que precisava lhe relatar. Marquei um encontro para o dia seguinte num café do shopping. Os cafés são ótimos luga-

res para confidências, especialmente os de shopping, porque há sempre muita gente falando e rindo ao mesmo tempo. Os investigadores conhecem os segredos de se conversar e ser ouvido pela outra pessoa em meio ao barulho. Acho que é em lugares barulhentos que as pessoas tratam de segredos! Entre um gole de café e um biscoito contei-lhe da visita que fiz à borracharia e de minha conversa com Paulo. Algumas coisas não fechavam. Por exemplo: como o Manoel sabia tanto de minhas atividades da igreja no passado? Como ele me encontrou na oficina do borracheiro? E por que escreveu aquela carta? Mais parecia uma nota de arrependimento com um toque de confissão. Se alguém o seqüestrou e o matou por que não leu a carta e se desfez dela? E como Paulo conseguiu tão rapidamente o direito de posse sobre a casa de Manoel? Ela poderia investigar a verdadeira causa da morte do borracheiro? E por que deixaram tudo nas mãos de Paulo; documentos, papéis, fotos, etc.?

Katleen concordou, e deixou escapar uma frase: - Paulo tem muitos amigos.

- Mas você não acha que existe muita coincidência entre as mortes? - redargüi. - Afinal, Paulo me contou que o velho teria sido vítima de seqüestro e que lhe roubaram dinheiro.

A policial, notando que meu senso de investigação levantara algumas dúvidas, esclareceu:

- Houve saque na conta de Manoel no dia 30 de outubro, mas o que mais intriga a polícia é que o cartão do banco estava junto do corpo. Portanto, os saques ocorreram com o Manoel ainda vivo. A investigação não avançou muito - continuou a policial, beliscando com a ponta de seus dentes brancos uma bolachinha que acompanhava o café. Nossos contatos no bairro não viram nada de anormal nessa noite.

- E quanto a possibilidade de Manoel ter dólares e jóias em casa? Para um solteirão... Analisei em voz alta.

- Suspeitamos que sim, afirmou.

- Mas você não acha muita coincidência o fato de Paulo conseguir direito sobre os bens do Manoel e até documentos?

- Há um parente distante - disse - que terá de se habilitar perante a justiça para ficar com tudo.

- E por que não fica também com as fotografias e móveis?

- Deve ser gente rica que não se interessa por coisas simples, ponderou a policial. Você sabe – continuou Katleen. No decorrer dos anos as famílias se dispersam, desintegram-se e já ninguém sabe o que se passa com a vida dos outros. Um primo distante, uma tia às portas da morte. Quem se importa?

Katleen me tranqüilizou. Nada havia sido remexido na casa. Se havia dólares e jóias não é do conhecimento da polícia.

- Quem sabe ele os têm num cofre de banco?

- Ainda não chegamos lá, respondeu.

- Mas, e a morte por sacrifício?, perguntei. Você acha que ele foi condenado por não conseguir passar para o nível mais acima da arte da magia matando alguém por esse tipo de trabalho, como me disse na carta? Será mesmo que existe esse negócio de “vida por vida” na arte negra de matar?

- Não entendo dessas coisas, atalhou a policial.

Essas questões por mim levantadas, em nada alteraram a investigação policial. A polícia investiga muito bem e sabe trabalhar em cima de qualquer pista técnica, e os investigadores receiam entrar em questões de ocultismo. Têm medo de serem vítimas de “trabalhos” espirituais. Katleen aproximou-se de mim esgueirando a cabeça sobre a mesa e levantou uma questão:

- Pastor, falou baixinho como a querer segredo, sua voz mal sendo ouvida em meio as pessoas que circulavam pelo café, - E se a vítima escolhida tivesse sido você?

- Como assim?, respondi, levantando um pouco a voz; - eu a vítima?

- Pode ser, reagiu. Refizemos os passos de Manoel no dia 30 e, ao que nos parece, por detalhes houve desencontros entre vocês.

- Entre eu e o Manoel ?, perguntei.

- Sim, entre ele e você!

- Você poderia refazer mentalmente sua agenda do dia 30 de outubro?

- Claro, é fácil. Peguei a pasta colocada aos meus pés e retirei dela a agenda de anotações. – Vejamos.

Na agenda tenho anotada minha atividade diária. Seus olhos de

policial acostumados a ler coisas de trás para frente viu minhas anotações.

- Aqui, apontou. “11h. Encontrei-me com Celma na capela mortuária para tratar das exéquias do falecido.”

- Exéquias, me disse, nunca vi essa palavra na minha vida.

- É sinônimo de funeral, respondi. – Parece pedantismo, mas é linguagem clássica.

- De acordo com nossa investigação às 11h15m, Manoel também esteve lá, falou.

- E o que você quer dizer com isso?

- É que suspeitamos de que Manoel estava sendo seguido, ou ele e os demais seguiam você.

- E como vocês chegaram a uma averiguação como essa?

- Bem, me disse a policial - a polícia sempre conta com guardadores de carro, segurança de empresas, porteiros, sabe como é, até mesmo olheiros que fornecem uma pista em troca de alguns favores. Elas vêem a pessoa, o carro, sabem distinguir pessoas de pessoas, coisas assim! E acrescentou: - Manoel nem entrou na capela mortuária, pois dona Celma não se lembra de havê-lo visto naquele horário.

- Ela conhecia o Manoel?, perguntei, ansioso.

- Claro, que sim. Manoel é o dono da casa onde ficava a borracharia! Eles pagavam o aluguel diretamente a ele!

Surpreso, continuei repassando os dados da agenda. - “11.30, fui ao banco. Encontrei ali um colega, pastor de outra igreja. Isso me fez atrasar alguns compromissos. Fazia tempo que não nos víamos. Pastor Cassiano.”

- Nada demais, me disse Katleen.

- “14h. Atendi duas pessoas no gabinete pastoral. Uma senhora com problemas conjugais e o Carlos, do posto de gasolina. Às 16 h desloquei-me para o cemitério”.

- Interessante, falou a policial, o guardador de carros da rua da igreja que você pastoreia informou que um carro ficou estacionado perto da igreja por meia hora, mas que seu carro não estava lá. E quando disseram ao guardador que o aguardavam, ele falou que você não estava no escritório porque seu carro não estava lá.

- Pelo que sei Manoel não tinha carro.

- Ele possuía uma camioneta cabina dupla preta. Você alguma vez viu uma camioneta como essa por perto? Ela mostrou-me uma foto do carro.

- Não me recordo, falei. Existem tantas camionetas pretas cabina dupla na cidade. E também não sou lá muito observador.

Continuei repassando a agenda. - “17h. funeral.”

- Aqui é que existe uma questão que incomoda a polícia, disse Aparecida. - Manoel estava lá, Paulo também, além de dois homens que aguardavam no estacionamento junto ao cemitério, com o carro de Manoel.

Continuei a leitura das anotações de minha agenda. “18h. Havia marcado um compromisso no escritório antes da reunião de oração, mas a caminho, usei o celular e desmarquei. Fui para casa. Precisava descansar um pouco.”

- Aqui, apontou a policial. Você falou com alguém desse compromisso?

- Não me lembro.

- Mas foi na saída do cemitério que eles perderam você de vista. Imagino que eles iriam segui-lo - afirmou, pois o guardador de carros informou que às 18.30h eles estavam de novo lhe esperando próximo à igreja.

- Pura casualidade, respondi. Ou bisbilhotaram minha agenda. A pasta estava na sala de estar da capela funerária, e enquanto eu fazia o cerimonial devem ter olhado.

- Só que você mudou de itinerário, e no meio do tráfego perderam você de vista.

- Não foi isso, acorri. É que minha filha precisava do carro e me deixou no cemitério, e saiu com o meu carro. E depois um irmão da igreja a quem chamei pelo celular veio me buscar e me levou para casa.

- É a isso que chamo de detalhe, falou Katleen. Aqui eles o perderam! Buscavam o carro e o perderam de vista!

- E o Paulo estava junto?, perguntei.

- Sempre, informou.

- E quanto ao Manoel? Ele voltou para casa?, perguntei, tentando

desviar a investigação de sobre mim para o Manoel. Já estava me sentindo investigado e suspeito de crime! Apesar de Katleen manter os olhos num casal que acabara de entrar numa das lojas, quem sabe alguém que conhecia, a policial respondeu automaticamente:

- Voltou. Foi deixado em casa e escreveu a carta para você. Pelo que sabemos não saiu de casa no início da noite. Perdemos o rastro dele, informou a policial. E continuou:

- Bem, essas são averiguações colhidas depois da morte dele, e esse vazio é que nos deixa intrigados; você sabe, a noite é escura e encobre os fantasmas! Depois do funeral ele lhe escreve essa carta e desaparece na noite!

- Mas na carta que deixou fica implícita a idéia de que ficaria em casa... *Hoje, logo após o funeral do borracheiro decidi que deveria contar um pouco mais...*

- Mas isso apenas confirma que ele foi para casa. A partir daí perdemos a pista, e trabalhamos em cima de suposições. Alguém apareceu lá e o convidou; ou o seqüestrou. Não houve chamadas telefônicas atendidas; a pedido da polícia a companhia rastreou as ligações telefônicas dele. Nenhum vizinho viu alguma coisa.

- Não há quase vizinhos nas imediações – ponderei – o mais próximo é o Paulo.

- Finalizando, disse a policial, olhando por sobre a agenda: - O que você estava fazendo no dia 31 de outubro? Há um vazio de anotações em sua agenda.

Percebi que seu olho investigativo viu que a página do dia 31 estava em branco. Como dizer a ela o que eu estava fazendo?

- O dia 31 de outubro?, Bem, você não vai entender, argüi. Você pergunta como se eu fosse agora, o objeto a ser investigado?

- Bem, me disse, a polícia trabalha com todas as hipóteses. O melhor marido pode ser o pior assassino. O marido que ama, que dá flores, jantares e festas para a esposa, pode imaginar que está sendo traído e... lá vai um corpo boiando no rio. A menos que você diga onde esteve no dia 31 - o dia todo!

Expliquei-lhe o que fizera durante todo o dia e a noite toda. Ela entendeu perfeitamente minha argumentação, depois que expus meus



motivos.

- Ainda bem que não foi nada passional, nem passou o dia com mulheres nem em farras; ficaria mal para um pastor ser descoberto...

- Nem foi um dia de lazer, afirmei. O dia 31 de outubro é uma data sinistra e, você sabe, nós não lutamos contra pessoas e, sim, contra coisas ocultas no mundo espiritual! Nesse dia a igreja protestante celebra a Reforma da Igreja; mas os satanistas o dia das bruxas! Assim, eu me retirei para orar e estudar.

Antes que se levantasse para ir embora, joguei uma pergunta no ar:

- E se o Paulo estiver envolvido?

- Uma coisa, apenas, disse Katleen, não fique por aí bisbilhotando. Deixe esse assunto com a polícia. Agradei a recomendação e nos despedimos.

- Apenas lembre-se: você corre perigo! Saiu pelo corredor à fora e desapareceu no meio da multidão que fazia compras.

Nessa noite, um grupo de pessoas se reuniu na igreja para uma confraternização. Os irmãos queriam recepcionar os novos membros e, entre as várias pessoas havia uma mulher, a Constantina. Ela nos surpreenderia nos próximos meses!

## Capítulo 6

### “Nenhum Mal Chegará à Tua Casa”

Resolvi sair da cidade por alguns dias. Avisei Katleen e dei-lhe o número de meu celular. Precisava descansar, meditar e orar, e, dessa vez, não tomei o rumo do litoral onde costumava ficar em dias de folga. A policial me recomendou mudar de rotina. Também não viajei com meu carro. Recomendou-me que alugasse um auto, mas não o fiz. Viajei de ônibus. Mudei meus horários e minha rotina. Nesse dia, antes de viajar, quando falava ao telefone com alguém, mencionava que estava indo para o litoral, de ônibus. A policial foi quem me deu essa orientação. - Se possível diga até o horário. Caso alguém esteja ouvindo, nem irá imaginar que seu trajeto é outro bem diferente.

Fiquei de segunda a sexta descansando longe da cidade. Consegui com um amigo uma cabana num excelente condomínio em meio à mata. O cheiro dos pinheiros e dos ciprestes molhados com o orvalho da manhã são convidativos para uma boa caminhada. Em frente à cabana as hortênsias esforçavam-se por brotar, sufocadas pela folhagem. Só florescem no verão. Mas uma roseira plantada junto à área da casa onde o sol banhava sua luz estava exuberante. Para mim as roseiras devem crescer desordenadamente; devemos deixar que se espreguicem sobre muros e portas. Cada flor é uma mensagem de saudação aos visitantes, especialmente abelhas e borboletas que começavam a aparecer com o clima que esquentava. E as roseiras devem ser cor-de-rosa; ou devem cruzar as espécies umas com as outras, entrelaçar-se intimamente. Gosto das roseiras que não são cultivadas: são mais perfumadas! Caminhando pelo bosque as folhas secas caídas durante o inverno estalavam fazendo um clac-clac sob os pés. A proximidade do verão despertou a natureza para o trabalho. Marimbondos, vespões, abelhas, moscas e libélulas misturavam-se às plantas. Uma cigarra tentou gritar em algum tronco de árvore, mas se engasgou; dali a poucos dias seu grito exuberante seria ouvido em todo o bosque! O equilíbrio da natureza, a ecologia natural - sem o controle do homem - permitia que a mata seguisse seu próprio destino.

Enquanto a mata e o campo continuavam seu ciclo de vida e morte, vi que a pequena cidade onde me refugiei, estava se transformando.

Novos prédios aqui e ali erguiam-se faceiros, e vi que a “onda” mística chegara às lojas com seus gnomos, elfos, bruxas e cristais. Se os cristais fossem fonte de energia - pensei - os habitantes de Minas Gerais, nas proximidades de Belo Horizonte e os de Soledade, no planalto gaúcho seriam os tais! Vivem sobre cristais. Para alguns tudo é energia: flores, frutas, árvores, pedras, terra... e se árvores grandiosas servissem de fonte de energia, imagino como seriam felizes os habitantes das florestas do Brasil. E quem abraçasse uma Sequóia americana teria energia pelo resto da vida! As pessoas crêem em coisas ridículas, pensei. E os donos dessas casas em que os pequenos anões estão no jardim nunca envelheceriam. Você já notou como são as casas que têm anões no jardim? Parece que só há velhos lá dentro!

Com a polícia no encalço dos criminosos, pus-me a refletir sobre o mundo espiritual, e de como Deus protege-nos de tramas diabólicas que nem imaginamos. Vê-se pela Bíblia que dois mundos em existência cercam o destino dos homens: o mundo natural e o espiritual. E Manoel conhecia muito bem o mundo espiritual das trevas. Alguns livros que ele deixara no envelope tratavam dos mistérios da cabala, seu poder, a maneira como ela controla a existência das pessoas, o poder místico de seus números, e deu-me até um livro: “A cabala das Feiticeiras”. Nem preciso ler sobre essas coisas para aprender sobre o mundo espiritual; basta ler o que Paulo, apóstolo de Jesus, escreveu sobre esse mundo tenebroso.

Mas existe também um mundo espiritual mais puro, límpido, sadio, inofensivo e alegre que também aflora por toda a Bíblia. É um mundo em que aparecem anjos libertando, curando, salvando e até partilhando da alegria e da felicidade das pessoas. Esse mundo é maravilhoso. Está à disposição de todos os que têm comunhão com Deus. “Aos seus anjos dará ordens para que te guardem”, diz o Salmo 91. “O anjo do Senhor acampa-se ao redor dos que o temem e os livra”, diz outro Salmo. Entre os anjos de Deus há os guerreiros, os intercessores e milhares deles a serviço dos filhos de Deus. É um mundo celestial em que anjos de Deus pelejam contra os anjos das trevas; em que demônios gritam através das pessoas, como no Novo Testamento. O mundo espiritual que a igreja do Novo Testamento conheceu podia ser visto na

vitória dos anjos de Deus sobre as forças do mal!

Anjos apareceram por toda a história bíblica, e isso é maravilhoso. Mas a Bíblia não esconde a verdade de nós. Ela afirma que Satanás não gosta dos que crêem em Deus e lhe são fiéis, por isso vive preparando ciladas e laços para derrubar os crentes. “O diabo, o inimigo de vocês, anda ao redor como leão, rugindo e procurando a quem possa devorar”, diz o apóstolo Manoel. E Paulo, o apóstolo, escreveu: “Vistam toda a armadura de Deus, para poderem ficar firmes contra as ciladas do diabo, pois a nossa luta não é contra os seres humanos, mas contra os poderes e autoridades, contra os dominadores deste mundo de trevas, contra as forças espirituais do mal nas regiões celestiais”. O próprio Jesus falou do diabo como algo real. No Apocalipse ele é citado como dragão, antiga serpente, chamada Diabo e Satanás “que engana o mundo todo”. Esse dragão age com sutileza, arrastando e dominando as pessoas.

Manoel pode haver tentado me matar com obras de feitiçaria, mas eu estava guardado debaixo das asas de Deus, como diz o Salmo 91: “Aquele que habita no abrigo do Altíssimo e descansa à sombra do Todo-Poderoso pode dizer ao Senhor: “Tu és o meu refúgio e a minha fortaleza, o meu Deus em quem confio”. Ele o livrará do laço do caçador e do veneno mortal. Ele o cobrirá com as suas penas, e sob as suas asas você encontrará refúgio; a fidelidade dele será o seu escudo protetor... se você fizer do Altíssimo o seu abrigo, do Senhor o seu refúgio, nenhum mal o atingirá, desgraça alguma chegará à sua tenda. Porque a seus anjos ele dará ordens a seu respeito, para que o protejam em todos os seus caminhos”.

Manoel não imaginava o poder que me protegia! Sei de muita gente que morreu vítima de obras de feitiçaria. Parece um acidente normal, uma coisa casual, um enfarto simples e morrem! Aparece uma enfermidade não sei donde, e, em pouco tempo mata a pessoa. Os jornais freqüentemente falam do poder do voodoo, da feitiçaria, e ouvi outro dia um desses feiticeiros afirmar que o trabalho que eles fazem dá certo: se é para a morte, a pessoa, por certo, morrerá em poucos dias, afirmou na tevê! As investigações de determinados acidentes e de mortes levam a polícia a um beco sem saída.

Como pastor tenho que dar o meu sermão. E o meu tempo de

reflexão levou-me a algumas conclusões que quero compartilhar com você.

O crente é guardado de tramas no mundo espiritual que ele nem imagina existir. Por exemplo: os capítulos 22 a 24 do livro de Números tratam de uma trama espiritual urdida – preparada astutamente – para amaldiçoar o povo de Deus que deixara o Egito. Balaque, rei de Moabe, ao ver aquela multidão acampada nas proximidades de seu reino, teve medo e disse aos seus súditos: “Agora, lamberá esta multidão tudo quanto houver ao redor de nós, como o boi lambe a erva do campo” (Nm 22.4). Só havia um jeito de parar aquela multidão: amaldiçoá-la, e para tanto pediu socorro a Balaão, profeta que vivia junto ao rio Eufrates.

Mas quero resumir essa história: Balaque, manda chamar a Balaão, o profeta e lhe oferece muita riqueza para que venha e amaldiçoe o povo de Deus. O profeta, consulta a Deus e é por ele proibido de viajar e de amaldiçoar o povo, e acrescenta: “este é povo abençoado” (Nm 22.12). Balaão obedece a Deus e não viaja com os príncipes enviados para buscá-lo. A comitiva retorna ao seu país sem qualquer sucesso. Mas Balaque não desiste. Ele sabe que o dinheiro e as riquezas têm grande poder de barganha, mesmo entre os servos de Deus, por isso envia novamente seus príncipes com uma oferta maior, e aos olhos de Balaão a oferta foi irrecusável: ele iria garantir o futuro de toda sua família!

Dessa vez, quando Balaão volta a falar com Deus, este sabendo que o coração de seu servo estava inclinado a aceitar a oferta, permite que vá, com uma condição: irá falar apenas o que Deus colocar em seus lábios. E Balaão segue com os príncipes de Balaque a fim de amaldiçoar o povo de Deus. Obviamente que tem toda a história da jumenta que fala, dos montes que ele sobe, dos sacrifícios que oferece, mas na hora de abrir a boca, só fluem palavras de bênçãos! E Balaão tem de confessar: “Como posso amaldiçoar a quem Deus não amaldiçoou? Como posso denunciar a quem o Senhor não denunciou?” (Nm 23.8). A trama era desconhecida de Moisés e do povo de Deus, mas foi desfeita no mundo espiritual sem que o povo e seu líder o soubessem!

É interessante observar que essa trama de destruir o povo de Deus, feita em secreto nem sequer chegou ao conhecimento do povo nem de Moisés, pelo menos é o que se depreende do texto bíblico.

Imagino que existem tramas contra a vida pessoal dos servos de Deus e contra a vida da igreja que nos são desconhecidas, e que são desfeitas por Deus sem que nos cheguem ao conhecimento. Uma coisa é sabermos das más intenções do diabo – as intenções gerais de querer nos destruir, tema que vai do livro de Gênesis ao Apocalipse. Jesus e os apóstolos tentaram nos advertir. O Novo Testamento nos adverte e nos exorta a estarmos atentos às ciladas do diabo, e penso que não se faz necessária uma abordagem minuciosa sobre esse tema no momento.

Creio que existem tramas planejadas contra nós - como o esquema planejado por Manoel e quem sabe pelo Paulo contra minha vida. - Será que o Paulo estava também envolvido nisso tudo? Imagino que o borracheiro deve ter morrido porque alguma feitiçaria foi feita contra ele no mundo espiritual. Deus, no entanto, intercepta os ataques forjados contra nós, por Satanás e seus demônios, ataques e tramas que desconhecemos. São coisas às quais Deus se antecipa e desfaz livrando-nos sem que nos demos conta. Por outro lado, às vezes sentimos que algum tipo de urdidura foi planejada no mundo espiritual; sentimos que seremos atacados a qualquer momento, mas não sabemos de que forma o ataque virá. A gente sente no ar, não é mesmo?

No caso específico de Balaque e Balaão o povo nem ficou sabendo do que estava ocorrendo. Como não deu certo a tentativa de amaldiçoar o povo com palavras de maldição, Balaão e Balaque usaram de outra estratégia: atacar o povo com tentações da carne. Levaram as mais lindas mulheres até as proximidades do acampamento para que tentassem os judeus pelo sexo. Nisso conseguiram grande vitória. Os homens passaram a ter relações sexuais com as mulheres moabitas. Induzidos por elas passaram a prestar cultos aos deuses dos moabitas: sexo e adoração a deuses eram práticas comum entre os povos da época! O capítulo 25 de Números começa com essa triste nota: “...começou o povo a prostituir-se com as filhas dos moabitas.” O texto bíblico diz que um príncipe da casa dos simeonitas foi pego adulterando com uma princesa moabita, e que tudo isso aconteceu por conselho de Balaão, o profeta! O relato de Números 31.15-16 diz o que aconteceu com Balaão.

Descobri que os Salmos têm respostas à questão das tramas ocultas. O Salmo 31.19-20 diz: “Como é grande a tua bondade, que reservaste

aos que te temem, da qual usas, perante os filhos dos homens, para com os que em ti se refugiam! No recôndito da tua presença, tu os esconderás das tramas dos homens, num esconderijo os ocultarás da contenda das línguas”. Quer dizer, Deus usa de bondade para os que nele se refugiam e os esconde das tramas dos homens! Nas câmaras das trevas ao lado de seus príncipes e demônios o diabo planeja contra os filhos de Deus, mas o Senhor, sem que o saibamos, intervém a nosso favor!

Não é isso de que trata o Salmo 91? Para muitos o Salmo 91 é um talismã, usado nas situações de aperto, mas na realidade o Salmo trata de um só tema: o que habita em Deus e confessa que Deus é o seu refúgio, receberá socorro na hora da tribulação. Os versículos 9 a 11 afirmam: “Pois disseste: O Senhor é o meu refúgio. Fizeste do Altíssimo a tua morada. Nenhum mal te sucederá, praga nenhuma chegará à tua tenda. Porque aos seus anjos dará ordens a teu respeito para que te guardem em todos os teus caminhos. Eles te sustentarão nas suas mãos, para não tropeçares nalguma pedra...”. Depois o Salmo apresenta Deus falando: “Porque a mim se apegou com amor, eu o livrarei; pô-lo-ei a salvo, porque conhece o meu nome” (v. 14). Portanto, longe de ser um talismã para dar sorte, o texto trata da intimidade e comunhão entre o homem e Deus. Quando nos escondemos em Deus, de uma coisa estamos certos: ficaremos seguros. É o que diz outro Salmo: “Tu és o meu esconderijo; tu me preservas da tribulação” (Sl 27.7).

Ainda noutra passagem o salmista fala desse esconderijo como um pavilhão ou cobertura que nos esconde da vista do diabo: “Pois no dia da adversidade, ele me ocultará no seu pavilhão; no recôndito do seu tabernáculo, me acolherá; elevar-me-á sobre uma rocha” (Sl 27.5). Você já se imaginou escondido na habitação de Deus, o tabernáculo, e protegido sob uma cobertura, ou pavilhão? Na hora do ataque do diabo é sob as asas de Deus, em seu abrigo que somos escondidos da ação do diabo. Foi isso o que aconteceu com o povo de Israel na saída do Egito. Faraó perseguiu os filhos de Israel, e é claro, era mais rápido, pois seu exército usava da cavalaria enquanto povo de Israel andava a pé, com velhos, crianças e mulheres que não conseguiam correr. O anjo de Deus que ia à frente do povo foi para a retaguarda, a nuvem também foi para trás do povo, impedindo o exército de Faraó de ver o povo de Deus.

“Então o anjo de Deus, que ia adiante do exército de Israel, se retirou e passou para trás deles; também a coluna de nuvem se retirou de diante deles, e se pôs atrás deles, e ia entre o campo dos egípcios e o campo de Israel; a nuvem era obscuridade para aqueles e para este esclarecia a noite; de maneira que, em toda a noite, este e aqueles não puderam aproximar-se” (Ex 14.19-20).

É isso o que significa ficar escondido no pavilhão de Deus! Parece-nos que no milênio o povo de Deus terá esse tipo de cobertura protegendo-o da ação da natureza: “Criará o Senhor, sobre todo o monte de Sião e sobre todas as suas assembléias, uma nuvem de dia e fumaça e esplendor de fogo chamejante de noite; porque sobre toda a glória se estenderá um dossel e um pavilhão, os quais serão para sombra contra o calor do dia e para refúgio e esconderijo contra a tempestade e a chuva” (Is 4.5-6).

Manoel não imaginou que quando oramos a Jesus ele nos livra do mal! O próprio Jesus nos ensinou a orar pedindo que Deus nos livre do mal! Dois textos citados por Jesus indicam meu direito de orar pedindo proteção de Deus. Na oração que ensinou aos discípulos, Jesus conclui assim: “E não nos deixes cair em tentação; mas livra-nos do mal” (Mt 6.13). Mal, aqui não é num sentido genérico, mas o próprio diabo. No original é maligno! Jesus ensinou-nos a orar ao Pai para sermos livres do maligno, isto é, do próprio Satanás. Em João 17.15 novamente Jesus intercede ao Pai por nós, dizendo: “Não peço que os tires do mundo, e sim que os guardes do mal”. A palavra aqui é maligno, referindo ao diabo, inimigo de Deus e de seu povo! “O Senhor me livrará também de toda obra maligna” (2 Tm 4.18), diz Paulo, quem sabe referindo-se até mesmo a obras preparadas e tramadas contra nós no ocultismo!

Fico pensando na reação de Pedro, o apóstolo, quando Jesus lhe disse que o diabo queria permissão para peneirar seu discípulo como se faz com o trigo. Pedro, nas mãos do diabo seria jogado para cima e para baixo, como acontece com alguns animaizinhos dos desenhos animados da tevê. Mas Jesus intervém e não permite que o diabo proceda assim. “Simão, eis que Satanás vos reclamou para vos peneirar como trigo! Eu, porém, roguei por ti, para que a tua fé não desfaleça” (Lc 22.31). Como o propósito do diabo é só o de matar e destruir, Paulo aconselha: “...pois



não lhe ignoramos os desígnios” (2 Co 2.11). Não resta dúvidas de que devemos continuamente orar: “Esconde-me à sombra das tuas asas” (Sl 17.8).

Vejam algumas orações que podemos fazer: “Esconde-me da conspiração dos malfeitores e do tumulto dos que praticam a iniquidade... para, às ocultas, atingirem o íntegro. Mas Deus desfere contra eles uma seta...” (Sl 64.2,7). “Contende, Senhor, com os que contendem comigo; pejeja contra os que contra mim pejejam... Sejam confundidos e cobertos de vexame os que buscam tirar-me a vida” (Sl 35.1,4). “Guarda-me dos laços que me armaram e das armadilhas dos que praticam iniquidade. Caiam os ímpios nas suas próprias redes, enquanto eu, nesse meio tempo, me salvo incólume” (Sl 141.9-10).

Finalmente, creio que a melhor declaração está no Salmo 23 quando Davi, exclama: “Ainda que eu ande pelo vale da sombra da morte, não temerei mal nenhum, porque tu estás comigo; o teu bordão e o teu cajado me consolam” (Sl 23.4). Se Deus está do nosso lado, e se estivermos abrigados em seu refúgio, podemos afirmar como Paulo: “Se Deus é por nós, quem será contra nós?” (Rm 8.31).

## Capítulo 7

### Casa Misteriosa

Assim, na sexta-feira logo após o meu retorno - e sem qualquer telefonema de Katleen - pedi a um irmão da igreja que desse uma volta comigo pela cidade. Não queria importunar a policial. Imagino que se precisasse de mim ela é quem ligaria. O silêncio entre nós começou a me deixar tenso. No meu retiro espiritual durante a semana abster-me de ver tevê e de ler jornais. Às vezes precisamos nos desligar totalmente do mundo - é uma espécie de purificação. Perde-se a paixão pelo futebol e política; ficamos purificados da violência das páginas dos jornais - menos da igreja que tanto amamos. Mesmo assim, outras pessoas cuidam do pastoreio. Se por um lado apenas alimentamo-nos de coisas boas, de oração e da leitura da Bíblia, por outro entramos num vazio de notícias, num incômodo social, pois não sabemos o que está acontecendo ao nosso redor.

Esse irmão me levou em seu carro a andar pelo quarto distrito. Queria ver algumas coisas, quem sabe, casas e praças, e também passar pelo local onde o Manoel morou. Decidimos andar de carro à noite. Deixando a principal avenida que leva em direção ao centro, e entrando por uma transversal em direção ao rio, observa-se um bairro repleto de cabarés, bares noturnos, casas suspeitas, boates para homossexuais e lésbicas. Travestis seminus esgueiram-se junto a paredes, muros e postes do bairro, parte do corpo iluminado pela luz de um poste, mas também protegido pela escuridão. É como se uma parte dessas pessoas quisesse a luz e a outra as trevas. Carros param aqui e ali; alguém sempre correndo o risco de fazer um programa suicida. Os transformistas parecem lindas mulheres - e escondem no charme de seu corpo as garras da violência. À medida que nos aproximamos da casa de Paulo, esse tipo de coisa foi desaparecendo. É um canto do bairro onde depósitos, bares e oficinas de carro ficam fechados à noite. Deixamos o carro duas quadras do local e fomos caminhando. É perigoso. Mas eu tinha um plano.

Meu amigo e eu nos postamos do outro lado da rua, e ficamos cuidando a casa do Paulo. Um grande depósito fechado serviu-nos de apoio para espiarmos na escuridão. Eu queria ver o que acontecia ali

numa sexta feira à noite. O prédio da antiga borracharia recebera pintura nova - mas ainda não trazia na fachada nenhum cartaz do que seria ali. A casa do Manoel estava fechada. Nenhuma luz lá dentro. A casa do Paulo, sim. O poste de iluminação pública ficava na calçada da casa de Paulo e havia uma lâmpada pública bem em frente a casa. No lado da rua em que estávamos, árvores altas faziam sombras sobre a calçada. Esse é um problema das cidades: a iluminação é de um lado só da rua! O depósito ficava num nível mais alto, facilitando nossa visão de quem entrasse ou saísse da casa. Como não havia luz onde estávamos, nossa presença passava despercebida à qualquer que por ali transitasse. Alguns carroceiros teimavam em puxar carroças cheias de material recicláveis. A pobreza fez dos homens, cavalos! Logo alcançariam a ponte e despejariam todo aquele lixo nas ilhas do Delta do Jacuí. Poucos automóveis circulavam pela rua. Eram dez horas da noite. A recomendação da policial soou aos ouvidos: “não fique por aí bisbilhotando. Deixe esse assunto com a polícia.” Agora é tarde, pensei.

Começaram a chegar carros. Eles não vinham pela rua como quem vem do centro da cidade, mas surgiam das imediações da ponte. Uma piscada de luz e o portão se abria. Logo fechava. Os portões eram abertos por controles remotos. Realmente Paulo recebia amigos somente à noite, pensei. Mal dava para ver os faróis iluminarem o pátio por breve período. Uns oito carros entraram no pátio. Não se ouvia tambores; não se via luzes fortes; as janelas da casa estavam fechadas. Apenas uma coisa chamou minha atenção. O clarão das chamas de uma pequena fogueira iluminava o muro do fundo da propriedade lançando as sombras de uma árvore sobre ele. Era algo lúgubre, pois o vento balançava os galhos da árvore e as sombras se mexiam sobre o muro do fundo do quintal. Por que a fogueira? Alguém poderia estar queimando folhas secas, mas aí a fumaça seria intensa; folhas produzem fumaça; lenha, fogo. Sombras, apenas sombras esgueiravam-se tortamente ao reflexo das labaredas. Sombras são indicativos de que existe algo real. Elas não são reais, mas refletem uma realidade. Pessoas dançavam. Não dava para ver o que faziam nem quantas dançavam. No pouco espaço sem vegetação junto ao muro dos fundos, as sombras apareciam e desapareciam como se brincassem com a noite.

Meu amigo e eu corríamos perigo de assalto, por isso tratamos logo de sair dali. Pegamos o carro e ele me deixou em casa.

No dia seguinte, sábado, Katleen ligou.

- Pastor, imagino que você já voltou de seu retiro espiritual.

- Claro, respondi. Estou às suas ordens. Alguma novidade?, nem sabia que policial trabalhasse no sábado!

Naquele mesmo dia nos encontramos em meu escritório. Ela percebeu que eu nunca estava só. Algumas pessoas limpavam o salão da igreja e meu ajudante trabalhava na sala ao lado. Com seu faro policial observou que eu mudara a posição da mesa de trabalho e que trocara os sofás. Ela comentou esse fato.

- Boa observadora, falei.

Rindo baixinho ela disse: - coisa de policial. Somos treinados para observar. - Mas, - avisou - tenho novidades. Paulo pode estar envolvido na morte do Manoel.

- E o que levou a polícia a essa “quase” conclusão?

- Você afirmou havê-lo visto no funeral por breve momento, não foi?

Assenti com a cabeça.

- A suspeita sobre ele é muito forte, mas não temos todas as provas. Há fortes indicativos de que os dois eram amantes! ... Quase pulei da cadeira.

- Amantes? Mas o Manoel...

- Era um solteirão, disse a policial - que teve uma desilusão com uma mulher e... acreditamos que o Paulo seja uma espécie de gigolô, na realidade, um explorador sexual.

- Digamos, cortei – que o Paulo, aproveitando-se da carência emocional do Manoel, arrumou um jeito de se sustentar. - Mas e as mulheres que vivem com ele?

- Ele é gigolô. Elas não vivem lá; são mulheres ricas que dão dinheiro a ele em troca de “trabalhos espirituais” e muito sexo. Empresários atarefados e nervosos esquecem das esposas; essas, quando encontram alguém que lhes dêem atenção... Além de que, alguns homens costumam ser empresários com vida sexual dupla...

- E orientação espiritual, atalhei...

- Exatamente, conferiu a policial.

Analisei o quadro à luz do que vira na noite anterior, com tantos carros entrando na propriedade e joguei uma pergunta no ar:

- Os dois podiam ser amantes, mas imagino que eram sócios em algum empreendimento espiritual.

- Também acho, disse, - mas a polícia trabalha com provas e, sem elas o inquérito policial fica incompleto, pois precisa satisfazer as exigências da justiça.

- Mas por que esse relacionamento tinha que terminar numa morte tão brutal?, indaguei. A polícia já entrou na casa do Paulo?

- Ainda não. Houve uma ordem de busca mal solicitada à justiça e cancelada. Ele tem muitos amigos!

- E qual a suspeita da morte do borracheiro? Quando estive lá o homem me contou que sofria da coluna, não mencionou nada de doença do coração. Não sou investigador, - mas uma pessoa pode ter uma parada cardíaca por envenenamento, estresse e até voodoo! O receio de ser pego em flagrante por algum delito, como viver com uma amante em segredo pode também trazer problemas ao coração!

- Envenenamento, esclareceu a policial. A viúva pediu um exame de sangue logo que o marido deu entrada no hospital. Agora só falta ligar o caso ao Paulo.

- E por que não o fazem?

- Problemas na própria polícia, respondeu.

- Por que você não investiga a casa dele numa noite de sexta-feira? - quem sabe as respostas estão lá!?

- Por que numa sexta, perguntou com certa desconfiança...!

- Bem, respondi, porque existe o costume de se fazer trabalhos espirituais nessa noite da semana!

- Que nada, acrescentou a mulher – pelo que sei já não se escolhe noite da semana!

Não falei para a policial que estivera bisbilhotando a casa na noite anterior; queria que ela mesma se certificasse do que acontecia ali. Nesse mesmo dia circulei pelo bairro apenas para observar e orar. Os céus precisavam vir em socorro da polícia para que esses casos de morte fossem desvendados. A morte do Manoel não rendera mais que uma pe-

quena nota no jornal, no canto de uma página que passava despercebido do leitor.

Nas primeiras horas da noite resolvi olhar as notas e papéis que o Manoel me entregara. Além dos recortes de jornais com reportagens sobre encontros de ocultismo e feitiçaria, algumas eram reportagens que mencionavam minhas atividades no ministério pastoral. Havia também recortes de jornais evangélicos com artigos que eu escrevera. Aproveitei para guardá-los, pois nem mesmo eu tinha cópias dos artigos publicados. Papéis com símbolos satânicos, sacrifícios de animais, símbolos do ocultismo. Não tinha dúvidas, o homem era fascinado por coisas ocultas. Mas ele não era apenas cabalista, suspeitei que fosse satanista. Por que alguém que eu nem conhecia, mantinha farta documentação com meu nome? E por que se encontrou comigo e queria tanto falar comigo? A policial estaria certa ao dizer que eu poderia ter sido a vítima? E aquelas palavras da carta que o Manoel escreveu...

Durante dois meses, com o caso nas mãos da polícia, meu trabalho intenso na igreja fez-me afastar desse espírito investigativo que começara a apoderar-se de mim. Celma ficou um bom tempo sem voltar às reuniões da igreja - e ela seria meu único laço com os acontecimentos. Vez que outra eu passava perto da casa de Paulo. Ele abriu um bar com mesa de sinuca no lugar da borracharia e, à primeira vista, a casa de Manoel estava ocupada. Achei estranho, um homem assim sem ninguém no mundo, nem um parente por perto para herdar os bens. Mas é possível. Nesse caso, imagino que algum parente irá aparecer solicitando direito de posse daquelas propriedades à justiça. Eu conhecia casos, no aconselhamento pastoral, em que as pessoas não tinham parente algum para deixar qualquer espólio ao morrer, como o caso de um casal que me procurou. Eles nunca tiveram filhos, estavam velhos, os irmãos dele e dela já haviam falecido. Desconheciam a existência de primos e queriam que a igreja providenciasse a documentação das propriedades com uso e fruto deles; depois de mortos a propriedade seria da igreja. Dissuadi-os de que ainda viveriam muitos anos. De fato, a pessoa a que me refiro ficou viúvo, e sentindo necessidade de uma companheira, casou-se de novo; a nova esposa tinha muitos parentes com quem deixar o espólio!

No caso de Manoel, se a maldição dizimou seus familiares, algum

parente distante apareceria. Nesse caso, por que não investigar nos cartórios de registro de imóveis e na prefeitura? Fiz essa sugestão à policial por telefone. E não demorou em aparecer com as informações. A propriedade onde Paulo morava era também de Manoel. Assim, Paulo não era um invasor como diziam, morava ali com permissão de Manoel com quem manteve um caso. Por quanto tempo foram amantes? Se Paulo morava na casa havia cinco anos, estou quase certo que a coisa vinha de longo tempo. E o boato de que Paulo roubava carros e os usava até que o IPVA vencesse e depois os jogava no rio, aparecendo com outro carro? Não seriam também carros oferecidos pelo Manoel? Esses meus pensamentos, pelo menos, eliminavam a suspeita de que Paulo era um invasor. E qual a profissão de Manoel? Seria alguém que aprendera a viver apenas da renda de imóveis?

Imaginei, então, que Paulo deveria estar pagando os impostos na Prefeitura para depois fazer usucapião das propriedades. Com os endereços em mãos, fui à Prefeitura e verifiquei que os impostos estavam em dia, inclusive da casa onde Paulo morava.

Katleen ligou. Tinha novidades. Por telefone colocamos em dia nossas descobertas, e conferimos a investigação policial com a que eu fiz na prefeitura.

- Todas as propriedades, são de Manoel, avisei - inclusive a casa onde Paulo reside. E os impostos estão em dia.

- É difícil para a polícia seguir com o inquérito por esse lado, pois ninguém reclamou o direito de posse.

- Sim, retruquei, e se o homem conseguira uma procuração de Manoel? Você sabe, amantes fazem dessas coisas.

- A polícia deteve-se no homicídio e desaparecimento de dinheiro da conta de Manoel.

- Mas se investigarem por esse lado vocês poderão encontrar um outro fio que desenrola a meada, disparei. E continuei: - Você não visitou a casa do Paulo numa noite qualquer? E o mandato do juiz, o que fizeram dele?

- Bem, disse-me, por telefone fica difícil conversar. Eu volto a te ligar e conversaremos.

- Tenho mais uma pergunta, adiantei: descobriram alguma coisa

sobre o envenenamento do borracheiro? Clique. Era tarde, ela nem me ouviu e desligou o telefone.

Veja bem, as dores nas costas de um borracheiro fizeram com que eu me envolvesse com tanta coisa! Duas mortes, uma por envenenamento e a outra com requintes de crueldade num crime sem solução.

E assim correram os dias. Fiquei à espera do telefonema de Katleen. Quem sabe seus estudos na Faculdade de Direito e as atividades de fim de ano a deixavam muito ocupada. E eu preocupado. Já estávamos em janeiro e nenhuma notícia da policial. Inquieto liguei para o 4º distrito policial para saber notícias dela. Fui informado de que havia sido transferida para o interior e que se preparava para fazer o concurso para delegada de polícia. Isso colocava um fim em tudo. Não teria mais informações do caso, a menos que encontrasse Katleen e ela me recomendasse à pessoa que a substituiu na delegacia.

Uma pequena nota no jornal tirou-me por breve tempo da trilha do caso. “Polícia arquiva processo do caso do esquiteamento”. Eis o que dizia a nota: *“Depois de meses de investigações a polícia arquivou o inquérito sobre a morte de Manoel D. Espíndola Garcia. A hipótese de que Manoel foi morto num ritual macabro não está descartada. O desaparecimento de boa quantidade de dinheiro de sua conta bancária um dia antes de morrer continua um mistério. Não há a quem imputar o crime.”* Coisa de polícia, pensei. Como se esgota o prazo para inquéritos, as autoridades resolvem arquivá-los. Quem sabe até que surja um novo homicídio de alguém importante. Por certo não seguiram pela linha de raciocínio que sugeri a Katleen. A polícia deveria investigar o Paulo, seus bens, propriedades, quem paga os impostos das propriedades, etc. Claro, pensei - a essas alturas Paulo deverá estar dirigindo uma D-20 preta. Esse pensamento deu um estalo em minha mente. E por que não investigar?

Minha consciência argüiu que bisbilhotar a vida dos outros é tarefa de detetive, e que eu deveria cuidar de minhas tarefas pastorais. Mesmo assim, já que conhecia a Paulo, por que não lhe fazer uma visita? Uma visita pastoral, seria uma boa desculpa. Fui até lá. Nem parecia haver existido uma borracharia ali antes. A fachada do prédio recebera pintura nova – um verde limão. Um pequeno luminoso com a marca de um refrigerante indicava o bar de bilhar. “Bar e bilhar São Jorge”. Junto à



porta um vaso com espadas de São Jorge e outro com a planta popularmente conhecida como “comigo ninguém pode”. Duas mesas de bilhar novas estavam ocupadas por jogadores; tinham pinta de policiais em dia de folga. Parei no bar e entrei. Paulo estava na mesa do fundo jogando sinuca, cigarro entre os dentes enquanto passava a barra de pó de gesso na ponta do taco. Ele me olhou, curioso ao ver um pastor entrar em seu bar, mas não demonstrou qualquer reação como costumam fazer as pessoas ao dar de cara com um policial. Eu estava receoso de que houvesse uma batida policial naquele exato momento: como explicar à polícia o que um pastor fazia ali? Tratei de ser rápido.

- Paulo, posso fazer uma visita a você uma hora dessas? Quero trocar algumas idéias sobre a trágica morte do Manoel. Nem precisou marcar uma hora na agenda. Alguém o substituiu na próxima tacada, e usando uma porta aberta pelo fundo, Paulo me levou à antiga residência de Manoel. Gosto de visitas surpresa, pois as pessoas não têm tempo de se preparar de antemão, como varrer a casa, limpar a louça, etc. A gente pode ver como realmente vivem as pessoas da casa.

Dois homens trabalhavam na cozinha da casa, agora ampliada, servindo de apoio ao bar da frente. Empregados, pensei. Com o canto dos olhos percebi que ele abrira uma porta que dava para o terreno ao lado e dali à sua casa. Fomos para a sala e sentamo-nos os dois a conversar. Paulo desabotoou o botão superior da camisa, mostrando sua corrente de ouro. Eu queria era ver se ele estava com a camioneta D-20 cabina dupla. E isso me desarmou, pois o que eu mais queria era entrar no pátio da casa dele, o pátio cercado de mistérios, e investigar o que se passava ali. Sem ter muito o que conversar, perguntei:

- Como andam os negócios por aqui? Vejo que o bar anda movimentado. Paulo ajeitou-se no sofá de napa, apoiou o braço no apoio de madeira e acendendo um cigarro, depois de dar uma baforada para cima, falou:

- Como você deve saber fiquei cuidando de algumas coisas do Manoel, inclusive da camioneta dele. Mas acho que logo, logo algum parente dele aparecerá e se habilitará na justiça para cuidar do espólio. Por enquanto, vamos levando, arrematou.

- Não sei de nada disso, falei mostrando estar surpreso. Tudo o que

sei é o que sai pelo noticiário. O que me intriga, continuei, é que Manoel conhecia muita coisa sobre mim e eu nada sabia dele. Você sabia que ele tinha recortes de jornais sobre minha vida? - perguntei. - Pouco antes de morrer entregou-me uma pasta com recortes de jornais, revistas, um livro e muita coisa sobre ocultismo. E vários recortes de jornais em que meu nome é mencionado em reportagens, adiantei. Como gostaria de ter conversado com ele sobre aquelas coisas! Paulo, então, adiantou-me que conhecia muito pouco a vida de Manoel e que nunca tivera acesso aos papéis dele. Eu sabia que ele estava mentindo, pois a policial que investigara o caso encontrou indícios de que os dois eram amantes.

Sujeito inteligente, media cada palavra que ia falar. Ainda que cuidadoso com o que tinha a dizer, Paulo deixou escapar um palavrão e falou:

- Uma policialzinha levantou coisas contra a minha pessoa. Meu advogado viu o inquérito, e agora parece que você, pastor, veio aqui investigar também. Eu tenho mil ouvidos!

- Nada disso, falei, é habito pastoral fazer visitas e rever certas situações.

Mas ele não desistiu:

- A investigadora do processo saiu-se tão mal que foi transferida para o interior. É isso o que acontece com policiais estúpidos. São transferidos para o interior. A cidade precisa de pessoas eficientes. Estou tranquilo, afinal, o inquérito foi arquivado...

- Mas o que fez essa policial?, arrisquei. Não sei se na investigação Katleen mencionou ou não meu nome, nem tão pouco se constava dos autos da investigação. Se ela falou sobre mim, Paulo iria logo se manifestar.

Paulo respondeu: - Insinuou que Manoel e eu éramos amantes. Pura estupidez, argumentou. Não gostei nada disso. Mal sabia ela que tenho amigos na polícia; sobrou para a baixinha atrevida, disse-me.

Olhei no relógio procurando me desculpar do horário e falei:

- Paulo, preciso correr para um compromisso. Volto a me comunicar com você uma hora dessas. Levantei-me para sair e ele agarrou-me pelo braço com força, impedindo-me de caminhar; olhou nos meus olhos e disse:

- Escuta, pastor de m - e disse um palavrão! - Não sei o que Manoel queria com você, nem tão pouco me interessa o que lhe deu naqueles papéis. Mas não me apareça mais aqui!

Bem, pensei, a coisa degradingolou, o negócio é dar o fora e escapar ileso.

- Paulo, você sabe que meu trabalho é espiritual. Apenas ajudo as pessoas.

- O meu também, arrematou.

Nem nos despedimos. Ele me acompanhou pela porta da frente, não voltou pela porta dos fundos, entrei no carro e desapareci. Como disse Katleen, deixe esse assunto com a polícia.

## Capítulo 8

### O Novo Bairro

Em contraste com o decadente 4º distrito, surgiu nos últimos anos um bairro chique numa das últimas áreas de terra disponíveis na parte norte da cidade. Ruas e praças planejadas e uma infra-estrutura de cidade moderna com hidrantes em cada esquina, cabos telefônicos subterrâneos e uma nova arborização. Foram plantadas extremosas, uma pequena árvore que fica sem folhas durante o inverno, parecendo seca, e que desponta no verão com grande ramagem e flores. Essas se abrem em cachopas; algumas são brancas, outras vermelhas e ainda outras salmão. Na Argentina são chamadas de *Crespon*, talvez por terem pétalas minúsculas crespas. As ruas são adornadas por essas plantas. Foram plantadas também aroeiras de jardim, com uma copa que proporciona sombra - todo mundo quer uma sombra para deixar o carro estacionado. A prefeitura plantou Ipês por todo o lado. Assim, há flores na primavera e no verão.

Pessoas ricas e abastadas, desejosas de morarem em casas amplas com jardins e piscinas, compraram seus espaçosos lotes e edificaram enormes residências. Enquanto no decadente 4º distrito raramente encontra-se uma praça, nesse novo bairro as praças se sucedem a cada duas ou três quadras. Edifícios pequenos, de no máximo oito andares surgiram por toda a área, enquanto casas e mais casas foram erguidas, cada qual maior e mais bonita. Mas com o aumento da violência e da criminalidade, aquele que deveria ser um bairro tranquilo, viu-se envolvido em assaltos, seqüestros e roubos. Enormes cercas com proteção eletrônica ergueram-se bairro à fora, e a cada quadra um suposto segurança finge cuidar da vizinhança. O medo apoderou-se de todos os moradores. Medo por todos os lados.

As ruas largas e as avenidas ordenadamente planejadas, perdem seu brilho natural durante as noites e ganham um “brilho” que reflete bem o mundo espiritual daquele canto da cidade. Nos cruzamentos, certas noites da semana, os líderes espirituais disputam as esquinas, cada um procurando realizar seu “trabalho” espiritual. Antes, eles chegavam lá pela meia-noite, mas foram descobrindo que a essas horas o bairro já

estava tomado de velas, garrafas, papéis vermelhos, potes cheios de oferendas, batatas, maçãs, galinhas vermelhas e pretas degoladas. Então começaram a chegar cada vez mais cedo, a ponto de as oito da noite, ainda com o clarão do dia no horizonte, o sol se pondo, saírem disputando cada cruzamento e cada esquina. É ver quem chega primeiro!

Na disputa acirrada por um local de oferendas, começaram a chegar em grupos, com tambores, vestidos de branco, de vermelho, com capas vermelhas e pretas, chapéus com chifres impondo terror noturno aos moradores da região. Um olhar mais atento, e pode-se ver na manhã seguinte, bonecos simbolizando pessoas, noivos ou noivas, maridos e mulheres; os bonecos são cravados de alfinetes; os brinquedos de crianças aparecem lambuzados de mel e pipoca; charutos, cigarros, garrafas de aguardente e doces acompanham as oferendas. Essa caracterização do mundo espiritual acaba por “sujar” literalmente o bairro. Até mesmo a pedra decorativa da praça amanhece com oferendas no topo. Pobres crianças ricas que nelas brincam; nem desconfiam que a oferenda encontrada na manhã seguinte sobre a pedra ou na esquina pode ser a arma mortal que as deixará inválidas, cegas ou levá-las à morte! Mas na escola aprendem que isso é cultura!

Os adultos, temerosos de que o mal lhes aconteça evitam até mesmo passar com o carro por cima de tais oferendas. Os únicos que se deliciam são os cachorros e pombas – essas povoam o bairro - e encontram nas oferendas o alimento de cada dia. Numa das ruas que dá acesso ao bairro, o morador de uma das casas fincou no jardim duas estátuas de santos adorados na religião. Para amedrontar as pessoas colocou pequenas lâmpadas vermelhas que se acendem atrás dos olhos dando às estátuas uma imagem aterrorizadora. - São os guardiães do jardim, falou-me o proprietário. Mas quem se encarrega mesmo de cuidar da casa são as câmaras de vídeo visivelmente colocadas do lado de fora da casa e o sistema de alarmes. O que era para ser um bairro nobre e lindo, é agora decorado com as oferendas que os grupos religiosos oferecem a seus guias espirituais.

Como pastor, e conhecendo o bairro desde o tempo em que era um campo cheio de árvores nativas, pitangueiras, araçás e goiabeiras, tive a atenção voltada para uma casa que se erguia numa das avenidas. O ter-

reno escavado, e as máquinas perfurando o solo indicavam que seria uma casa de, pelo menos, dois pisos, espaço para piscina, uma enorme garagem e uma edícula. Isso mesmo, uma edícula. Mas não propriamente nichos onde se colocam imagens, mas aquelas construções de fundo de quintal, geralmente preparadas para lavanderia, churrasqueira, áreas de serviço, etc. Estava passando casualmente por ali, fazendo minha caminhada diária. Curioso, entrei na propriedade e conversei com o empreiteiro. Novamente o pastor curioso querendo saber o que será edificado ali!. Pois não é que o homem me conhecia?

- Pastor, gritou lá de dentro, o que faz por aqui, de tênis e calção?

- Exercitando os músculos e queimando gorduras.

- Conheço o pastor há anos na congregação – e foi dizendo tudo – e através dos programas de rádio...

Falamos um pouco, colocamos certas informações em dia e lhe perguntei:

- Que tipo de casa será construída aqui?

Ele me levou ao galpão de madeira compensada onde amontoavam-se sacos de cimento, ao lado de uma cama onde alguém dormia durante a noite em meio a panelas e pratos sujos do almoço.

- Não repare. Vida de empreiteiro é assim, no meio da sujeira. O zelador da noite é o mesmo ajudante de obras. À noite cuida do lugar.

E ele cochichou para não ser ouvido:

- O irmão sabe, eu não posso escolher trabalho, mas esse aqui me dá arrepios. Tem algo estranho nessa construção.

- Esse bairro é um dos mais cobiçados aqui na zona norte - avisei tentando mudar o tom da voz.

- Já construí várias casas aqui - e foi citando os lugares onde se erguiam - mas essa aqui tem um ar de mistério, disse-me o empreiteiro.

- Por que?, ousei perguntar.

- Bem, o proprietário é um cara conhecido que vive atendendo pessoas, sabe como é, consultas, despachos...

- E o que aconteceu?, perguntei.

- Bem, respondeu, quando terminamos de fazer a escavação, e preparamos as valetas para a colocação dos alicerces, o zelador, assustado, me disse que ele esteve aqui fazendo umas consagrações. Sabe como é...

matou galinhas pretas e derramou sangue pelas valetas.

- Quando nós os crentes construímos casas não as consagramos desde o alicerce para Deus?, perguntei.

E eu mesmo respondi: - Essa é uma prática comum entre os crentes. Da mesma forma, essas pessoas consagram suas propriedades aos seus guias espirituais. O tabernáculo de Moisés no deserto foi ungido peça por peça, desde os pregos ao mobiliário; a unção foi a maneira de Moisés avisar a Deus que tudo aquilo lhe pertencia.

O empreiteiro, então, mostrou-se surpreso, pois não sabia que também nós, precisamos consagrar tudo o que temos para Deus.

- E esse cara, então, está consagrando tudo o que tem para o seu guia espiritual, quem sabe o seu orixá, ou santo, exclamei!

Mas eu viria a me surpreender alguns dias depois. Estava caminhando pelo bairro no fim da tarde, exercitando-me, quando vi uma D-20 estacionada em frente à construção. Era o mesmo carro que pertenceu ao Manoel e que estava na casa de Paulo. O homem estava fiscalizando a obra no fim do dia - e era ele mesmo - dando uma demonstração de poder financeiro. Construir uma casa naquele bairro e nas dimensões que pretendia fazer requeria muita grana. Continuei minha caminhada e retornei para casa refletindo e tentando ligar uma coisa com a outra. Imaginei um cenário assim: Paulo, amante de Manoel, tendo em mãos uma procuração que lhe deu direitos às propriedades do Manoel, deve ter pegado o dinheiro do morto. E as mulheres ricas e os empresários homossexuais... Eu precisava localizar a policial.

O empreiteiro mostrou-me a planta da casa, especialmente da edícula. Ali, uma grande sala com instalações planejadas, digamos, com um sistema hidráulico nada comum para um cômodo daquelas dimensões. - Vai correr muito sangue por aqui, pensei.

Olhei o calendário. Fazem seis meses da morte de Manoel e estava próxima a semana da páscoa.

## Capítulo 9

### Misteriosos Homens da Noite

Encontrei-me com Katleen de forma mui casual. Sabia que ela fora transferida para o interior - Paulo me dissera com arguto orgulho - porque ela tentara incriminá-lo no caso da morte de Manoel. Ali estava a pequena mulher sobre seus saltos de dez centímetros querendo ficar mais alta, mas ainda magra e esbelta. Eu estava na livraria do shopping examinando títulos de livros e autores quando levantei os olhos e a vi, na prateleira ao lado, também folheando livros. Tinha em mãos um relançamento de Agatha Christie a famosa escritora inglesa falecida. Três Ratinhos Cegos. Aproximei-me dela, parafraseando Castro Alves: “Por uma casualidade, dessas que vem do além...”.

- Que bom encontrá-la!, falei.

- Pastor, exclamou, que bom vê-lo por aqui.

- É onde costumam me encontrar, atalhei.

- Eu também preciso falar com você, exclamou Katleen.

- Você gosta de Agatha Christie e de seu Hércule Poirote, indaguei?

- Nada disso, falou - gosto mesmo é das tiradas da Srta. Barber. É ela que acaba dando a pista para elucidar os casos.

Ali mesmo no Cibercafé da livraria colocamos nossos assuntos em dia. Ela se formara em dezembro no curso de direito e agora estava na escola preparatória buscando uma vaga de juíza no próximo concurso. Adiará os planos de ser delegada de polícia.

- Voltei para a cidade - foi logo atalhando, mas não trabalho mais na polícia.

- Imagino que você enfrentou uma barra na investigação da morte de Manoel, relatei.

- Fale baixo - disse - foi terrível.

Contei-lhe o que Paulo me dissera sobre ela.

- É assim mesmo. As ligações das autoridades no submundo da prostituição são mais fortes do que imaginamos. Você sabe as implicações que existem quando as pessoas comprometem-se umas com as outras.

- Pacto, falei. São pactos de morte; às vezes, uma autoridade, seja



ela policial ou governamental costuma amedrontar-se diante de certos fatos..., medo de morrer vitimado por forças gravitacionais ocultas.

- É, a notícia se espalha entre o pessoal e, por medo, certas pessoas não são investigadas, disse.

- E você, como escapou ilesa dessas garras espirituais ocultas?, perguntei, dando a entender que nem sempre as trevas têm todo poder.

- Apelei para o meu santo, falou.

- Qual santo?, quis saber. –

- O santo silêncio! Rimos.

Essas enormes livrarias dispõem de mesas e cadeiras em que se pode sentar, conversar e ler algum livro. Estudantes e profissionais esgueiravam-se nas prateleiras investigando títulos e autores. No andar superior sentamo-nos e comecei a lhe relatar meu último encontro com Paulo, e a forma rude como me expulsou de sua casa; que agora estava com a camioneta D-20 e construindo uma mansão no novo loteamento da zona norte. Adiantei-lhe tudo o que sabia. Ela se inclinou, e falando baixinho, disse:

- Bem, pastor, vou lhe dizer uma coisa. Até onde investiguei, esse homem tem ligações, como você diria - espirituais - com certas autoridades policiais e governamentais. Ele tem negócios no mundo subterrâneo com certas pessoas.

- Isso quer dizer que... parei, tentando encontrar as palavras adequadas.

- Quer dizer que as pessoas se envolveram com ele, buscando ajuda espiritual, pagando altas somas em dinheiro para ficarem ricas, conseguirem coisas, e até eliminando pessoas do seu caminho, interrompeu-me Katleen. E continuou: - Conheci um delegado que morreu assim – estalando um dos dedos para indicar a rapidez da morte. - Teve um infarto fulminante com apenas 38 anos. Uma carreira pela frente. Conheci um juiz que a família toda se meteu em confusão e teve o seu lar destruído. O homem tratou logo de se aposentar.

- Será que julgou algum desses “casos” misteriosos?, atalhei.

- Nada disso, apenas um caso de pedofilia. Mas dava muito lucro...

- Bem, deixemos esses assuntos de lado.

Katleen deveria estar bem informada.

- Arquivaram o inquérito contra o Paulo por falta de provas, informou.

- Li no jornal, avisei. Depois que você se foi fiquei sem informações. Bem, adiantou a policial. Certas pessoas conseguem manter-se no anonimato. Não aparecem. Mas seus negócios possuem ramificações, na exploração sexual, drogas, e no caso de Paulo, além de explorar e controlar o comércio de prostituição do bairro, ainda promete soluções, que segundo esse tipo de gente, existe no oculto, no mundo misterioso dos espíritos.

- Arquivaram tudo mesmo?, perguntei.

- Claro, quando não há provas suficientes não se leva o processo adiante. Depois - afirmou - a polícia não dispõe ainda de um serviço de investigação à altura dos países de primeiro mundo. Nem sempre tem acesso ao que de melhor existe em tecnologia para examinar um fio de cabelo! Além disso, pessoas desse tipo convivem harmoniosamente com a polícia.

Entendo o que ela queria dizer. Sei pelos noticiários de pessoas do alto escalão do governo envolvidas por trás do roubo de cargas, mortes de caminhoneiros, tráfico de drogas e armamento pesado. A CPI do congresso nacional descobriu e incriminou deputados e senadores envolvidos no mundo subterrâneo do tráfico de drogas. Um deles ficou famoso por matar pessoas com moto-serras. É a violência estrutural. Tornou-se comum no Brasil aparecer nos jornais enormes cifras pagas por traficantes a juizes, policiais, carcereiros, gente do governo, para se livrarem da prisão. A pior coisa, penso, é quando as autoridades em quem devotamos apreço e consideração estão por trás da violência. A estrutura do governo fica abalada. Deixando de lado esses pensamentos que me preocupavam, voltei ao assunto com ela:

- Mas me diga uma coisa: compensa estudar tanto para ser juíza?

- Gosto dessa área, comentou. E creio que chego lá!

- É, pelo menos nos romances conseguimos elucidar os casos!, comentei. Antes que se fosse, deu-me seu novo telefone e o número de um ex-colega que continuava na polícia.

- Quando precisar é só falar com ele. Vou olhar os lançamentos de livros jurídicos, comentou. Preciso comprar um livro do Ives Gandra

Martins Filho.

- E eu vou continuar a folhear livros novos, falei. Despedimo-nos ali mesmo. Ao descer as escadas da livraria, vi-a de relance, tentando alcançar na prateleira do setor de jurídicos algum livro de que precisava. Com essa nova ponte - pensei - se surgir qualquer problema ligo para ele.

Então era isso. Paulo poderia ser um desses sujeitos que não aparece, mas cujas garras detêm o poder sobre áreas de prostituição da cidade, controla as máquinas caça-níqueis e age como um orientador espiritual, explorando a boa intenção das pessoas. Nem tanto. Algumas, certamente o procuram querendo o mal dos outros, e para isso pagam altas somas em dinheiro. Uma reportagem do jornal da cidade mostrava que um desses líderes espirituais cobrava alta soma em dinheiro para matar alguém com “trabalhos”; muito mais que um matador profissional. São mortes que não deixam pistas. Por trás das mortes está a atuação de demônios a quem são oferecidos sacrifícios e trabalhos. Agora tinha quase certeza: Paulo era um desses! A partir do 4º distrito controlava um mundo de magia, promiscuidade e mortes! Um dia a justiça divina o alcançará!

Saí do shopping com a certeza de que alguma coisa estava acontecendo nas altas esferas espirituais da cidade. Mas não tinha idéia do quê.

No pastoreio é assim: as pessoas são muito importantes; elas estão acima de passeios, férias e laser. As pessoas são consideradas nas Escrituras Sagradas como ovelhinhas de Deus, algumas sem pastor. Deus ama cada ser humano, pode ser o pior indivíduo, o frio assassino, o maior ladrão, ele ama a todos. O centro do evangelho é a cruz. Nela morreu Jesus. Ao seu lado, diz o evangelista, estava um ladrão arrependido. O ladrão olha para Jesus agonizando. Quem sabe conhecia a fama de Jesus e, agora ambos estão ali morrendo pregados numa cruz. Reflete consigo mesmo que Jesus nada fez que merecesse morte tão cruel; ele sim. Em meio às dores que o atormentam; dos pulsos cravados com enormes pregos, grita para Jesus: “Senhor! Lembra-te de mim quando entrares no teu reino”! E Jesus mirando-lhe a face, responde: “Hoje mesmo estarás comigo no paraíso”. O ladrão representa o extremo zelo; o ardente amor de Deus pelo ser humano.

Nesse ministério, as pessoas são nossa prioridade e merecem toda atenção, e não me sobraria tempo para sair por aí a investigar casos que competem à polícia. Deixei de passar nas proximidades da casa de Paulo, pois poderia estar sendo investigado e tendo os meus passos seguidos por agentes policiais amigos dele; uma preocupação de Katleen, que me recomendou cautela, e fiquei atento às pequenas notas de jornais, de casos que são noticiados sem grande alarde!

Faltando uma semana para a Páscoa meu tino espiritual ficou aguçado. Passei a sentir uma inquietação em meu espírito; algo me dizia que coisas ruins estariam por acontecer, especialmente com Katleen; e quem sabe comigo? Você já foi tomado de uma premonição? Existe aquela premonição natural, fruto da reflexão e do estudo; do discernimento e da contabilidade dos fatos; mas também premonições, espécie de sussurro de vozes em seu interior, que inquietam; pode ser de Deus e pode vir de demônios. Tratei logo de fazer uma reflexão sobre minha espiritualidade buscando viver em santidade e devoção a Deus. Ouvi dizer que os satanistas usam o feriado cristão para zombar da morte de Cristo; sacrificam porcos e derramam sangue sobre altares e que pode até ocorrer sacrifícios humanos.

### **Refúgio na montanha**

Na segunda-feira anterior à páscoa busquei refúgio na serra. Vez que outra gosto de ficar a sós para refletir e orar. Dessa vez encontrei o bangalô de um amigo meu situado numa área privilegiada da serra. O clima ameno do início de abril - a páscoa caiu nesse mês - proporcionou-me o prazer de acender a lareira ao anoitecer. Lá fora a escuridão era total. Dentro, a casa era aconchegante.

Na segunda noite achei que deveria sair - mesmo durante a noite - para respirar o ar fresco da serra. Saí a pé seguindo por uma estradinha de terra cercada de arbustos, nas diversas tonalidades verdes, emoldurada por araucárias, pinheiros alemães e plantas nativas da região. Os gengibres com suas flores brancas espalhavam no ar seu perfume, como suspiros depois de um dia de vida. Aqui e ali, pelos barrancos úmidos da

estrada begônias multicores vicejavam. As poucas casas que margeiam a estrada eram adornadas por madressilvas. Imaginei o perfume quando estivessem floridas. A cantoria dos pássaros de fim de tarde era belíssima. O perfume outonal deixava o ar doce, dando uma sensação de prazer. Uma lua crescente, ainda tímida surgiu no céu clareando o caminho diante de mim.

Fiquei fora cerca de uma hora e meia. Encontrei a certa distância um local ideal para ficar meditando e orando, vislumbrando ao longe o clarão das luzes da cidade. O carro ficou na garagem, longe dos olhos de qualquer pessoa que andasse pelas imediações. Ao regressar, notei lá de cima da estrada que um carro entrara pela servidão que dava acesso à casa. Algum vizinho, pensei. Mas ao chegar vi que um homem estava na direção do automóvel, aguardando alguém. Suspeitei que houvesse gente na casa onde eu estava hospedado. Aguardei, temeroso, escondido à sombra de uns arbustos o que iria acontecer. Ladrões – imaginei - vão roubar a casa. O cão do vizinho latiu sem cessar e luzes acenderam-se na casa em frente. Quem quer que fosse não contava com o insistente latido do cão.

Fred, o vizinho adiantou-se à porta e perguntou ao motorista:

- Estão querendo ver alguém? Dois homens que saíam da casa em que eu estava hospedado, responderam:

- Estamos à procura de um amigo, um pastor, que está hospedado aqui.

Fred sabia que eu estava hospedado na casa. Logo que cheguei, sabendo que ele era o guardião da propriedade, deixei-o a par de minha estadia, de quantos dias iria ficar e que estava à sós, para orar e meditar. No interior é assim. A gente precisa dar conta da vida para os outros. É importante.

- Mas ele deve estar aí dentro, informou. Hoje é o segundo dia dele aqui. Vamos bater na porta. Os três entraram pelo portão feito de tela de arame, subiram os degraus da varanda aberta e bateram palmas, enquanto o motorista ficou aguardando no carro. Receoso e suspeitando de roubo, pois não conhecia aqueles homens, continuei agachado sob os arbustos. Como não havia respostas vindas da casa e apenas um bico de luz estava acesso na varanda, os homens agradeceram ao guardião pela

ajuda e saíram.

- A gente volta mais tarde. Precisamos falar com o pastor. Temos um recado para ele.

- E por que não telefonam para ele? Perguntou o guardião.

- O celular dele não pega aqui, responderam.

- Bem, quando ele voltar, aviso que vocês estiveram aqui. Posso saber quem são?

- Amigos dele, da mesma igreja. Avise-lhe que voltaremos mais tarde.

Escondido e com medo vi quando o carro manobrou e regressou em direção à cidade.

O vizinho nem bem havia fechado o portão de sua casa quando saí correndo e assustado de sob os arbustos e gritei com ele.

- Espere um pouco!. Que queriam aqueles homens?

- Olá, pastor, estavam à sua procura; disseram que eram de sua igreja.

- Ouvi toda a conversa deles, avisei. Notei a presença deles quando cheguei aqui e me escondi nos arbustos. Eu nem os conheço! Escute, deixe-me entrar e falar com você. Apague a luz da varanda de sua casa. Preciso de sua ajuda imediatamente. - Calma, pastor, disse-me Fred - na realidade Alfred.

- Se você não os conhece, quem são eles?

- Também não sei quem são.

Não falei para o Alfred de meu envolvimento em desvendar coisas do mundo espiritual e de que aqueles homens, certamente me queriam morto. Sua mulher cuidava dos dois filhos pequenos e os preparava para dormir.

- Escute, avisei. É melhor eu ir embora agora mesmo antes que voltem. Não vamos chamar a polícia. Até poderíamos, falei, mas não temos argumentos para convencer a polícia a vir até aqui. Além do mais a presença da polícia seria logo notada, chamaria a atenção de mais vizinhos e dos próprios homens.

- Tudo o que quero é que você se encarregue de fechar a casa e apagar as luzes. Estou indo embora agora mesmo.

- Por que você não fica aqui em casa e investigamos juntos?, perguntou.

- A noite pode apresentar muitas surpresas, argumentei.

Ele me retrucou:

- Escuta pastor, se você for embora agora, o risco será maior, porque se esses homens andam à sua procura o encontrarão na decida da serra. Eles poderão estar de campana em algum lugar e devem saber em que carro está.

Depois de analisar atentamente as opções, decidi ficar aquela noite hospedado na casa do Fred. Rapidamente busquei alguns pertences, a escova de dentes, apagamos o fogo da lareira, tiramos o carro da garagem e o escondemos num galpão nos fundos da casa do Fred. Com a luz do poste no portão apagada e com todas as luzes da casa também apagadas - tanto da casa de meu amigo como da casa em que estava agora hospedado - fiquei olhando por uma fresta da cortina à cata do menor sinal de pessoas. Comecei a suar de tanto medo.

Lá pela meia-noite o cachorro deu sinal de que alguém se aproximava. Dois homens chegaram no portão da casa onde estiveram anteriormente. Dessa vez sem o carro. Devem tê-lo deixado mais abaixo na rua, escondido, para não serem vistos. Entraram pelo pátio e dirigiram-se à casa em que eu deveria estar. Fred fez menção de sair e atirar para o alto com sua espingarda. Segurei-o a tempo.

- Esse pessoal pode ser perigoso, avisei. Agora, sim, é melhor chamar a polícia. Enquanto Fred acionava a polícia local, as luzes da casa onde eu deveria estar se acenderam. Eles conseguiram entrar na casa, pensei. Na cidade pequena o destacamento policial contava com uma única viatura, e naquele momento estava socorrendo uma mulher grávida prestes a dar à luz numa vila, longe da cidade. Os dois homens, nada tendo encontrado, saíram rapidamente. O silêncio da noite era cortado pelo latido do cão, pelos grilos, o coaxar dos sapos e por uma ou outra ave noturna que voava por perto. Logo a seguir ouvimos o barulho de um carro nas proximidades. Fred acionou o posto da Polícia Rodoviária Federal que ficava numa das saídas da cidade.

- Se tivermos sorte, falou Fred, e se eles forem em direção à capital, passarão por lá. Mas a cidade tem várias saídas! Sabiamente eu havia

anotado a marca e a placa do carro.

E foi isso mesmo. A polícia os interceptou no posto rodoviário. Detidos temporariamente no posto, a polícia queria saber o que eles estavam fazendo na cidade, e por que retornavam para a capital àquela hora da noite. Qualquer pessoa sabe que sem provas e sem haver acusação não se pode prender ninguém.

- Mas por que vocês estavam à procura de alguém? ousou perguntar o policial. Os vizinhos nos avisaram de sua presença. Um dos homens puxou do bolso sua credencial de policial civil, mostrou-a ao policial rodoviário e declarou:

- Ofício da polícia. Estamos investigando uma pessoa que sabemos está na cidade. Coisa de rotina.

- Se essa pessoa está na cidade, adiantou, por que vocês não ficam até encontrá-la?

- Temos que regressar, avisaram. Sabemos que está hospedado na cidade, mas não o encontramos até à meia-noite. É hora de regressar.

Foi uma noite mal dormida. Mesmo sabendo pelo policial rodoviário de que eles passaram pelo posto e que haviam regressado à capital - informação conseguida pelo Fred que novamente ligou para a polícia - tentei conciliar o sono em sua casa. O sofá da sala foi minha cama de dormir nessa noite. A essas alturas tive que dar explicações ao Alfred sobre o que imaginava estar acontecendo. Acho que não entendeu coisa alguma. Nem eu tinha certeza do que estava acontecendo. Mas algo me dizia que eu corria risco de vida.

Nas cidades do interior a rotina diária começa bem cedo, e do sofá da sala senti o cheiro gostoso do café sendo passado na cozinha. Era hora de levantar. Sorvi rapidamente um pouco de café com leite, comi uma deliciosa fatia de pão caseiro com queijo e geleia e avisei que era melhor partir. Agradei ao Fred pela ajuda, tomei o carro e voltei para a capital por outra rodovia; não a mesma que costumava trafegar. Desci a serra por uma estrada de chão que atende a comunidades rurais, desviando-me propositadamente da rodovia asfaltada. Aqui e ali um armazém erguia-se num canto da estrada como se estivesse exibindo seu triunfo de vitória sobre as grandes redes de supermercados; os armazéns são ainda



os reis da colônia - pensei - pois atendem aos moradores das proximidades. Vendem de tudo. Trafegando por ali, um estranho era aos olhos desses moradores um suspeito. Assim, não parei em lugar algum, não comprei geleias nem mel, observei os queijos brancos e amarelos sobre bancas da estrada e retornei para casa.

No dia seguinte era quarta-feira. Estávamos a dois dias da páscoa.

## Capítulo 10

### O Casaco de Visom

A mãe de Marina voltou a me ligar, insistindo que dessa vez fosse visitar sua filha. Voltou a repetir o que já falara por telefone meses antes.

- Pastor, disse, sei que o senhor pode ajudar. Essa minha filha vem enfrentando muitos problemas. É coisa do capeta mesmo. Ela já foi assaltada duas vezes ao sair do carro, seqüestrada e o marido também sofreu um seqüestro no mesmo bairro. Ela anda depressiva e não sai mais de casa.

- Mais um caso - pensei. As pessoas estão ficando cada vez mais deprimidas, oprimidas e não conseguem superar os traumas. Trancam-se em casa com medo.

No dia seguinte, quinta feira, às nove da manhã, véspera do feriado que precede a Páscoa, visitei a mulher, acompanhada de sua mãe. Levei um obreiro da igreja comigo. Para minha surpresa a casa ficava no mesmo quarteirão em que o Paulo estava construindo a dele.

- Que coincidência! Imaginei.

A mulher estava trancada num quarto escuro havia três dias. Não queria falar com ninguém. Por insistência de sua mãe, permitiu que a visitássemos.

Era uma linda casa, adornada com plantas decorativas, e, me chamou a atenção alguns pés de Brinco-de-princesa com suas flores vermelhas, com matizes de branco e amarelo por dentro. As pequenas flores pendiam como brincos, as pétalas se abrindo proporcionando a que insetos e borboletas buscassem o delicioso néctar das flores. No lado extremo do jardim, um pequeno pedaço de terra abrigava cactos e plantas de clima tórrido em meio a pedras. A paisagem imitando um jardim de clima árido era compensada no outro extremo do pátio com uma palmeira que se erguia soberana em meio a azaléas e begônias. Ao longo do muro que dava para o oeste, uma cerca de hibiscos mostrava flores vermelhas, amarelas e cor de salmão, intercaladas com grinaldas de noiva, ainda por florescer.

Na parte de baixo, encravada no terreno foi construída uma ampla garagem para três ou quatro carros. No nível mais acima ficava a cozi-

nha, uma enorme sala de jantar e três salas de estar. No balcão da cozinha junto à janela, vasos de violeta ornamentavam o ambiente, devidamente colocados dentro de uma floreira de madeira envernizada. Notei que mais ao fundo ficavam as dependências de serviço: lavanderia, quartos de empregadas, e ao lado da piscina uma belíssima construção, estilo country com churrasqueira e uma grande mesa de madeira maciça. Era de pinho mesmo. A churrasqueira dava sinais de que não fora usada nos últimos dias. Espetos de churrasco limpos, devidamente organizados, estavam pendurados num suporte da parede, e o brilho do piso limpo indicava essa hipótese.

Na parte superior estavam os quartos, gabinete e uma sala íntima. A casa dos sonhos de qualquer casal de classe média. Uma empregada movimentava-se entre a cozinha e a dependência de serviço, atarefada. Subimos pela ampla escada que dava acesso à parte superior. Era uma escada larga, se tivesse sido construída em curva e em madeira imitaria o estilo vitoriano, mas era em cimento; apenas os corrimões eram artisticamente trabalhados em madeira. Entramos no quarto cujas janelas davam para o norte permitindo que o sol inundasse o cômodo nos dias frios do inverno. Mas a janela estava fechada e uma grossa cortina impedia que qualquer claridade entrasse no aposento. Era como se a noite ali fosse eterna. Num ambiente assim perde-se a noção do dia e da noite. Meus olhos demoraram alguns segundos até se acostumarem com a escuridão. A senhora que me conduzia acendeu um minúsculo abajur logo na entrada.

- Apague essa luz. Não quero esses homem aqui, foi logo gritando.

- Vá embora – e olhou para mim com o canto dos olhos espremendo o rosto contra o travesseiro, escondendo-se.

- Minha filha, é o pastor. E veio para falar com você e orar. Fale com ele.

- Não quero, respondeu.

- Acostumado à essas situações não me retirei do quarto. Sei que nesses casos não é a pessoa que está no comando, mas algum espírito satânico.

- Escute, Marina, não vou sair daqui tão cedo. Viemos aqui para orar por você e lhe trazer libertação.

Ela escondeu novamente o rosto, virou-se para o outro lado do quarto e ficou em silêncio. Ficamos ali os três orando; depois de meia hora pedi à mãe dela que nos deixasse à sós no quarto. Solicitei o telefone e chamei um outro pastor que viesse para estar comigo. Teríamos uma grande batalha pela frente, calculei. Vamos ter que nos revezar.

Depois de uma hora em oração, rogando a Deus a libertação de Marina, foi que conseguimos chamar a atenção dela para o que queríamos dizer. Ela se assentou na cama, pediu um copo de água, café e uma fatia de pão.

A empregada falou:

- Faz três dias que não se alimenta.

Depois de mordiscar o pão e beber meia xícara do café, tentou falar.

Tomei a iniciativa.

- Poderíamos abrir uma fresta da janela para entrar um pouco de luz?, perguntei.

- Não, por favor, odeio a luz.

- Você podia falar um pouco do que está acontecendo?, perguntei.

- Ódio. Sinto muito ódio e vontade de morrer. Não sei se é vontade de morrer ou de matar alguém.

Ela não apenas falava sobre ódio, ela era o ódio falante, transpirava ódio por todas as vertentes da alma; a cabeça enterrada no travesseiro.

- Escute, Marina, queremos ajudá-la a sair dessa crise. Você poderia repetir uma oração conosco?

Assentiu com a cabeça e colocamos em seus lábios algumas frases simples, orando e clamando por socorro a Deus. Ela as repetiu balbuciando, quem sabe sem entender nada do que dizia!

Quando seu marido, um bem sucedido empresário do ramo de transportes entrou no quarto ela se alterou. Apesar de falar mansamente com ela e de lhe dizer palavras amorosas ao coração, ela se fechou. Virou-se novamente para o canto, escondeu o rosto no travesseiro e não mais falou.

- Precisamos conversar, falei com ele. Você teria um quarto ou gabinete onde meus colegas podem ficar orando e clamando a Deus?

Ele nos levou a um espaçoso gabinete, estantes repletas de livros, a

maioria técnicos, mas também havia livros de romances, Nova Era, magia, umbanda, espiritismo e dois ou três livros de auto ajuda evangélicos. Uma mesa finíssima, escura, com uma cobertura de vidro estava ao lado do computador. Os móveis eram todos de primeiríssima qualidade.

- Bem, falei com ele. Vamos precisar de sua colaboração. Preciso desse gabinete para que um dos membros da igreja esteja em permanente oração.

Deixei os dois obreiros revezando-se em oração; sempre havia um deles orando com Marina e o outro orando no gabinete. Roberto e eu nos assentamos na espaçosa sala e fui direto ao ponto:

- Roberto, o problema de sua esposa é espiritual. Diga-me o que houve entre vocês para que ela chegasse a esse ponto?

Ele hesitou um pouco antes de falar. É o tipo de homem que nunca precisou dar satisfação a ninguém de sua vida. Dono de uma transportadora e com um nível social elevado, Roberto envolveu-se com o mundo das trevas. Sua sogra havia informado que ele possuía uma amante.

Fui logo ao ponto:

- Roberto, você é parte do problema. A cura de Marina depende também de você.

Tomando um cafezinho que fora trazido pela empregada, deu o último gole, colocou a xícara sobre a mesinha do centro da sala e me disse:

- Pastor eu dou tudo o que ela precisa: amor, casa e dinheiro. Ela tem o próprio carro, conta bancária...

- Um momento, atalhei. O problema é você!

- Pastor, começou Roberto. Marina foi assaltada duas vezes. Na primeira levaram apenas o carro; doutra feita ela foi seqüestrada e teve que dirigir enquanto os bandidos saqueavam nossa conta bancária. Dirigiu por mais de cinco horas. Eles a deixaram na zona sul, num lugar ermo, a pé, descalça, e, durante um bom tempo ficou acenando para que os carros parassem e lhe dessem uma carona. É um mundo horrível; as pessoas não confiam mais umas nas outras e ninguém pára para socorrer alguém. Felizmente apareceu um homem, caminhando aquela hora da noite e a socorreu. Aqui na frente de casa apareceram despachos,

e um cabrito sem cabeça foi deixado no portão. Acho que era um bode preto, corrigiu.

- Você e sua esposa estão metidos numa briga entre demônios, falei. Há quanto tempo você tem amante?

Roberto hesitou, pensou, abaixou a cabeça, e sem poder negar a dificuldade que enfrentava, falou:

- Tenho outra mulher há muito tempo, e minha esposa nem desconfia. É uma amiga dela. Falou sem demonstrar remorso ou vergonha.

Para ele isso era normal. Nesses casos sei como os demônios atacam.

- Imagino que sua amante deve ter feito trabalhos para matar sua esposa... e para intimidá-la. O medo é o maior aliado do inimigo. No momento em que essas coisas começaram a aparecer na frente de sua casa, sua esposa ficou amedrontada e saiu à procura de ajuda...no lugar errado, ponderei.

- De fato, disse-me, Marina gastou grandes somas em dinheiro em um centro espiritual. Vi pelas retiradas bancárias.

- E nessa briga entre espíritos que lutam para manter o controle das pessoas, você está bem no meio, sofrendo, avisei.

- A empresa não vai bem, disse. Acho que vamos pedir concordata. Você acha que o que está acontecendo na empresa é também espiritual?

- Acredito que sim, anui.

Rapidamente imaginei a cena: demônios revezando-se em atacar as famílias enquanto a pessoa que fazia os “trabalhos” enriquecia!

Durante três horas falei do poder de Jesus Cristo, da astúcia do diabo, e de seu poder destruidor. Jesus disse que o diabo veio para matar, roubar e destruir - falei - mas Jesus veio para dar vida e vida em abundância. Depois de certificar-me de que Roberto tomara uma decisão clara a respeito de Jesus, fomos à cozinha, comemos um sanduíche e voltei para ministrar com Marina. Os dois obreiros continuavam a se revezar em oração. Marina dormia quando entrei no quarto. Durante a tarde nos revezamos em oração enquanto Marina dormia. A noite desceu com seu manto negro sobre a cidade e eu senti que naquele momento os tambores e sinos estavam invocando a presença dos espíritos. Uma batalha começou a ser travada nos céus. Enquanto ela dormia, fizemos

uma pequena reunião de avaliação do quadro espiritual. Um dos obreiros precisava retornar para casa e o outro teria que sair lá pela meia-noite. Eu não queria ficar lutando sozinho pela madrugada. Convoquei mais gente a unir-se a nós. Depois das dez da noite de quinta-feira, um pequeno grupo de irmãos começou a se reunir em oração, dentro da casa. Marina estava sofrendo cada vez mais ataques espirituais.

A manhã da sexta-feira santa surgiu ensolarada. Mas lá dentro havia trevas! Depois de uma noite de oração e sem sinais de libertação, suspeitei que um dos obreiros não estivesse preparado espiritualmente para essa tarefa. Conversei com os dois. Para minha surpresa o obreiro convidado por esse amigo meu envolvera-se dias antes num relacionamento extraconjugal. Agora eu estava diante de dois problemas a serem tratados: a mulher tomada pelo demônio e o obreiro em pecado. Gastamos algum tempo ministrando e acertando com esse obreiro. Depois que confessou seu pecado e pediu misericórdia, retirou-se. Senti que a partir daquele momento poderíamos começar o processo de libertação de Marina.

Ela se acordou perto do meio-dia de sexta, e perguntou quem eu era. Havia esquecido de mim completamente. Virou novamente a cabeça para a parede e não queria me dizer palavra alguma. Seu esposo, então falou com ela:

- Querida, o pastor está aqui para orar por você. Ao ouvir a voz do marido sua ira aumentou contra nós e a boca desandou em impropérios e nomes feios. Repreendi os demônios em Nome de Jesus. Ela se retorceu na cama, espumou e gritou. Os demônios começaram a sair. Percebi que eram muitos. As crianças estavam trancadas em seus quartos. A empregada tinha voltado para sua casa. Os espíritos malignos não conseguiram resistir e foram saindo, em bandos, ou legiões. A fisionomia de Marina começou a mudar. Depois de uma hora de oração de autoridade contra os demônios, às 12h e 45 senti que Marina já podia começar a conversar conosco.

Procedi da mesma maneira como fizera com seu esposo: Falei de Jesus e do plano de salvação. Ela entendeu e aceitou a Cristo. A empregada trouxe um lanche e ela comeu ali mesmo no quarto. Sexta 22 h. Marina reclamou de fortes dores de cabeça. Falou que sentia uma espa-

da cravando-lhe no cérebro. Reprendemos os demônios e ela ficou aliviada. Avisei aos irmãos que naquele momento tambores soavam e oferendas eram oferecidas aos espíritos para que atacassem a mulher. Pedi ao grupo que orasse intensamente. Depois Marina adormeceu. Fiquei no quarto dela com mais dois irmãos toda a madrugada até o amanhecer do dia de sábado. Não demos tréguas aos demônios. Também pela manhã os irmãos regressaram às suas casas. Fiquei só. Durante a noite um dos irmãos observou que um grupo de pessoas estava deixando um despacho em frente da casa. Sem que eu soubesse dois irmãos foram até o portão e falaram com eles: - Vocês podem fazer o que quiserem; a partir de hoje nada disso adiantará. A mulher agora é de Deus! O grupo entrou nos carros e se dispersou. Eles oraram, pegaram aquela obra de feitiçaria, colocaram em sacos de lixo e puseram na lixeira. No mundo espiritual foi tudo desfeito.

Amanheceu. Era sábado de aleluia! Eu sabia que a batalha não estava ganha, mas não imaginava que iria recrudescer tanto! Roberto havia planejado sair durante o feriado com a família. Aconselhei-o a deixar as crianças irem para a praia com os tios, e que ele e nós ficássemos o fim de semana na cidade. Marina amanheceu uma outra mulher. Estava sorridente, mas sentia-se fraca. Os músculos de seu corpo estavam doloridos. A cabeça ainda pesava um pouco, mas bem menos que na noite anterior. Consegui sentar-se na cama, tomou seu café e eu me preparei para ministrar com ela aquele dia todo.

Os irmãos da equipe continuavam em oração. Marina começou a se lembrar de coisas, de trabalhos que fizera para ter seu marido mais próximo dela. Renunciou ao poder dos demônios. Decidiu livrar-se de tudo que podia prendê-la ao mundo das trevas. Havia duendes, gnomos, bruxas e pirâmides em vários lugares da casa. E assim foi durante aquele dia. Entre leitura da palavra de Deus e orações ela ia se lembrando de coisas que tinha em casa ou que tinha feito. Eram roupas, lenços, presentes que ganhara, alimentos, vasos de flores e folhagens; coisas que lhe foram enviadas da casa que freqüentava. Seu marido e eu começamos a encher a churrasqueira com papéis, livros e roupas consagradas. A luta espiritual tornou-se mais intensa. À medida que ela se desfazia dos presentes, coisas estranhas começaram a acontecer. Uma floricultura en-



viu um ramalhete de flores lindíssimo; era de alguém desejando sua melhora.

Marina comentou:

- Mas ninguém sabe que estou doente esses dias. Ali estava o nome no cartão. Era de alguém envolvido com o ocultismo. O ramalhete de rosas brancas e amarelas cheirava a defunto; sabe aquele odor comum a capelas funerárias?

Era assim mesmo. Jogamos as flores na churrasqueira. E aqui aconteceu um fato interessante, quase inacreditável: Enchemos a churrasqueira com material altamente comburente, como papéis, tecidos e plásticos - brinquedos tipificando bruxos, gnomos, etc., e despejamos álcool para prender fogo. Era como se jogássemos água. Primeiramente o vento apagava os fósforos acesos. Depois uma lufada de vento soprou de dentro para fora da churrasqueira e não deixava o fósforo cair aceso no material.

- Em Nome de Jesus, ordenei. Saia daí! Notei que havia demônios impedindo que o material fosse queimado. Depois que tomamos a autoridade do Nome de Jesus queimamos todo aquele material.

Era sábado à tarde, e os livros de ocultismo, de magia, de Nova Era, entre muitos, foram incinerados na churrasqueira. A casa foi sendo limpa pelo poder de Deus. Nessa noite decidimos reunir forças e orar pela cidade. Pedimos proteção de Deus às pessoas que poderiam ser vítimas de obras dos satanistas.

Eu sabia que as trevas iriam intensificar seu ataque sobre nós; mas, também tinha certeza de que a obra de Jesus feita na cruz foi poderosa contra os demônios. Diz a Bíblia que eles foram expostos ao ridículo e que Jesus triunfou sobre eles na cruz. Eram seis horas da tarde, já no fim do sábado, quando Marina se lembrou de uma boneca que havia ganhado de presente de um amigo seu que morava em Sta. Catarina. Na realidade um primo dela, homossexual, dono de uma boate numa praia de lá. Era a noivinha, disse. Uma boneca vestida de noiva. Fazia dois meses que havia recebido de presente.

- E onde está a noivinha? Perguntei.

- Doeí para a empregada; deve estar na casa dela. A essas alturas do dia a empregada havia ido embora. Um dos funcionários de Roberto

que estava à disposição dele naquele dia foi à casa da empregada e pediu a boneca de volta.

- Essa boneca tem de ser destruída, avisei. Ela pode ser a chave de toda a enfermidade que você ainda sente. Marina ainda tinha sintomas de enfermidades pelo corpo, ora com náusea, ou dores no estômago, na cabeça, nas pernas e braços. A todo momento tínhamos que orar por ela.

O sábado chegava ao fim e anoitecia, quando chegou a boneca trazida pelo funcionário. Novos irmãos foram convocados para orar na sala de estar da casa. Fiquei no quarto, orando, enquanto um irmão levou a boneca para a sala de oração. Tiraram a vestimenta de noiva, o véu, o vestido e, para surpresa deles a boneca estava cravejada de alfinetes por todo corpo! Fui chamado até lá e os orientei a retirar cada alfinete em nome de Jesus, um por um, vagarosamente, sem pressa, porque cada alfinete daquele significava um ponto de contato no corpo de Marina. - Sempre que tirem um alfinete, dêem tempo para orarmos por Marina, trazendo a cura de Deus na parte do corpo afetada pelos demônios da morte, avisei. Alguns irmãos estavam admirados pelo que viam; era a primeira vez que se depararam com algo tão forte e violento.

Quando tiraram o alfinete fincado na cabeça, Marina deu um grito no quarto. Ministrei a cura de Deus sobre ela. Aconteceu o mesmo com cada parte do corpo. Quando tiravam o alfinete da boneca, doía em Marina a parte do corpo em que o alfinete estava fincado. E assim, durante mais de uma hora aquela mulher foi sendo liberta das dores e da opressão do diabo. Abriram a boneca e viram que estava recheada com sangue - sangue de algum animal ou até de pessoas. Que libertação! Marina, à medida que ia sendo liberta ficava cheia do Espírito Santo. Já não era aquela mulher triste que escondia o rosto; estava alegre, feliz, de bem com a vida. Foi quando se lembrou de um caríssimo casaco de pele que havia ganhado de presente desse mesmo primo. Estava no guarda-roupa, envolto numa capa de tecido plástico, protegido. Era um casaco lindíssimo, caro, de visom. Toda mulher almeja um assim. Mas Marina decidiu desfazer-se dele.

Tentei convencê-la a desistir da idéia; por que não consagramos esse caríssimo casaco para Deus? Não. Ela decidiu que aquele casaco

teria que ser rasgado em pedacinhos, queimado ou jogado no rio!

- Explique por que, perguntei.

- Bem, resumiu Marina: tenho certeza que esse casaco foi todo trabalhado em centro de ocultismo.

Está bem, consenti. Vamos começar pelo forro e vejamos o que tem dentro. De fato, ela estava com a razão. Entre o forro e a pele havia pequenos nós, laços, fitas e pontos que identificavam o produto com feitiçaria. Ela mesma se encarregou disso. E foi o que fizemos. Cortado em centenas de pedacinhos, o belo casaco de pele foi parar no fogo da churrasqueira! Esses atos proféticos faziam-na sentir-se cada vez mais livre, aliviada; Marina mudou de fisionomia. Era agora uma mulher alegre! A noite de Sábado de aleluia terminara. No Domingo pela manhã, depois de uma noite com sono reparador, Marina lembrou-se de seu jardim, das plantas e flores ali plantadas. Mas por que o jardim?

Enterrado sob plantas e arbustos havia trabalhos feitos no ocultismo. - O jardineiro. Chamem o jardineiro, reclamou Marina. Era domingo. Alguém chamou o jardineiro por telefone e este chegou em menos de meia hora. Ela explicou que o jardineiro era a ponte entre ela e o centro de ocultismo e que as plantas foram colocadas no jardim conforme orientação do líder espiritual. Recuperada, depois de vários dias sendo ministrada e alimentada pela Palavra de Deus, Marina saiu para o jardim e, juntamente com o jardineiro identificou as plantas suspeitas. E ali estavam os trabalhos. Envoltos em vasilhas de barro, objetos de ligação com o mundo das trevas foram desenterrados ou tirados de baixo dos arbustos. A cada arbusto e cada objeto encontrado, reuníamos-nos em oração, consagrando o jardim para o Senhor Jesus!

Ao lado do jardim, resplandecia a água límpida da piscina. O inverno não havia chegado, e a piscina não fora desativada.

- Eis aqui água, falei, que impede que vocês sejam batizados?

Uma nova vida começou para ela e seu esposo! Ali nas águas da piscina Marina e Roberto foram batizados. Uma nova família liberta por Cristo Jesus! O domingo era de ressurreição para esses que estavam mortos e foram vivificados em Jesus!

Foram quatro dias de intensa ministração e libertação. Cheguei até

a esquecer o que me ocorrera na serra. Lembrei-me da ilustração do guarda-chuva que o Manoel me dera. Cada vareta me disse-me é uma espécie de ligação com o poder central das trevas. Não havia dúvidas: o mesmo homem que dominava o 4º distrito, agora exercia forte domínio no mundo espiritual desse novo bairro da cidade. Era preciso atacar a fonte. Era necessário deter o poder espiritual do Paulo sobre a cidade.

## Capítulo 11

### Constantina

Algo de estranho começou a acontecer com algumas pessoas da igreja. Confabulei com minha esposa que sentia haver na igreja um espírito de sensualidade; perceptível nos olhares, gestos, sorrisos e nos grupos que se reuniam e saíam depois dos cultos para celebrarem a comunhão. A Igreja é a comunidade de mais relacionamentos na sociedade. As pessoas gostam de se encontrar! Coisa comum os irmãos saírem à noite para comer pizzas, lanches rápidos, etc. Alguns casos de adultério, de homossexualismo e lesbianismo tiveram que ser tratados, coisa rara na igreja. Aconteceu com pessoas fiéis, altamente comprometidas com a vida da igreja e com o projeto de Deus na terra. Para piorar, fofocas pipocaram por toda a igreja. Assuntos que tratávamos nas reuniões da equipe serviam de alimento aos mexericos. Comecei a me indispor com os líderes e falei-lhes de minha preocupação. Um deles – pensava eu – conversava em casa sobre os assuntos tratados, porque toda fofoca tinha a ver com nomes e problemas de pessoas que tratávamos nas reuniões. Apesar de minha insistência, todos negaram. Entramos em rota de colisão: eu com eles e eles entre si. Nossas reuniões começaram a ficar cheias de atritos. Não apenas minha espiritualidade era drenada; a igreja começou a definhando espiritualmente.

Comecei a ficar preocupado e propus um retiro espiritual de avaliação com a equipe de obreiros. Reservamos uma sexta à noite e todo o dia de sábado, em que apenas nós, os homens sairíamos para orar, estudar e meditar. A reflexão é muito importante, especialmente quando nos conduz para cima e não nos detemos em nós mesmos. Decidimos que os cinco ficaríamos no mesmo aposento. Uma estreita e sinuosa estrada levou-nos à montanha; concordamos que não assistiríamos tevê, nem ouviríamos rádio, nem leríamos jornais ou revistas, apenas a Bíblia e caderno para anotações. Fomos para uma pousada pequena e simples que se debruçava sobre um belíssimo vale. Logo na chegada fomos surpreendidos pela neblina que cobriu a montanha proporcionando um ambiente de quietude e paz. O som de um trovão ecoou ao longe e, em pouco tempo uma forte chuva caiu na localidade. Não poderia haver

ambiente melhor do que aquele para nosso encontro.

Os relâmpagos iluminavam a noite lá fora e a chuva batia contra as vidraças das janelas. Notei que os obreiros estavam inquietos e apreensivos e sugeri-lhes que fossemos para o quarto conversar e descansar. Ali no quarto tracei com eles metas para nosso tempo juntos e sugeri-lhes que orássemos pedindo que Deus nos revelasse tudo o que estivesse oculto. O texto de Daniel 2.21-22 serviu como modelo de oração:

Louvado seja o nome de Deus para todo sempre; a sabedoria e o poder a ele pertencem. Ele muda as épocas e as estações; destrona reis e os estabelece. Dá sabedoria aos sábios e conhecimento aos que sabem discernir. Revela coisas profundas e ocultas; conhece o que jaz nas trevas, e a luz habita com ele. Eu te agradeço e te louvo, ó Deus dos meus antepassados; tu me deste sabedoria e poder, e me revelaste o que te pedimos, revelaste-nos o sonho do rei.

- Nosso objetivo é buscar de Deus conhecimento. Ele irá revelar-nos por que esse espírito de lascívia e sensualidade entrou na igreja e também por que no último mês tanta fofoca minou a espiritualidade do povo. Deus irá revelar-nos, seja por sonho, visão, pela Escritura ou colocando uma impressão forte em nossos corações - falei. - Vamos orar.

E nos ajoelhamos no quarto, colocamos nosso rosto no pó, humilhamo-nos diante de Deus e fizemos confissão de pecados.

Depois de algum tempo de oração ficamos ali conversando, sem preocupação com agenda ou programação. Havíamos combinado o jantar para as dez da noite e assentamo-nos diante das janelas que davam para o vale. Um ou outro relâmpago esporádico iluminava o vale lá embaixo.

- É assim que Deus faz - comentou um obreiro. Ele ilumina nossa mente com a rapidez de um relâmpago, como o *flash* de uma máquina fotográfica. Se um de nós receber um *flash* desses na mente...tiver um clique de conhecimento... Um clique! Aí está. Poderíamos ter um *flash* e um clique. Luz e estalo!

E enquanto comíamos, um outro obreiro orou baixinho: - Ó Deus, dá-nos um *flash-back*.

Os demais riram baixinho.

- Um *flash-back*? Que é isso?

- Conhecimento do passado, uma lembrança, algo que nos vêm à mente e nos leva a recordar de algo! – respondeu nosso irmão.

Depois do jantar, descontraídos, trocamos idéias, falamos de nós mesmos, de nossas famílias e projetos para os nossos filhos. Não houve nenhum *flash-back*! Cinco obreiros dormindo num mesmo quarto é divertido. Fizemos fila para o banheiro e um a um fomos nos ajeitando sob os cobertores quentes da noite fria.

A manhã surgiu lindíssima. O refeitório debruçava-se sobre o penhasco e podia-se ver que uma forte neblina cobria o vale lá embaixo. Um verdadeiro colchão de nuvens; onde estávamos, no entanto, o sol brilhava intensamente. Éramos os únicos hóspedes, e depois do café ficamos ali mesmo, no refeitório para estudar a Bíblia e orar.

- Alguém teve um *flash* essa noite? Perguntei.

- Nem *flash-back* respondeu um dos homens. – Dormi como uma pedra – disse um outro.

- Andava tão cansado que nem me dei conta de onde estava essa noite – outro afirmou.

- Vocês não vão acreditar – disse um dos obreiros.

Era um obreiro que falava pouco, raramente dava opiniões ou discutia, mas um homem de muita espiritualidade. Tinha dois filhos adolescentes na igreja e, digamos, uma família em ordem.

- Não sei se isso é um *flash* ou fruto de minha imaginação, mas desde ontem à noite quando lemos o texto de Daniel 2 o nome Constantina me vem à mente.

Todos olharam para ele.

- E mais, a imagem que tenho dela na mente se transforma numa bailarina, seus braços crescem, e transformam-se em duas serpentes. Só os braços. Sempre que ela me vem à mente está dançando a dança do ventre; sabe, a dança do ventre consiste de movimentos sensuais com o corpo.

- Você já se examinou para ver se lá no íntimo não sente certa afeição por ela...digamos, atração sexual? – perguntou um dos irmãos.

- Já, - respondeu o homem. Sinceramente, ela é bastante sensual. –

Espero que entendam que estou abrindo meu coração – falou – e se vocês também são homens irão concordar comigo. Todos foram unânimes em concordar: Constantina era realmente sensual.

- Mas o que ela tem a ver com o espírito de lascívia que veio sobre a Igreja e as fofocas todas? Perguntou um outro irmão. Ela está envolvida em algum caso? Até onde se sabe, não! Fulano e Beltrano adulteraram com mulheres da empresa onde trabalham.

- Constantina não está envolvida em nenhum dos casos, atalhou outro irmão.

- De qualquer maneira, esse foi meu *flash* – concluiu!

- Perscrutar, essa é a palavra que não me sai da mente – falou um obreiro. - Alguém sabe o que é perscrutar?

- Não temos dicionário aqui, afirmou um deles, mas tem a ver com investigação. Tem uma versão da Bíblia que diz assim: “...porque o Espírito a todas as coisas perscruta, até mesmo as profundezas de Deus”. Onde está mesmo? Aqui está. E abriu uma versão bíblica que usava a palavra perscrutar.

- Na minha versão – disse outro – o texto de 1 Coríntios 2.10 que você está usando, diz sondar. “O Espírito sonda todas as coisas...”.

- Pois é – continuou – a palavra perscrutar não me sai da mente. Sinto que o Espírito Santo está propondo que trabalhemos em cima de investigação.

Tínhamos assim, o nome de uma pessoa e uma palavra. Poderíamos investigar a vida de Constantina. Mas nenhum de nós costuma bisbilhotar a vida alheia.

- Não é sua esposa que se reúne com ela para ensinar a Bíblia?, perguntei.

O homem assentiu.

- Mas minha esposa não comenta comigo a vida pessoal dela; se ela abriu coisas de sua vida, são segredos entre as duas. Essa é uma exigência ética no pastoreio. Guarda-se segredos e morre-se com eles! Às vezes somos tentados a falar, mas o bom senso manda que fiquemos calados – falou.

Um dos homens trouxe um assunto interessante.

- Pastor, o irmão nos contou o que aconteceu com o borracheiro e



o Manoel e de como se envolveu numa trama espiritual que pretendia tirar-lhe a vida. Será que o problema não está aí?

– Como assim? – perguntei.

– Os satanistas não conseguiram pôr as mãos no pastor, mas podem... e vacilou no que ia dizendo. Calou-se.

– Acho que é pura imaginação – afirmou um irmão. Nossa igreja tem pouca expressão na cidade e os satanistas não iriam se interessar por ela.

– É aqui que você se engana – retrucou outro irmão. Quem sabe estamos fazendo diferença no mundo espiritual. Veja só a libertação de Roberto e Marina.

– Vejo isso com naturalidade, afirmou um outro do grupo.

– Você está querendo dizer que não conseguiram me matar e querem derrubar meu ministério usando outros meios? É até possível!

– Que tal “persecutar” na Bíblia? As Escrituras têm sempre um exemplo prático.

– Há o caso de Paulo registrado no livro de Atos. Cerca de 40 judeus fizeram voto de que não comeriam nem beberiam enquanto não matassem a Paulo, e prepararam um plano para assassiná-lo. Só que o sobrinho de Paulo ficou sabendo, e avisou a Paulo e ao comandante.

– Lembro a trama de Balaque que contratou a Balaão para amaldiçoar o povo de Israel. Como não conseguiu, idealizou um plano para Balaque. As mais lindas mulheres de Moabe deveriam aparecer nas proximidades do acampamento do povo de Israel e seduzir os homens judeus. Era a única maneira de trazer a ira de Deus sobre o povo. E assim aconteceu. As princesas de Moabe tiveram relações sexuais com príncipes israelitas. E deu no que deu! A praga divina veio sobre o povo e morreu tanta gente! Vinte e quatro mil pessoas morreram num só dia!

– É bem possível que algum satanista esteja infiltrado em nosso meio. Creio que precisamos investigar a vida de todos os que se converteram nos últimos seis meses na igreja – falou um dos líderes.

– É bem possível, mas vamos gastar muito tempo nisso – avisei.

E assim, durante toda manhã tratamos de nomes e pessoas que começaram a participar da igreja nos últimos seis meses. Numa congregação pequena passamos rapidamente por todos os nomes.

- São vinte e seis pessoas novas, avisei.

- São poucos os nomes, - atalhou um dos irmãos. – Então vamos fazer uma lista e ver o que cada um de nós conhece sobre essas pessoas.

E fizemos a lista. Vinte mulheres e seis homens! Desses eliminamos 10 pessoas por serem filhos de irmãos da igreja que se converteram e foram batizados. Eram pessoas que cresceram na igreja. Tínhamos ainda 16 pessoas, 14 mulheres e dois homens. Desses eliminamos 10 por serem pessoas conhecidas ou parentes dos líderes que estavam reunidos comigo. Assim trabalhamos sobre os nomes de 6 pessoas. Todas mulheres. Cinco foram logo eliminadas pelo conhecimento que os irmãos tinham de cada uma delas, por isso, detivemo-nos em Constantina. Aquele quê de mistério e mais o *flash* de um de nossos irmãos levou-nos a fixar atentamente na vida dela.

- Alguém já visitou o lugar de trabalho dela? – perguntei. – Ela diz ser fiscal do INSS. É tudo que sabemos.

- E quanto as viagens que costuma fazer. Podemos assegurar que ela, de fato, viaja? – perguntou um líder.

- Seis meses é pouco tempo para se conhecer uma pessoa na igreja. Ela ainda está dando os primeiros passos – avisei – e eu é que devia conhecê-la melhor, mas por precaução deixei que uma irmã cuidasse dela.

Relatei aos obreiros o que sabia dessa mulher. Constantina apareceu num de nossos cultos uns três meses depois do sepultamento de Manoel e Paulo. Chamou atenção por ser bonita, corpo esbelto, silhueta de bailarina e por ser muito comunicativa. Bem vestida e maquiada, participou intensamente do louvor e da adoração, levantando as mãos – certamente imitando os demais – e ouviu atentamente a explanação da palavra de Deus. No final da reunião me procurou querendo saber o que devia fazer para se tornar membro da igreja. Fomos os últimos a sair do templo nessa noite. Meus filhos pegaram no sono, minha esposa ficou ali, pacientemente esperando, enquanto eu e mais outro obreiro explicávamos o plano de salvação e o propósito eterno de Deus a essa mulher.

Sua história é parecida com a de tantas outras mulheres que em busca da felicidade freqüentam todo tipo de religião. Têm a facilidade

de irem à missa no domingo de manhã, a um culto evangélico no domingo à noite, à uma reunião no espiritismo na segunda, e que fazem tudo que é curso “espiritual” e de “mentalização” anunciado em páginas de jornais e cartazes colocados dentro de ônibus. Pessoas assim, não hesitam em pagar o que for preciso para obter a felicidade. Pode ser na igreja ou em qualquer lugar, tornam-se verdadeiras devotas da crença que abraçam. Mas se vêm para a igreja comprometem-se logo, às vezes colocando ofertas generosas na salva, em envelopes que as identifiquem perante as autoridades da igreja. Essa não foi diferente!

- Constantina. Constantina porque sou firme e mantenho minha palavra – foi logo ressaltando quando se identificou diante de nós.

- O nome de uma pessoa tem muito a ver com seu caráter, falou o obreiro que estava comigo.

- É a primeira vez que você vem a um culto evangélico? perguntei.

- Na realidade não, respondeu-me. Fui criada na escola dominical. Minha mãe era crente e nos levava todos os domingos pela manhã à igreja. Mas quando cheguei à adolescência duas coisas contribuíram para que eu abandonasse a igreja: a separação de meus pais e a rebelião própria de uma adolescente. Os costumes de minha igreja eram muito rígidos. Experimentei de tudo na vida; já passei por tantas religiões – disse-nos – mas hoje experimentei algo que nunca senti antes: A sensação de que pertença a Deus! Senti-me tão bem como se já fizesse parte dessa comunidade cristã há anos!

Logo queria saber como aprender a palavra de Deus, horário dos cultos de estudos bíblicos, e quando falamos da reunião de oração na terça à noite, escusou-se, porque nas noites de terça tinha que fazer uma cadeira na faculdade!

Minha esposa tem um sentido apurado, e ao voltar para casa deu o sinal de alerta!

- Tem um quê de errado com essa mulher – falou. Não sei bem o que é, mas algo me diz que ela vai causar problemas na igreja!

As mulheres têm um “faro” especial nesse campo. Elas pressentem com facilidade o que nós, os homens, demoramos a ver.

- Então quero que você converse com ela amanhã de tarde – avisei – e, já que é segunda-feira, você dirá à ela que precisei tratar de assuntos

particulares no meu dia de folga. Marquei com ela pela urgência em falar comigo. O que você viu de errado na mulher? indaguei.

– Eu não gostei da maneira como ela olhava para você enquanto pregava no culto, e, durante o aconselhamento, você precisava ver os olhos dela! Brilhavam! - disse-me a esposa.

A solução a esse dilema veio de um telefonema da própria Constantina. Ela ligou para nossa casa na manhã de segunda avisando que surgira um problema no trabalho e que não poderia comparecer na hora marcada. Isso fez o dia voltar à normalidade.

E lá foi ficando Constantina. Sempre alegre, começou a participar dos estudos para os novos convertidos e estava sempre pronta a cooperar no que fosse preciso. Nunca podia comparecer aos cultos de oração devido ao curso na faculdade.

- Mas no próximo ano vou fazer as cadeiras noutra noite e assim poder participar, prometeu.

Bem, os pastores não ficam por aí examinando a vida passada de todos os que se convertem. Aos poucos vamos conhecendo as pessoas e seu passado pelo que elas mesmas falam. Apenas ficamos sabendo que trabalhava como fiscal do INSS e que estava fazendo algumas cadeiras de Direito na faculdade. Morava sozinha num apto num bairro próximo ao centro, e às vezes precisava viajar a serviço para cidades do interior e para outras capitais, o que a mantinha ausente por até duas semanas. Mas ao regressar, lá estava ela, alegre, chegando bem antes do culto começar e se colocando à disposição para fazer alguma coisa.

Depois de explanar aos membros da equipe o pouco que sabia sobre ela, nada havia a fazer, a não ser esperar o desenrolar dos acontecimentos. Apesar do sentimento de um dos irmãos sobre Constantina, tudo o que tínhamos a fazer era orar, orar e esperar.

E então, decidi que deveríamos tratar do tema que mais me preocupava:

– Precisamos tratar da questão das fofocas. Algumas coisas que falamos em nossas reuniões estão vazando, provocando inquietação entre as pessoas da igreja, por isso necessitamos achar o fio da meada. Onde estará o fio que nos levará ao começo do problema? – perguntei.

Silêncio total. Os obreiros nada tinham a dizer. Havíamos tomado

o café da manhã e agora, ao redor das dez, a neblina que cobria o vale dissipara-se revelando um panorama lindíssimo. Um pequeno rio serpenteava o vale formando pequenas cachoeiras. O leito rochoso deixava a cena ainda mais linda! Uma colônia de casas se amontoava no vale, e três torres de igrejas, pintadas de branco apontavam para o céu, como a indicar a necessidade de um Salvador. Eram duas igrejas protestantes e uma católica. Parte das encostas dos morros eram cultivadas com agricultura de subsistência, e ao redor das casas havia sempre um estábulo para o pouco gado criado no vale. Paramos um instante para apreciar o panorama.

– Interessante – falou um dos obreiros. Ontem à noite o vale nem podia ser visto; hoje de manhã muito menos. Mas agora se descortina diante de nossos olhos!

Tínhamos ainda duas horas para conversar até o almoço. Precisávamos encontrar o fio que nos levava às origens das fofocas. Um dos obreiros havia trabalhado intensamente na busca da origem - um trabalho que lhe havíamos encomendado antes de partirmos para nosso retiro espiritual.

– Não tenho muito a acrescentar – foi logo resumindo – mas vou expor o que investiguei. E assim teceu um relatório das várias fofocas que circulavam pela igreja. O que o deixava intrigado é que o adultério dos dois irmãos veio a público, apesar de ser tratado em secreto.

– Pastor, o assunto vazou diretamente de seu gabinete, resumiu.

– Bem – falei, os dois casos foram primeiramente tratados em meu gabinete, cada um individualmente. Um não sabia do outro. Tratei com um dos homens numa terça a noite e com o outro na terça seguinte. Eu estava sozinho e nunca mencionei a ninguém. Fiquei surpreso quando veio a público. Procurei preservar a vida desses homens e o assunto nem mesmo seria levado ao conhecimento de suas esposas. Penso que certas coisas não precisam ser expostas, especialmente quando não afetam publicamente a vida de pessoas da comunidade, do bairro ou de membros da igreja.

A questão era: como vazou? Conversei com os dois obreiros infiéis e eles afirmaram que não comentaram com ninguém, nem com seus amigos. A propósito, um sabia do caso do outro! Só se a conversa partiu

das próprias mulheres envolvidas. No entanto, elas não pertencem a igreja alguma e ninguém da igreja as conhece. As mulheres que se envolveram com esses dois homens também queriam sua identidade preservada, foi o que apurei. Depois de explicar essas possibilidades voltei à mesma pergunta:

- Então onde está o fio da meada?

Os assuntos tratados no gabinete estavam vazando. Continuei minha análise:

- Da mesma forma o assunto dos moços. Tratei com eles no meu gabinete e também eles queriam que o caso fosse tratado em particular. Assumiram o erro, concordaram que precisavam ser afastados da equipe de louvor e nem seriam disciplinados publicamente, não tivesse o assunto vazado. E como vazou do gabinete? E as mulheres? Da mesma maneira. O assunto foi tratado apenas por mim e minha esposa – falei! E continuei:

- Se você investigou o caso antes de vir para o retiro deve ter descoberto indícios da origem das fofocas, avisei. Onde está o fio que nos leve à uma solução desses conflitos?

O obreiro encarregado de investigar o assunto apresentou uma pista pouco provável.

Em dois dos casos – o adultério dos homens e o pecado dos dois moços – chegaram ao conhecimento da igreja por pessoas que não fazem parte da igreja, nem são consideradas crentes.

- Não levei muito em conta a investigação por esse lado – falou, mas quero me convencer de que o assunto veio de fora para dentro e não o contrário.

- Mas isso é impossível – atalhei – porque todos os assuntos foram tratados em completa privacidade no meu gabinete. Ele é indevassável. Não há como ouvir do lado de fora...a menos que...titubeei antes de continuar. Esquece! Não há como esses assuntos vazarem dali e cair nos ouvidos de pessoas não crentes, falei.

Por insistência de um dos obreiros, nosso irmão continuou ponderando a origem das fofocas na igreja.

- Encontrei um fio tênue numa das pontas; acompanhem meu ra-

ciocínio - falou o obreiro encarregado da investigação. - Uma das irmãs da igreja ficou sabendo do adultério dos dois homens no salão de beleza enquanto fazia um penteado. Não liguei muito, porque se ouve de tudo em salões. Citou o nome da irmã. Ela não é de fofocas, mas errou em não trazer o assunto diretamente ao pastor. Falou para uma outra irmã e o assunto veio a público!

- Os homens indispuseram-se comigo e saíram da igreja, pensando que eu havia tornado público o pecado deles. E jamais abri a boca - protestei!

- Não tive tempo de encontrar o fio da meada dos outros pecados, falou o obreiro. Agora, o que me intriga é como a cabeleireira ficou sabendo. Não cheguei a conversar com ela - terminou.

Sugeri-lhes que deixássemos o refeitório e nos embrenhássemos pela mata próxima a fim de buscarmos a Deus. O clima fresco do dia e o sol radiante convidavam-nos a um passeio pela mata. A equipe saiu pelos fundos da propriedade, onde uma piscina e uma quadra de esporte nos levaram a mudar os planos para a tarde. Por ser uma propriedade rural não havia cercas nem muros e nos embrenhamos pelo bosque. Debaixo das árvores o capim fora roçado e o ar puro com cheiro da mata encheu nossos pulmões. Alguns bancos improvisados indicavam um bom lugar de oração.

Sentados em toscos bancos feitos de troncos de árvores fizemos uma simples oração. “Senhor – orei – revela aos teus servos a origem dos problemas espirituais da igreja. É tudo o que te pedimos. Amém”.

– Amém, disseram todos.

Cada um de nós sairia pelo mato a orar a sós, a refletir, meditar, pensar, e buscar de Deus uma resposta. Marcamos para nos encontrar no refeitório ao meio-dia!

Li em algum lugar que quando respiramos o ar puro aumenta a sensação de fome. Estávamos famintos! O almoço era simples, com aquele tempero caseiro, especialmente o feijão e a carne cozidos com folhas de louro. A sobremesa era sagu com creme ou leite condensado.

– Enquanto estava na mata encontrei um emaranhado de cipós, e até me pendurei em alguns deles de tão firmes que se prendiam nos galhos da árvore. E começou a se recordar: - Fiquei me lembrando dos

tempos de criança... E foi interrompido por quase todos:

- Um *flash-back*!

Todos riram.

Depois o obreiro continuou:

- Pensei muito no fio da meada, disse o homem. Acho que o fio está naquele salão de beleza.

- Pode ser, anuíram os demais.

- É possível descobrir com facilidade – atalhei – basta que uma de nossas esposas vá até lá e converse com a cabeleireira.

- O fio pode terminar nela ou continuar através da clientela. Quer dizer, a cabeleireira pode ter ouvido por alguém que foi lá, cliente ou não, falou outro irmão.

- Então - falei – quando regressar vou pedir que minha esposa marque hora para um penteado e converse com essa mulher. Um intervalo nos fará bem. Mais tarde voltamos ao tema. São Tiago disse que um grande incêndio pode ser causado por uma simples fagulha, referindo-se à língua! E a pequena fagulha pode haver sido acesa no salão de beleza.

Aproveitamos a hora para almoçar e depois tiramos uma sesta! Uma soneca! Logo estávamos sonolentos. Alguns roncavam. Depois de reanimados voltamos a reunir-nos. Dessa vez decidimos fazer o encontro ao ar livre. Alguém sugeriu que fosse dentro da piscina, mas a água estava muito fria. Assim, marcamos que das 3 às 5 h trabalharíamos; depois iríamos praticar um esporte coletivo e, então, voltar a nos reunir até a janta. Queríamos jantar às oito e regressar para a capital na mesma noite.

Logo que nos reunimos um obreiro falou:

- A palavra perscrutar ou sondar não me sai da cabeça. Hoje de manhã enquanto andava na mata só pensei nisso. Investigação, sondagem.

Um outro irmão falou:

- Esse é um assunto para detetives, investigadores!

Lembrei-me de Katleen. Se pudesse encontrá-la, quanta ajuda daria!



– Se a palavra sondar não lhe sai da cabeça, então devemos começar a investigar mais a fundo, observei. E continuei: - Temos aqui dois problemas: o vazamento de assuntos tratados em secreto – entre os quais esses que mencionamos – e a raiz dos problemas sexuais na igreja. Parece que alguém com espírito de sensualidade está influenciando as pessoas.

Sentados à sombra de uma árvore que cobria parte da quadra de esportes eu trouxe à tona um assunto controverso, melindroso, mas que era para ser pensado por todos. Falei:

- O povo é o reflexo do líder. Já ocorreu a cada um de vocês que esse espírito de prostituição pode haver entrado na igreja através de nós? É só uma pergunta. Quero que cada um de nós reflita sobre isso. Não vamos discutir esse assunto agora. Apenas aprendam a distinguir entre lascívia e tentação. Uma pessoa pode ser tentada sem ser lasciva. Enquanto estamos neste corpo somos tentados sexualmente. Outra coisa bem diferente é o espírito de prostituição que leva uma pessoa a cair sempre no mesmo pecado. Gostaria que na próxima meia hora cada um de nós meditasse nisso.

Marquei o tempo para o retorno e nos afastamos um do outro. Sempre é bom meditar e refletir um tema. Depois que retornamos, um dos obreiros recomeçou a conversa:

- Ainda acho que o problema não está em nós, mas naquela mulher. Ela não me sai da mente.

– Também refleti a respeito, falou outro irmão, e Constantina, apesar de sua discrição, parece ocupar o centro de nossas discussões. Quem sabe ela frequenta a mesma cabeleireira?

– Mas isso nada tem a ver com o espírito de prostituição, apenas com as fofocas, adiantei. É um espírito que está na igreja e precisamos achar por onde entrou!

– Está no mundo, cortou outro irmão. E por estar no mundo pode facilmente estar na igreja.

– Isso quer dizer que... gaguejou o mais quieto de todos, alguém está na igreja e no mundo ao mesmo tempo!

– Um pé no mundo outro na igreja, já dizia minha mãe - falou um outro!

E concordamos numa coisa: se vazar para a igreja os assuntos que tratamos aqui, o problema está na equipe!

## Capítulo 12

### Ocupados demais!

Esses problemas na igreja deixaram-nos tão absorvidos que me desliguei totalmente do que poderia estar acontecendo ao Paulo. Notei que a casa dele no novo bairro estava pronta para receber o telhado, mas os assuntos da igreja ocuparam toda minha atenção.

Minha esposa marcou uma hora com a cabeleireira. Ninguém melhor do que ela para descobrir como aquela mulher ficou sabendo de questões da vida interna da igreja. O emaranhado de fios – caminhos – não nos permitia encontrar o chamado “fio da meada”. Tudo que consegui apurar é que uma mulher que nunca aparecera no seu salão lhe contou – nem sabe porquê – sobre os dois homens da igreja. Em dado momento lembrou-se de que estavam conversando sobre infidelidade matrimonial, de que os homens são mais propensos a casos extraconjugais. Lembrou-se que começaram a falar desse assunto porque a revista Mary Clair tratava de uma pesquisa sobre isso. A nova cliente, então, teria falado, que nem os crentes, antes conhecidos como pessoas fiéis às esposas escapavam da nova onda. E citou os dois membros da igreja que tiveram casos com pessoas de seu trabalho. A cabeleireira resumiu o que aconteceu naquele dia:

– Acho que disse mais ou menos assim: - Na igreja que freqüento dois deles adulteraram.

E citou os nomes.

- Como faz bastante tempo, e por aqui passa tanta gente nem me lembro mais, concluiu.

Lembra-se do obreiro que, no retiro espiritual teve o sentimento de que “perscrutar” seria interessante? Pois veio até meu escritório com uma idéia, a princípio exagerada.

– Pastor, nunca imaginou que poderia haver escuta clandestina no seu gabinete?

- Nem havia pensado nisso, atalhei. Por que você teve essa idéia?

Sentado na poltrona diante de mim, esse obreiro fez um *flash-back* – para usar a palavra mais humorada de nosso retiro – do que aconteceu no dia em que estive na borracharia.

– Como o Manoel ficou sabendo que o pastor iria visitar o borracheiro já que apareceu lá naquele exato momento?

– Essa é uma pergunta que nunca consegui responder. O Manoel tentou dar uma explicação que achei um tanto “furada”, falei.

– Pastor, você deve ter mencionado ao telefone que iria visitar essa pessoa nesse horário.

– Isso é normal, respondi. Sempre digo à minha esposa onde estou indo. Ela sempre sabe o que estou fazendo e onde estou.

– A única forma dele saber seria uma escuta telefônica, falou. Como não há escuta telefônica poderia haver uma escuta diferente! O que o pastor falou com a esposa chegou aos ouvidos dele por outros meios! E se ele queria pôr as mãos no pastor e matá-lo, precisava ficar a par do seus próximos passos, arrematou.

Então o nó começava a ser desatado e o fio da meada encontrado.

– Quem sabe aí está a razão daqueles homens baterem aquela noite na casa da serra à minha procura. Sempre me perguntei como souberam que eu estava lá! É isso, deve haver uma escuta aqui no gabinete! – Mas tem uma coisa, o episódio da serra aconteceu depois da morte do Manoel, falei.

– Mas o Paulo está vivo – disse-me o obreiro. Manoel sabia o que estava acontecendo com o pastor. Ele morreu. E quem ficou com a casa dele?

Não havia dúvidas de que eu continuava sendo investigado!

– Mas quem teria colocado uma escuta em meu gabinete?

– É a coisa mais simples de se fazer! Qualquer pessoa faria isso em poucos segundos, não é mesmo?

– Outra coisa, pastor, disse-me o obreiro. Na noite do temporal lá na pousada no alto da montanha houve um acidente na estrada em que quatro homens, aparentemente policiais, morreram. Só fiquei sabendo ao chegar em casa lendo uma nota no jornal.

Está aqui o recorte.

Na noite de sexta para sábado, quatro policiais civis morreram quando o carro em que viajavam capotou em meio a uma tempestade na subida da Linha Maioral na serra. Ninguém viu o acidente porque

chovia muito e uma forte neblina cobria a região. O carro acidentado só foi visto no fim da manhã de sábado por um colono que conduzia sua carreta de bois por uma pequena estrada no vale. Era perto do meio-dia quando o brilho do sol refletiu sobre algo que chamou a atenção do carreteiro. Por estar numa região de difícil acesso, o homem só se certificou de que era um carro capotado uma hora depois. Apenas domingo pela manhã os corpos foram retirados do local.

- Mas isso é interessante, observei.

- Quer dizer que nem vimos que havia um acidente no sábado à noite quando regressamos, falei.

- Notei que havia um caminhão guincho na beira da estrada e que alguns homens trabalhavam ali, mas achei que se tratava de um automóvel enguiçado. Estava muito escuro, falou o obreiro.

- Tudo leva a crer que aqueles homens que morreram na estrada sabiam que o pastor estava se dirigindo à pousada. O assunto foi tratado aqui em seu gabinete. O irmão teria falado com alguém ao telefone sobre nossa ida ao monte?

- Claro, respondi, tive que combinar a saída com cada um de vocês. Suas esposas também sabiam.

“O anjo do Senhor acampa-se ao redor dos que o temem e os livra”, diz o Salmo. A tempestade que surgiu tão repentinamente na noite de sexta impediu que os homens chegassem à pousada.

- Há um detalhe aqui, falei. Eles não poderiam nos fazer mal na pousada. Quem sabe pensaram em fazer alguma emboscada no meio do caminho?

- Aí está, disse-me o obreiro. Havíamos planejado sair da capital às oito da noite para chegar no local apenas na hora do jantar, às dez! E saímos às cinco da tarde! Pela escuta tomaram conhecimento do horário das oito! Pensaram em sair antes de nós, mas como mudamos o horário pegaram todo o temporal no caminho.

- Mas há outro detalhe significativo, falei. Mudei o horário de saída usando o telefone lá de casa e não do escritório!

- Claro, um dos obreiros não tinha como sair tão cedo devido ao trabalho em sua empresa, por isso concordamos que sairíamos às oito – disse-me.

- E ele me ligou na hora do almoço comunicando que poderíamos sair mais cedo porque seu último compromisso da sexta fora cancelado, relatei. Deus é bom.

Deus é muito bom! Os homens fazem planos, mas a ação vem do Senhor!

- Está na Bíblia, falei.

- Então, mãos à obra. Deve haver uma escuta aqui no gabinete pastoral. Vamos averiguar juntos. – Hoje à noite temos culto de oração. Quero os membros da equipe pastoral aqui comigo. Mãos à obra! Vamos chamar um técnico e encontrar essa escuta telefônica!

Nessa noite, pela primeira vez, em seis meses, Constantina compareceu ao culto de oração. Notei que estava transtornada.

– Que surpresa!! Você nunca conseguiu comparecer ao culto de oração, comentei.

– Pois é, falou. Hoje achei por bem matar a aula na faculdade e vir ao culto. Preciso ter uma conversa de gabinete urgente com o pastor.

– Não durante o culto, respondi. O culto de oração é prioridade na vida da igreja.

– Mas deixe o culto com os demais obreiros. Todos estão aqui esta noite, falou Constantina. Preciso confessar-lhe algo e tem que ser a sós no gabinete.

Desconfiado, respondi:

– De maneira alguma. Creio que o culto de oração lhe fará muito bem. Depois conversamos!

– Será que posso ficar a sós no seu gabinete para relaxar um pouco? – perguntou. O dia foi estressante.

– Há uma sala de oração e meditação ao lado, falei. É um bom lugar para você ficar a sós e orar. Mas às oito e meia quero ver você no templo, conosco, participando da oração. Essa primeira parte tem um cântico e uma breve palavra da Bíblia.

Abri a sala contígua ao gabinete e a deixei ali, sozinha. Meu gabinete estava trancado à chave! Só então tive aquele clique!

Chamei o obreiro que falara do *flash* e do clique – estalo - e lhe confidenciei minha preocupação:

– Me deu um clique, falei. Constantina nunca veio à reunião de

oração e hoje que decidimos fazer uma varredura no gabinete pastoral depois do culto de oração ela apareceu e, coincidentemente pediu aconselhamento especial. Como neguei, pediu para ficar à sós no gabinete. Não consenti. O que você queria dizer com clique? Perguntei.

– Ah! *Flash* e clique estão associados. Sempre que há um *flash*, há um clique, como na máquina fotográfica! – falou o homem.

– Pois tive um clique agora mesmo! – comentei.

Alguém afirmou que a melhor defesa é o ataque. Depois de meia hora sentada na ante sala do gabinete, a mulher estava mais tranqüila. Vestindo elegantemente um conjunto de tons claros, a alegria e o sorriso nos lábios voltaram à face da moça. Aproximamo-nos os cinco e a convidamos a entrar no gabinete. – Vou orar a Deus nessa hora, falei, e o temor de Deus irá se apoderar deste lugar. Constantina: sei que você nunca participou de uma reunião de oração aqui na igreja, e você participará de uma reunião especial. Recebemos luz de Deus de que há uma escuta neste gabinete; não sabemos onde, e você irá orar conosco pedindo a Deus que nos revele onde está. Li novamente o texto de Daniel 2 e orei: “Senhor, tu que conheces o oculto e escondido, revela-nos se há ou não escuta neste gabinete. E a ti daremos honras e glórias para sempre. Amém.” – Amém, responderam todos.

- Onde costumam colocar escutas? – perguntei inocentemente.

- Vasos de flores, dentro do telefone, sob as mesas, e distantes o suficiente para captar qualquer conversa. Um dos homens fez sinal e entrou um técnico em espionagem previamente chamado para comparecer à reunião. Ele abriu o telefone, investigou e nada encontrou. Colocou as cadeiras de pernas para o ar. Nada. Retiramos tudo o que havia sobre as mesas: computador, fax, impressora, livros, Bíblias e viramos uma por uma. Nada. Examinamos as prateleiras de livros. Nada. Desmanchamos os arranjos dos vasos de folhagens artificiais. Também nada. Examinamos os quadros da parede. Limpos.

- Tem de estar em algum lugar onde se poderia colocar em questão de segundos, avisei. Nunca me afasto por muito tempo com alguém na sala esperando.

- Bem, disse o técnico. Vamos recomeçar. Nesse caso terei que usar meu rastreador eletrônico.

Abriu uma pequena pasta e tirou dali um minúsculo aparelho que

identifica ondas de rádio – era nosso James Bond da noite!

- Enquanto você investiga melhor, queremos conversar com Constantina na sala ao lado, avisei.

Na sala ao lado estava a cabeleireira que a atendeu no salão. Eu pedi à minha esposa de trazê-la para ver se Constantina era ou não a pessoa que havia estado lá.

Cerca de cinquenta irmãos estavam no culto orando. Ao iniciar a reunião lhes pedi que orassem especificamente por sabedoria e conhecimento de Deus para a vida da igreja e pelos obreiros. De onde estávamos podia-se ouvir o clamor das pessoas em oração, entrecortados por aleluias e tem misericórdia, Deus. Deixei Constantina com os obreiros e entrei no gabinete. Colado sob o monitor, na parte de trás, próximo ao pedestal que o firma sobre a mesa o técnico encontrou um minúsculo microfone. Parte do problema fora solucionado! Pensei em gritar aleluia, mas recuei. Poderia ser ouvido em algum lugar!

Minha esposa explicou a Constantina que o motivo de apresentá-la à cabeleireira na sala ao lado era que a mulher andava à procura de uma cliente que testemunhara um assalto – e de fato o salão havia sido assaltado por aquele tempo. A cabeleireira foi logo dispensada.

Depois que encontramos o dispositivo eletrônico, minha esposa e eu, sentamo-nos no gabinete para ouvir o que Constantina tinha a dizer. Sabiamente ela conversou sobre um amor platônico que mantinha com um homem casado da igreja. Estava apaixonada e guardava o amor em seu coração, esperando um dia declarar-se a ele. Não levamos o assunto a sério. Nos próximos dias tudo iria se resolver.

Dispensamos Constantina. Saiu sem saber se encontráramos ou não a escuta! Ela não poderia sair dali com a impressão de que suspeitávamos dela. E de fato saiu tranqüila, entrou no carro e dobrou a esquina da igreja. Mas nosso técnico em espionagem seguiu-a à distância de carro com outro obreiro. Ela se dirigiu para o decadente bairro do 4º distrito, deu sinal de luz e o portão da antiga casa de Paulo se abriu! Suspeitei de que a escuta estivesse na casa de Paulo!

Confirmaram-se as suspeitas. Constantina era a mulher que a cabeleireira identificou – a ponta do fio que produziu tantas fofocas na igreja!

Vieram tempos de paz!

## Capítulo 13

### A Vareta Quebrada

Constantina desapareceu. Literalmente desapareceu. Desapareceu da igreja e deve ter desaparecido da cidade! Uma pequena nota no jornal falava do desaparecimento de uma mulher, com outro nome, e suspeitei que fosse Constantina. A polícia não tinha pistas de onde encontrá-la.

A casa de Paulo ficou pronta antes do inverno. As enormes janelas de ipê lindamente envernizadas, a porta da garagem de madeira trabalhada, a chaminé de latão que se erguia acima do telhado eram indícios de uma casa confortável. Fiz questão de nunca mais encontrá-lo, depois da ameaça que me havia feito. Acompanhei o desenrolar dos fatos - sua mudança, o que haveria na casa, etc., - através do empreiteiro que construía a casa. Aproveitava as caminhadas para passar por ali. Parava e orava em frente da casa dele e, mais adiante na casa de Roberto e Marina. Numa das caminhadas entrei na edícula onde seria erguido o lugar para sacrifícios de animais. Várias vezes orei ali pedindo que Deus interviesse naquele lugar. Até pensei em orar: “Deus, anula toda obra de feitiçaria que for feita aqui”.

Sempre achei que os homens que estiveram à minha procura na casa da serra – fui salvo por haver dado uma caminhada – eram os mesmos que capotaram o carro durante o temporal ocorrido nos dias em que estive na pousada com os obreiros. Agora sei como souberam de minhas viagens e porque estiveram à minha procura na serra. Fiquei mais tranquilo e nem precisei ter cuidados redobrados. Mas nunca fiquei sabendo como o Manoel soube que eu estava para visitar o borracheiro. A mulher que colocara a escuta no meu gabinete “convertera-se” tempos depois! Voltei à minha rotina de trabalho, os horários de saída de casa; a andar com o meu carro, mas jamais deixei de orar:

- Senhor, esconde-me à sombra das tuas asas; oculta-me em teu esconderijo. E Deus fez isso: todos os dias sentia que estava protegido e que mal nenhum me sucederia. A oração que Jesus ensinou, “livra-nos do Mal”, passou a ser minha oração diária!

- Bem, alguns diriam - alguém que queria ver você fora do caminho, “cobras mandadas” para intimidá-lo!



Paulo continuou a manter o bar, onde antes era a borracharia, a casa que pertencera ao Manoel, e continuava a receber pessoas na casa do 4º distrito quando as sombras da noite desciam sobre a cidade. Se conseguiu surrúpiar - sem que se provasse - os recursos de Manoel, quem eram, agora, suas vítimas? Não há dúvidas de que empresários bem sucedidos, mulheres ricas frustradas, e pessoas do alto escalão governamental envolviam-se com ele. Alguns poderiam ter vidas duplas: eram casados, com filhos, mas envolviam-se sexualmente com ele. Paulo era o tipo que não hesitava em atender os dois sexos, desde que o dinheiro aparecesse. E mais: por se relacionar bem com pessoas, servia de ponte entre empresários, mulheres e abria-lhes caminho no mundo dos negócios. Além do mais, chamava essas pessoas para sua casa e ali realizava seus trabalhos. Ao residir no novo bairro, Paulo surgia como um novo rico, vivendo, agora, próximo de sua clientela. Paulo, no entanto, não desistiu das casas do bairro decadente e de suas atividades ali.

Numa ocasião vi a foto dele no jornal, ao lado de autoridades na inauguração de uma obra pública da cidade. O governo passou a incluir entre os que participavam do palanque inaugural, padres, pastores e pais-de-santo; e, Paulo, apesar de não se encaixar, necessariamente em nenhuma dessas atividades, estava ali. Não havia dúvidas. Ele agora controlava as pessoas e o mundo espiritual ao seu redor. Era um controle através do sexo, drogas e trabalhos espirituais.

À medida que eu aconselhava pessoas descobria que sempre havia uma “vareta” indicando ligações com o mundo das trevas. Um condomínio onde todos eram controlados pelo síndico que fazia o que lhe desse na telha sem que ninguém objetasse; uma escola onde funcionava livremente a venda de drogas sem que ninguém agisse; um cartório em que o proprietário tinha ligações com o mundo das trevas, etc. Eram pessoas que lidavam ou eram controladas por algum tipo de “guia”, ou “guru” espiritual na cidade. Mas o que descobri naqueles dias era algo bem maior: o governador do Estado declarou que era guiado por forças espirituais que agiam no palácio e o orientavam nas decisões a tomar. Foi algo surpreendente! Um governador dominado por forças espirituais do além! E ninguém, pelo que vi, objetou ou escreveu para os meios de comunicação da cidade. Várias reportagens no jornal local falavam

do envolvimento do governador com os espíritos. Tenho quase certeza que nos corredores e porões do palácio havia trânsito fácil para a figura desse eclético controlador do mundo espiritual: Paulo.

Fiquei pensando no que Manoel Espíndola me dissera: Cada vareta que forma a estrutura do guarda-chuva está ligada uma às outras e ao cabo central. Esse cabo central forma a base ou estrutura para que o pano forme o guarda-chuva. Quando se descobre que a violência estrutural - aquela que vem de cima - está diretamente relacionada com o mundo espiritual, e quando, seguindo-se pela vareta do guarda-chuva descobre-se que ela não age isolada, mas faz parte de um todo, então está feita a base para a “cobertura”. O mundo espiritual é assim mesmo. Há um pano que cobre as varetas, uma cobertura que as esconde. Quando se abre um guarda-chuva não se dá muita atenção às varetas, mas ao pano. Ele é a cobertura; as varetas a sustentação. Nesse caso, o pano do guarda-chuva e as varetas formam uma cobertura espiritual aos líderes do ocultismo na cidade!

Então é isso, pensei. As varetas são os príncipes das trevas - líderes de religiões mundiais - o cabo é o poder de Satanás; o pano as trevas que tomam conta de uma cidade, estado ou nação! Mas a estrutura do guarda-chuva fala também de “armação”. É isso o que Manoel queria dizer: há uma armação, feita de amarração que une as varetas umas às outras e aos cabos. É preciso quebrar esse domínio do mundo espiritual sobre as pessoas, decidi. E as armas espirituais estão à disposição dos crentes e da igreja para lutar contra as trevas. São armas que anulam sofismas, isto é, mentiras com aparência de verdade; linguajar bajulador que ilude as pessoas; astúcias e laços nas culturas regionais. São armas que destroem fortalezas satânicas e essas fortalezas dominam a mente das pessoas. Que armas são essas? Oração, pregação da palavra de Deus, autoridade do Nome de Jesus Cristo, o poder do sangue de Cristo e submissão dos crentes uns aos outros e a Deus! Se não podíamos derrotar todo o poder de Satanás - já que ele é apontado por Jesus na Bíblia como o príncipe desse mundo e ciente de que o poder do diabo será quebrado somente quando Cristo voltar para reinar sobre a terra - precisávamos quebrar algumas varetas ou desamarrar umas das outras. Precisávamos anular a armação que dava cobertura ao mundo espiritual.

É essa a atuação dos evangelistas e apóstolos: eles atacam com o poder do evangelho e com a autoridade do nome de Jesus Cristo a estrutura do governo de Satanás sobre uma cidade. Enquanto o guarda-chuva está aberto as pessoas submetem-se ao domínio das trevas, mas fechado o guarda-chuva elas conseguem expor-se ao sol de Deus ou à chuva que lava e purifica a alma.

Ao refletir sobre o mundo espiritual da cidade, entendi que o Paulo nem era uma vareta no esquema do diabo, nem uma daquelas varetas pequenas que dão estrutura à maior, mas um nó, ou uma amarração. Quer dizer, apesar de seu poderio no mundo espiritual, ele era apenas um pedacinho de arame que amarrava a estrutura da vareta do guarda-chuva espiritual. E por que não confrontá-lo com o poder do evangelho? Por que não agir com ousadia e desafiá-lo a abandonar as trevas?

Apesar de nunca mais encontrar o Paulo, pedi ao Roberto e Marina que tentassem evangelizá-lo, afinal, Paulo era vizinho deles. Primeiramente esses irmãos o procuraram por telefone; depois, colocaram alguns folhetos na caixa de correio da casa e, por fim, foram lá pessoalmente.

Cordial, Paulo os recebeu, - mas, disse, tenho minha religião e estou feliz assim.

E, olhando para Marina acrescentou:

- Fiquei sabendo que você não esteve bem de saúde, mas vejo que agora tudo está bem.

- Claro, respondeu Marina, Jesus me libertou do poder dos demônios e tirou-me das trevas.

- Que bom que você encontrou uma saída para seus medos, afirmou, - porque a maioria das pessoas se perde na emaranhada teia do medo e não consegue se libertar.

Desculpou-se que tinha muita coisa a fazer, e os dois se retiraram.

- Bem, falou Marina em meu gabinete - pelo menos estamos livres do sangue desse homem! No dia do juízo não poderá desculpar-se diante de Deus nem culpar os vizinhos crentes por nunca lhe haverem pregado o evangelho.

Pelo menos sabíamos que estava envolvido com os poderes das trevas e começamos a orar pela conversão de Paulo e também pedindo a Deus que desvendasse diante da mídia a cortina de trevas que esse homem trazia sobre a cidade.

## Final

Um ano se passou desde que Fred e eu nos livramos daqueles homens na serra. Na noite de sexta-feira santa algo aconteceu que mudou o rumo dos acontecimentos para Paulo. Satanás é mentiroso e tem rabo grande; sempre haverá de ser encontrado, pois a mentira jamais conseguiu convencer diante da verdade; o rabo do diabo, por mais que se esconda aparece por trás dos grandes acontecimentos. Enquanto os cristãos comemoram na sexta-feira santa o dia de sua redenção e libertação, os adoradores do diabo usam esse mesmo dia para debochar e zombar da obra de Cristo. E o fazem com sacrifícios - geralmente de um porco - orgias, bebedeiras, cruces de cabeça para baixo e adoração ao Príncipe das Trevas.

O Diabo é astuto e se encarrega, ele mesmo, de dar fim nos seus servidores; decide quem morre e quem deve desaparecer de cena! Com tantos amigos na polícia, nas altas esferas do governo, e trabalhando espiritualmente para tanta gente, Paulo passou a sentir-se imune a tudo. Ele detinha em suas mãos a vida de muita gente. (O diabo, por sua vez, o detinha em suas mãos!) Quem iria denunciá-lo? Os que poderiam fazer-lhe denúncia estavam presos às suas obras espirituais. As esposas desses líderes o consultavam; ele as mantinha presas espiritualmente. Seus maridos também. Quem iria querer que sua homossexualidade viesse a público? Que seu relacionamento extraconjugal viesse à tona? A trama do diabo foi bem preparada, a ponto de Paulo nem desconfiar de que poderia, a qualquer momento, cair no laço que ele armara para tantas pessoas. Foi o que aconteceu. Estrategista como é, o diabo o controlava. Paulo nem desconfiava.

A Corregedoria da Polícia estava investigando denúncias anônimas do envolvimento de certos policiais com drogas e prostituição. O serviço de inteligência da polícia suspeitava da existência de pedófilos e de exploradores sexuais, e precisava obter provas para efetuar as prisões. Na polícia é assim. Você pode estar sendo investigado por seu melhor colega! Alguns da alta esfera da polícia, presos ao esquema de Paulo, precisavam livrar-se do homem que os amarrara com cordas de aço. Sentiam-se presos ao poderoso homem do Palácio do Governo! Mas não tinham

como agir e nem imaginavam que um plano estivesse em curso.

Apesar do segredo em torno da festa preparada para acontecer na Sexta-feira da Paixão, o serviço secreto da polícia descobriu que na zona sul iria haver um encontro na mata. Um juiz de Direito imaginou um plano para prender os envolvidos na festa macabra; conseguiu incluir seu filho, menor de idade, mas com aparência de adulto a participar da festa na zona sul. Não se prende alguém por prática religiosa, nem protestante nem satanista. Era preciso uma denúncia! A polícia estava investigando o envolvimento de adolescentes em rituais de magia negra, e o filho do juiz foi a “isca” para prender os envolvidos.

Na segunda-feira, ao abrir o jornal me deparei com a notícia dos acontecimentos daquele fim de semana:

A polícia prendeu nesse final de semana o líder de uma seita - supõe-se satanista - durante um ritual de magia negra nas matas junto ao rio na zona sul da cidade. Há tempos a polícia investigava a participação de um homem conhecido na Zona Norte, envolvido com a prostituição, exploração de mulheres e travestis, tráfico de drogas e pedofilia. Seu nome foi mantido em sigilo porque políticos e empresários envolviam-se com ele em trabalhos de cunho espiritualista. A reportagem descobriu tratar-se de Paulo - esse não é o seu nome verdadeiro - que liderava uma rede de negócios na cidade.

Foram todos surpreendidos, bêbados e nus, dançando e mantendo relações sexuais ao redor de uma fogueira, enquanto um porco queimava sobre as brasas de um altar de pedras. Um estreito caminho iluminado por velas pretas levava as pessoas até o altar, edificado junto a uma cachoeira. A polícia tinha suspeitas do envolvimento de menores e deu ordem de prisão a Paulo. O filho menor de um juiz participava da festa. Detido na noite de sexta-feira santa, a polícia esperava o término do feriado para tomar os depoimentos do acusado. No entanto, Paulo apareceu enforcado domingo pela manhã na cela em que era mantido preso no Palácio da Polícia...

Era uma pequena nota, sem destaque, num canto da página policial. Nessa hora os amigos desaparecem. Ninguém conhece ninguém. Mas as denúncias surgem como pipocas estalando na chapa quente. Tráfico

de drogas e sedição de menores acabaram por incriminar na justiça o homem que detinha o comando espiritual da vida de tantas pessoas. Envergonhado e sem amigos, Paulo apareceu morto na cela da prisão no Domingo de páscoa. Suicídio ou “queima de arquivo?” A pergunta ficou no ar.

- Suicídio, afirmou o delegado numa nota à imprensa.

Notícia interessante para uma segunda-feira. Enquanto sorvia um gole de café, meus pensamentos percorreram os acontecimentos dos últimos dois anos. Custei a acreditar no que lia no jornal. Fiquei ali a imaginar o que Manoel me dissera quando conversávamos na praça sob a sombra do imponente guapuruvu. Agora entendia claramente o que significava o guarda-chuva do Diabo! Quando uma vareta é quebrada o guarda-chuva não é mais o mesmo! Peguei a Bíblia. O texto de Isaías 49.2 me veio à mente: “Fez a minha boca como uma espada aguda, na sombra de sua mão me escondeu; fez-me como uma flecha polida, e me guardou na sua aljava”. A flecha polida de Deus rasgou o guarda-chuva do Diabo!

Isaias, o profeta da Bíblia usa a figura do guerreiro que aproveitava a trégua da batalha para polir sua flecha. Ele a deixava pontiaguda, afiada, e depois, guardava-a em sua aljava. No momento certo seria usada para ferir o inimigo!

Nós somos as flechas que Deus trabalha e guarda para serem usadas no momento certo! Quando o inimigo estiver atacando o povo de Deus, ele toma uma de suas flechas bem polida e trabalhada, e lança contra o inimigo! O vulnerável guarda-chuva do Diabo é rasgado pela flecha divina!

No domingo em que os cristãos celebravam a ressurreição de Jesus, entoando louvores a Deus, Paulo partiu dessa terra para se encontrar com seu supremo chefe espiritual. O Orco insaciável estará sempre cheio de pessoas como Paulo!

A oração prevaleceu! As trevas não têm poder quando a Luz de Cristo aparece!

Os que confiam no Senhor são protegidos pela sombra do Onipotente!

**Contatos com o autor:**

**Site: [www.pastorjoao.com.br](http://www.pastorjoao.com.br)**

**E-mail: [pastor.escritor@pastorjoao.com.br](mailto:pastor.escritor@pastorjoao.com.br)**

**Twitter: [@pastorjoao](https://twitter.com/pastorjoao)**

**Facebook: [http://www.facebook.com/home.php#!/pages/  
Jo%C3%A3o-de-Souza-Filho/153860531314447](http://www.facebook.com/home.php#!/pages/Jo%C3%A3o-de-Souza-Filho/153860531314447)**